

revista

# Carilante

ANO VI - Nº 21 - 06 DE FEVEREIRO DE 2018  
ISSN 2238-1414

O poema atravessado pelo povo

**Além  
da cerca rompi  
da  
argila  
toda feita  
para mãos  
feridas  
com-pressa  
de reinventar  
Deus**

**Christina Ramalho**



# Editorial

A edição de dezembro de 2017 precisou de uns dias a mais para vir a público, mas valerá a pena conhecer seu diversificado conteúdo, que traz surpresas, como a participação da escritora Salma Ferraz, famosa por seus contos irreverentes, e do cabo-verdiano Manuel Brito-Semedo, escritor e professor

Na seção de artigos, Claudiane Cunha, Gisela Reis, Mayara Anjos, Juliana Ribeiro e Joilda Alves de Oliveira em parceria com Christina Ramalho apresentam leituras críticas sobre diferentes expressões literárias, entre elas a poesia contemporânea, objeto de especial interesse nesta edição.

Poemas de Lívio de Oliveira, Samuel de Mattos, José de Castro, Clécia Santos, Fátima Gonçalves, Maria Gabriella e Paula Belmino são exemplos da poesia contemporânea nordestina e brasileira.

O conto de Salma Ferraz, “Não há céu para os oblíquos”, revela, mais uma vez, a veia bem-humorada com que a escritora paranaense analisa criticamente as mazelas do mundo.

Na seção de ensaios o professor João da Mata nos presenteia com os seus maravilhosos textos e a escritora Rosângela Trajano traz a sua singularidade na escrita.

O cordel de Rosa Regis traz uma mistura nordestina do conto de Andersen “A menina dos fósforos” para saborearmos.

Na seção de crônicas, uma excelente novidade: a partir desta edição teremos, como coluna fixa de crônicas, a seção “Esquina do tempo”, do escritor e professor cabo-verdiano Manuel Brito-Semedo, inaugurada com “Dó-Di-Dó, o Mindelense Brasileiro”, que nos apresenta Nhô José Brasileiro, ou melhor, “Dô di dô, dô di quá”. Doutor em Antropologia, autor e organizador de diversos livros, professor da Universidade de Cabo Verde, membro da Academia das Ciências e de Humanidades de Cabo Verde, da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa, da Cátedra Amílcar Cabral e da Associação de escritores Cabo-Verdianos, Brito-Semedo, generosamente, oferecerá aos leitores e às leitoras da *Revista Barbante* o prazer de fruírem de seus textos inteligentes, críticos, bem-humorados, agudos... Nossos agradecimentos a ele.

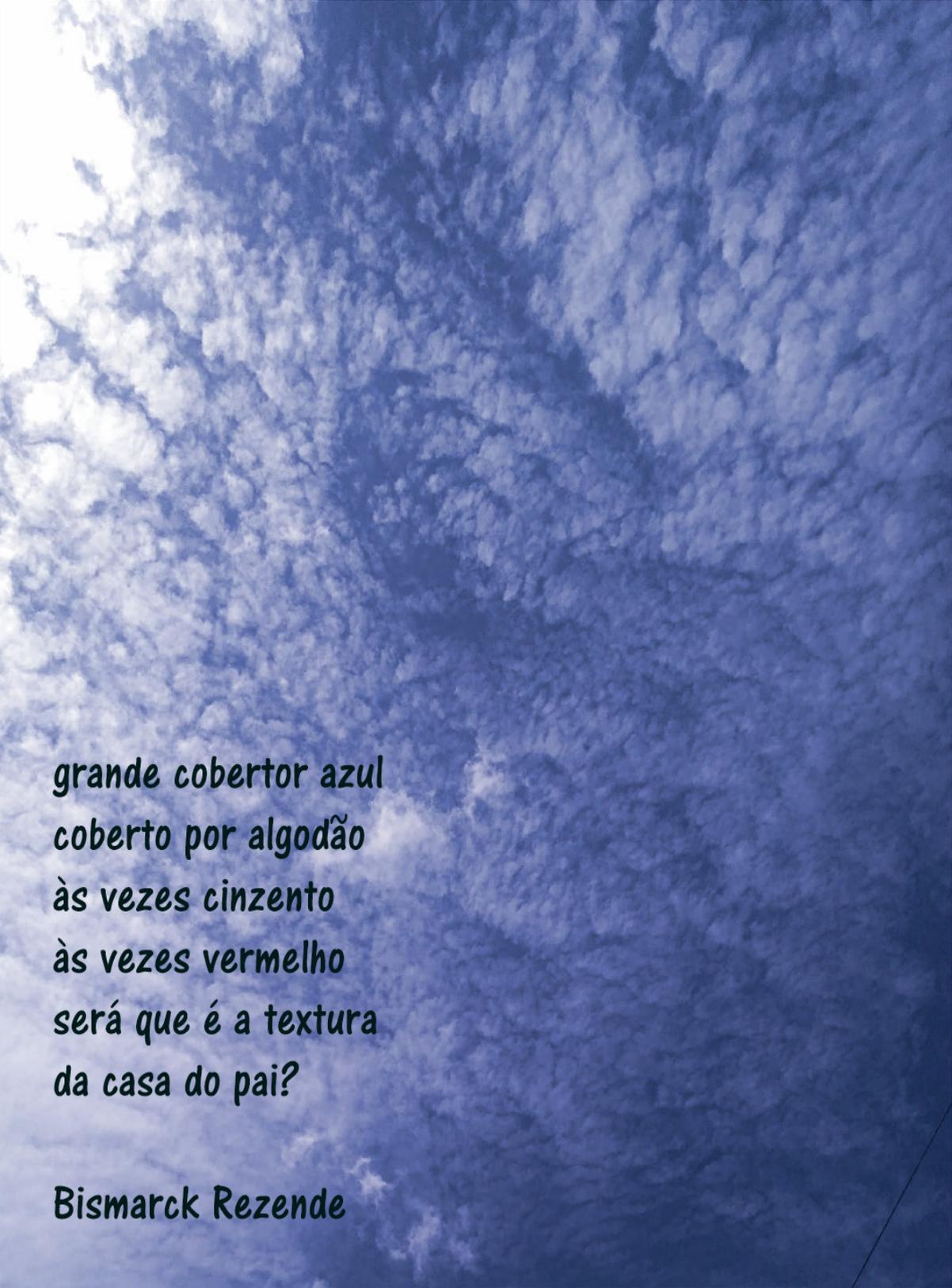
Trazemos também a crônica de John Teles, cujo texto apresenta a brevidade e a agudeza que a crônica pode possuir.

Já a seção de resenhas traz três contribuições. Éverton Santos... Christina Ramalho, por sua vez, fala dos livros *Hora de fogo* (poemas de Helena Parente Cunha) e *Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde*, livro recém-lançado na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, e que reúne poemas, contos, crônicas e artigos de escritores e escritoras da Academia Cabo-Verdiana de Letras e da Academia Gloriense de Letras.

Por último, as ilustrações desta edição foram resultado de exercícios de criação literária realizados durante as aulas da disciplina Criação Literária, ministrada por Christina Ramalho, no Curso de Letras do campus Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe.

Desejamos boa leitura a todos!

As editoras.



*grande cobertor azul  
coberto por algodão  
às vezes cinzento  
às vezes vermelho  
será que é a textura  
da casa do pai?*

*Bismarck Rezende*

# Artigos

## O POEMA ATRAVESSADO PELO POVO

Christina Ramalho<sup>1</sup>

Joilda Alves de Oliveira<sup>2</sup>

:

Consideração do poema

[última estrofe]

Já agora te sigo a toda parte,  
e te desejo e te perco, estou completo,  
me destino, me faço tão sublime,  
tão natural e cheio de segredos,  
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,  
o povo, meu poema, te atravessa.

(DRUMMOND, 183, p 58)

### Introdução

Este artigo é parte da produção parcial do Projeto de Pesquisa intitulado “Como elaborar oficinas de leitura e produção de poemas para o Ensino Médio?”, desenvolvido, a partir de agosto de 2017, no Curso de Letras de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Após uma primeira etapa de leituras teóricas sobre o gênero lírico, passamos à fase de a partir de um poema dado, refletir sobre o processo de criação de um poema, incluindo as considerações sobre a relação entre poesia e a realidade. O trabalho com o poema de Ferreira Gullar, “Meu povo, meu poema”, gerou as breves conclusões a seguir apresentadas.

A imagem do verso de Drummond (“...Tal como uma lâmina,/o povo, meu poema, te atravessa”) pareceu-nos excelente porta de entrada para duas reflexões sempre instigantes para a crítica literária. Começamos por: qual é de fato e por que meios se dá a relação entre a criação lírica de um poeta ou poetisa e o contexto histórico e cultural no qual este ou esta se insere, principalmente quando esse contexto surge representado pela forma significativa da palavra “povo”? Dessa primeira, uma derivada: o povo, no poema, é lâmina, pretexto, preocupação, identidade, símbolo de consciência crítica ou apenas mais um entre os tantos temas pelos quais a criação lírica passeia? Em segundo lugar, uma questão que troca os referentes: e o fato de a literatura circular ou não entre o povo? Como abordá-la?

Para discutir essas vertentes, ninguém melhor que nosso Antonio Candido, cuja atualidade crítica é indiscutível, ainda que, em termos de visão dos encaminhamentos políticos e sociais da segunda questão, seja necessário um

---

1 Doutora em Letras (UFRJ, 2004), professora do curso de Letras (campus Itabaiana) da Universidade Federal de Sergipe. Especialista em estudos épicos e ensino de poesia.

2 Graduanda do Curso de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora voluntária do PIBIC, projeto PVE5086-2017 – Como elaborar oficinas de leitura e produção de poemas para o Ensino Médio?

contraponto entre as colocações de Candido, datadas do final dos anos 80, e as de Achille Mbembe, que, em plano século XXI, denuncia retrocessos alarmantes relacionados aos Direitos Humanos, incluídos aí os problemas decorrentes da estratificação do conhecimento.

### **O povo, no poema, é símbolo de consciência crítica?**

Poeta de fôlego e ecletismo famosos, o maranhense José Ribamar Ferreira, nosso Ferreira Gullar, não só em *Poema sujo*, mas em diversas obras, sempre se manteve atento às mazelas políticas e às injustiças praticadas contra o povo brasileiro. O autoexílio, em 1971, que duraria até 1977, comprova sua “verve” crítica e o “perigo” que seu olhar nada descomprometido representava. O poema “Meu povo, meu poema”, publicado em *Luta corporal*, de 1954, faz-se, no âmbito da investigação sobre as relações entre criação e contexto, uma ótima fonte de reflexão. Nele, Ferreira Gullar expressa sua poética de então: a poesia motivada pelo referente e a consciência de que o poema não só representa uma estrutura significativa capaz de captar a “voz do povo” como ser, igualmente captada por ela, numa troca que leva ao crescimento, ao amadurecimento.

Eis o poema:

#### MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos  
como cresce no fruto  
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo  
como no canavial  
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro  
como o sol  
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema  
se reflete  
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo  
menos como quem canta  
do que planta  
(1966, p. 147)

Desde o título, em que o Eu Lírico se manifesta na primeira pessoa do singular, o poema já apresenta traços de redundância. O duplo “meu” – sustentado pelo uso da vírgula, que evita a separação dos referentes “povo” e “poema” – sugere o espelho, a fusão desses referentes numa concepção poética em que texto e contexto estão vinculados, gerando uma unidade semântica. Tais traços, contudo, poderão ser ratificados na observação das cinco estrofes que reúnem os quinze versos do poema. Detalhemos alguns aspectos relacionados à estrutura poemática e, para isso, observemos a escanção do poema e a discriminação de sua estrutura rímica.

#### MEU POVO, MEU POEMA

Meu/ po/vo e /meu/ po/e/ma/ cres/cem/ jun/tos - 10 sílabas métricas (a – untos)

co/mo/ cres/ce/ no/ fru/to - 6 sílabas métricas (b – uto)

a /ár/vo/re/ no/va - 5 sílabas métricas (c – ova)

No/ po/vo/ meu/ po/e/ma/ vai/ nas/cen/do - 10 sílabas métricas (d – endo)

co/mo/ no/ ca/na/vi/al - 7 sílabas métricas (e – al)

nas/ce/ ver/de o a/çú/car - 5 sílabas métricas (f – úcar)

No/ po/vo/ meu/ po/e/ma es/tá/ ma/du/ro - 10 sílabas métricas (g – uro)

co/mo o /sol - 3 sílabas métricas (h – ol)

na/ gar/gan/ta/ do/ fu/tu/ro - 7 sílabas métricas (g – uro)

Meu/ po/vo em/ meu/ po/e/ma - 6 sílabas métricas (i – ema)

se /re/fle/te - 3 sílabas métricas (j – ete)

co/mo a es/pi/ga /se /fun/de em/ te/rra/ fér/til - 10 sílabas métricas (k – értil)

Ao/ po/vo/ seu/ po/e/ma a/qui/ de/vol/vo - 10 sílabas métricas (l – olvo)

me/nos /co/mo /quem /can/ta - 6 sílabas métricas (m – anta)

do /que /plan/ta - 3 sílabas métricas (m – anta)

Como se vê, o poema de Gullar possui cinco estrofes, com três versos cada, logo, é composto por cinco tercetos. Fazendo uma primeira leitura rápida, nos parece que os versos não obedecem a uma ordem dentro de cada estrofe. Cada verso possui uma quantidade diferente de sílabas métricas, com exceção dos primeiros versos da 1ª., 2ª., 3ª. e 5ª. estrofes, que são decassílabos. A rima, como destaca Candido em sua obra *O estudo analítico do poema*, é um elemento de extrema importância na composição poética. No poema que aqui analisamos, a rima se mostra com maior destaque nas estrofes três e cinco, as quais exploraremos a seguir.

Nas estrofes um, dois e quatro, não é possível identificar a presença de rimas consoantes, ainda que a primeira estrofe apresente a rima toante em [u] (juntos e fruto) e a quarta, a toante em [ ] (reflete e fértil). Contudo, nas estrofes três e cinco, temos a presença do recurso rítmico. Vejamos a terceira estrofe: “No povo meu poema está maduro/como o sol/ na garganta do futuro”, a palavra final do primeiro verso da estrofe rima com a última palavra do terceiro verso e formam a rima cruzada (maduro/futuro). Trata-se de uma rima consoante, na qual da vogal tônica da sílaba final ao fim da palavra há coincidência fonética. A rima entre as palavras ‘maduro/futuro’ pode ser classificada como rica, pois, dentro do poema e da estrofe selecionada, ‘maduro’ é um adjetivo que caracteriza o poema. A palavra ‘futuro’ assume a posição de substantivo (“do futuro” é adjunto adnominal de “garganta”).

Ainda sobre a rima, temos, na quinta estrofe: “Ao meu povo seu poema aqui devolvo/ menos como quem canta/do que planta”. Na primeira linha da quinta estrofe, podemos destacar uma espécie de rima imperfeita entre as palavras povo e devolvo. Nesse caso, é visível que a semelhança entre as sílabas finais das duas palavras traz um efeito rítmico. Partindo para o segundo verso, encontramos a rima consoante emparelhada, que se dá entre o segundo verso e o terceiro: canta/planta. Trata-se de uma rima pobre, visto que, no poema, ambas são verbos.

Observemos também a repetição das palavras: no; meu; povo; poema. Há, nessa série, uma repetição que causa um efeito sonoro. São repetidas diversas palavras que contêm as letras: o; a; e. Por exemplo: povo; poema; açúcar; canta; reflete; funde. Pode-se observar uma sonoridade grave no conjunto dessas palavras.

Ainda em termos estruturais, pode-se observar que, bem dentro das propostas estéticas modernistas, Gullar não enfatiza aspectos formais como métrica e rima. A estrutura rímica a/b/c, d/e/f, g/h/g, i/j/l e m/n/n atesta isso. Nela, uma maioria de versos brancos convive com apenas duas rimas consoantes (g/g e n/n). O uso de vogais toantes (a/b e j/l) gera certa assonância, mas não chega a constituir uma marca de significação contundente. Há, todavia, marcação fônica visível, reconhecível na repetição dos fonemas /p/, /e/, /o/, /m/ e /n/, que acaba ratificando a relação sêmica entre os morfemas povo e poema. Que relação seria essa? É necessário observar as redundâncias e os estranhamentos que abrem as portas da interpretação. As figuras de linguagem ajudam nesse processo de descobertas que é, afinal, a leitura literária.

Uma figura de linguagem bem marcada dentro do poema é a comparação, em todas as estrofes temos exemplos dela, como no trecho a seguir: “Meu povo em meu poema/ se reflete/ como a espiga se funde em terra fértil”. O reflexo do povo no poema é comparado pelo eu lírico ao modo como a espiga se funde à terra. Ainda no mapeamento das figuras de linguagem, na primeira estrofe, encontramos uma inversão: “...como cresce no fruto/a árvore nova”, em um enunciado

corriqueiro diríamos: “como a árvore nova cresce no fruto”. Essa é umas das ferramentas que o poeta utiliza para atribuir sentidos diversos e caracterizar sua escrita, fazendo do poema uma construção elaborada e cheia de sentidos. Na segunda estrofe, temos a personificação em: “No meu povo meu poema vai nascendo”. Sabemos que um poema não é um ser vivo e não pode nascer de fato, não como nasce um homem ou uma flor. E ainda nessa estrofe, temos a presença de outra personificação: “...na garganta do futuro”. Nessa passagem, é atribuída uma característica humana a algo abstrato e inumano. O futuro não pode ter uma garganta, apenas um ser vivo pode, sendo assim, fica explícita a personificação.

Assim, observando redundâncias, temos a estrutura comparativa presente nas cinco estrofes. O “como” estabelece uma identidade entre o *processo de criação cultural* (o poema) e o *processo de criação natural* (a natureza). Essa identidade reforçará os vínculos entre poema e povo, uma vez que, tal como na natureza, um elemento se liga ao outro no ciclo gerador da vida. Poema e povo “crescem juntos”, “nascem” um (o poema) no outro (o povo), amadurecem um (o poema) no outro (o povo) e se refletem um (o povo) no outro (o poema) tal como, na natureza, cresce o fruto na árvore nova, nasce o açúcar ainda verde no canavial, põe-se o sol na garganta do futuro, anunciando a chegada do dia, e se funde a espiga em terra fértil. No final do processo, “cantar” (processo de criação lírica) e “plantar” (a intervenção humana na natureza) ganham dimensões discretamente diferentes, em termos valorativos, uma vez que a voz lírica se reconhece mais como semeadora do que como cantadora (“menos como quem canta do que planta”). Tal propriedade invoca a lembrança do título, em que a poesia se faz espelho da realidade e vice-versa.

A primeira estrofe, como vimos, compara o povo ao fruto, onde cresce a árvore nova, o poema. Como o campo semântico é o da “semente”, pressupõe-se uma referência ao processo mental ou à elaboração discursiva que antecede a manifestação, o poema. Pode-se, aqui, interpretar a relação entre povo e poema como uma relação natural, na base da qual se encontra a concepção lírica de mundo de Ferreira Gullar. O “crescer junto” integra fruto e semente no mesmo processo. Presente e futuro se fundem. O poema, ao manifestar-se, carregará consigo a natureza do fruto, no caso, o povo. E o povo, como fruto, ao carregar a semente, o poema, garante sua perpetuação na “árvore nova” ali gerada. Logo povo “e” poema aparecem tão integrados como o título sugere.

A segunda estrofe se referirá ao “nascimento”, o que, nos termos sêmicos abordados, permite o reconhecimento de um segundo momento: o da transformação da semente em fruto, ou seja, o da manifestação discursiva que concretiza a abstração do discurso. O poema é o “açúcar”, a energia que nasce no povo, o canavial. Nasce, contudo, ainda verde. Como o açúcar, necessitará de processos de depuração e refinamento, até chegar ao produto final. A hipálage, atribuindo ao açúcar a cor verde da cana, impregna, ainda, o poema do povo, já que o verde é também propriedade do canavial. A alusão à transformação desse verde permite a interpretação de que, no povo, o poema é concebido (a semente), nasce (a cana no canavial) e se fará maduro (o açúcar). A significação desse amadurecimento é metaforizada na terceira estrofe.

Sol na garganta do futuro, o poema é, para o povo, a voz que enuncia o novo. Açúcar, não mais verde, mas ainda incipiente, o poema está pronto a iluminar o dia ou as mentes. A “garganta” também sugere o processo de elaboração poemática, destacando o momento em que o discurso, por meio da fala, se materializa na manifestação lírica. Condições de recepção serão a etapa subsequente natural.

A quarta estrofe inverterá, pois, a relação anterior, em que o povo era o lugar (“no povo”) e o poema o sujeito. Agora, será “no poema” que o povo se refletirá, como a espiga se funde na fertilidade da terra. O poema, terra fértil, permite o crescimento da espiga. A lógica da primeira estrofe – povo/fruto; poema/semente – é agora substituída por outra, de igual teor. O poema será a terra fértil em que o povo (espiga) se refletirá. Refletir-“se” sugerirá “retratar-se, representar-se, reproduzir-se, transmitir-se, repercutir-se, comunicar-se”. Logo, no poema, que é fértil, o povo se faz representar, reproduzir, transmitir, repercutir, comunicar.

A última estrofe rompe com a redundância do “meu” e insere um elemento de estranhamento, o “seu”. Na relação especular, o “eu” se reconhece no outro e a este consagra o produto final do processo de desvelamento do momento de criação. O uso do demonstrativo “aqui” sustenta significativamente a materialidade do poema composto. O Eu Lírico, reconhecendo no texto a identidade coletiva, devolve o produto final à fonte original, para que, num processo cíclico, faça-se novamente semente. A valorização do semeador (o plantar superando o cantar) denuncia as expectativas da recepção e o decorrente desejo de que o poema gere frutos e transformação, como a semente que anuncia no fruto a árvore nova. Eis aí o aspecto cíclico e fusionista do poema, caráter esse reforçado, ainda, pela ausência de pontuação. Da fecundação, à germinação, passando pelo “fruto” e por seu consumo, a criação lírica, tal como a natureza, movimenta-se ciclicamente.

Ainda em termos de reflexão sobre as condições líricas de geração de sentido, caberia uma referência ao conceito aristotélico de *mimese*. Ao estabelecer uma comparação entre o processo cultural (artificial, pois) de criação lírica e o processo natural de criação (a natureza), o poema remonta à ampliação que o estagirita deu ao termo, ao destacar que o poeta imita em seu obrar o próprio obrar da “*physis*”, que não é a passagem do ser à aparência, nem da aparência ao ser, mas a passagem da potencialidade e latência à realização ou atualização. Em outras palavras, o realiza pelo ato. Portanto, mais que uma “visão de mundo”, o poema de Gullar define uma “tomada de posição” diante do mundo. O poema, nessa concepção, é um ato. Voltando a Drummond, uma “rosa” que se oferece ao povo; um alimento que gerará outros, em cadeia sem fim de reverberações significativas, que estabelecerão o movimento de que é feita a vida. Retomando, de outro lado, Candido, o poema de Gullar pode ser entendido como “modalidade de literatura que visa a descrever e eventualmente tomar posição em face das iniquidades sociais, as mesmas que alimentam o combate pelos direitos humanos (2011, p. 183). E esse aspecto nos remete à segunda questão proposta na abertura deste artigo.

Para encerrar o que definimos como “primeira questão”, ou seja, “qual é o lugar do povo no poesia”, uma alusão a outro poema, desta vez de Olga Savary, que, pela semelhança de referentes, sugere aproximações com “Meu povo, meu poema”:

COMUNHÃO

Por que escrevo?

porque sou

pouca e mínima

embora vária,  
porque não me basto,  
escrevo  
para compensar a falta,  
porque não quero ser  
só raiz e haste  
e preciso do outro  
para dar sombra  
e fruto.  
(SAVARY)

### **E o fato de a literatura circular ou não entre o povo?**

No âmbito da segunda questão, é impossível não declarar a certeza de que vivemos, em pleno século XXI, um momento de grandes tormentas e retorno a posturas que revalorizam as perversas cisões entre elite e povo, erudição e cultura popular, acesso a bens incompressíveis (entre eles, arte e literatura). Essa realidade fica ainda mais visível se confortamos as expectativas de Antonio Candido expressas em “O direito à literatura” (texto de 1988) e o retrato da conjuntura mundial destes dias expressa em “A era do humanismo está acabando” (texto de 2016), do camaronês Achille Mbembe.

Candido (2011), em “O direito à literatura”, texto de 1988, defende a literatura como um “bem incompressível” (categoria criada pelo padre dominicano Louis-Joseph Lebret), ou seja, compartilha seu ponto de vista acerca do fato de a literatura ser essencial à humanização do ser.

São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (2011, p. 176)

Essa visão se justifica, segundo Candido, pela amplitude temática que circula através da arte e da literatura pelo poder de representação da realidade que possuem. Na literatura, em especial, em que a língua se reveste de um trabalho estético que lhe permite “dizer” estimulando, nos leitores e nas leitoras, um processo gradual de ampliação da sensibilidade perceptiva da palavra, esse poder é intenso. Candido, por isso, afirma que:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (2011, p. 177).

A questão que comoveu Candido a refletir sobre o “direito à literatura” reside nas injunções que “exilam o povo do poema” – modo metafórico por nós criado para expressar a tônica principal do texto de Candido. Na percepção dele, a perversa iniquidade social – aceitação passiva da quebra de valores como a justiça social, o respeito ao ser humano, o direito das minorias, etc... –, aliena propositalmente os não privilegiados do acesso a textos literários de maior “erudição” ou requinte formal. E a defesa de tal alienação planejada reside na falácia de que as pessoas mais pobres e sem acesso a determinados referentes culturais não estão aptas a fruir do que a crítica (revelando preconceitos seculares) chama de “alta literatura”. Fraciona-se, assim, a circulação por produções literárias a partir de uma divisão imposta entre o popular e o erudito. O “povo”, portanto, fica de fora de um bem incompressível, logo, exilado do que, na literatura, é

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (2011, p. 182)

Entretanto, também como Candido aponta no mesmo artigo, a “literatura empenhada” realiza a função de levar para a obra literária essa mesma iniquidade, denunciando-a, com maior ou menor sucesso em termos de realização estética. Segundo ele, “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (2011, p.). Assim, se o “povo” fica exilado de uma circulação cultural literária ampla e democrática, ao menos figura em obras de muitos escritores e de muitas escritoras, comprometidos/as com esse poder que a literatura possui. É o caso de Ferreira Gullar.

Trazendo essa discussão para o panorama de nossa contemporaneidade, não mais moderna, mas pós-moderna, temos, nas palavras do camaronês Achille Mbembe, constatações duras e profecias assustadoras:

Não há sinais de que 2017 seja muito diferente de 2016.

Sob a ocupação israelense por décadas, Gaza continuará a ser a maior prisão a céu aberto do mundo.

Nos Estados Unidos, o assassinato de negros pela polícia continuará ininterruptamente e mais centenas de milhares se juntarão aos que já estão alojados no complexo industrial-carcerário que foi instalado após a escravidão das plantações e as leis de Jim Crow.

A Europa continuará sua lenta descida ao autoritarismo liberal ou o que o teórico cultural Stuart Hall chamou de populismo autoritário. Apesar dos complexos acordos alcançados nos fóruns internacionais, a destruição ecológica da Terra continuará e a guerra contra o terror se converterá cada vez mais em uma guerra de extermínio entre as várias formas de niilismo.

As desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais.

A difamação de virtudes como o cuidado, a compaixão e a generosidade vai de mãos dadas com a crença, especialmente entre os pobres, de que ganhar é a única coisa que importa e de que ganhar – por qualquer meio necessário – é, em última instância, a coisa certa.

Esse panorama nos faz pensar em um distanciamento ainda maior entre o povo e a cultura, visto que, sob o signo da violência, a sensibilidade, pouco a pouco, regride em termos de sintonia com as linguagens poéticas do mundo. A desigualdade social mata a poesia porque mata o próprio povo.

Mbembe também afirma que:

A noção humanística e iluminista do sujeito racional capaz de deliberação e escolha será substituída pela do consumidor conscientemente deliberante e eleitor. Já em construção, um novo tipo de vontade humana triunfará. Este não será o indivíduo liberal que, não faz muito tempo, acreditamos que poderia ser o tema da democracia. O novo ser humano será constituído através e dentro das tecnologias digitais e dos meios computacionais.

A era computacional – a era do Facebook, Instagram, Twitter – é dominada pela ideia de que há quadros negros limpos no inconsciente. As formas dos novos meios não só levantaram a tampa que as eras culturais anteriores colocaram sobre o inconsciente, mas se converteram nas novas infraestruturas do inconsciente. Ontem, a sociabilidade humana consistia em manter os limites sobre o inconsciente. Pois produzir o social significava exercer vigilância sobre nós mesmos, ou delegar a autoridades específicas o direito de fazer cumprir tal vigilância. A isto se chamava de repressão.

Sabemos que as transformações do mundo são constantes e inevitáveis, contudo, o quadro pintado por Mbembe a partir da observação da realidade mundial, cada vez mais presa às molduras de um mercado tecnológico e repressor em que não cabe o humano, permite que, imediatamente, pensemos que, em uma realidade distante do humano, pouco espaço haverá para o “ser” do poema e, de igual modo, para o “ser do povo” dentro de um poema. Assim, se, no poema de Gullar, povo e poema “crescem juntos”, em um mundo em que o humanismo parece chegar a seu fim, poderíamos chegar à ideia de que povo e poema igualmente “morrem juntos”?

Parece que terminaremos sem respostas. Da preocupação de Candido com a circulação da literatura entre o povo às terríveis constatações de Mbembe sobre a realidade do século XXI, parece existir um fosso, pois, se na perspectiva de Candido, o poema (e os textos literários em geral), quando circula entre o povo, pode levar a palavra que faz ver, sentir e pensar a realidade, em um mundo isento de solo propício para se plantar a poesia, como poderá surgir a palavra poética que desenvolve em nós uma quota de humanidade?

## **Conclusão**

O poema de Ferreira Gullar pertence ao período modernista da Literatura Brasileira. Um período caracterizado, justamente, entre outras coisas, pela crítica social e a aproximação do poeta ao povo. Em “meu povo, meu poema”, observamos características que revelam seu traço moderno, entre elas: o fato de o poema não estar preso a nenhuma métrica clássica, não conter muitas rimas, apresentar uma linguagem simples. Inicialmente, essas são as peculiaridades mais visíveis que associam a obra ao Modernismo. O autor toma ‘povo’ e ‘poema’ quase como sinônimos, coisas que coexistem juntas, um necessário ao outro. É como se ambos acabassem sendo criados juntos: “Meu povo e meu poema crescem juntos”.

Na primeira estrofe, a ideia de crescimento do poema e do povo se firma na imagem da árvore, que faz crescer um fruto. A partir dessa colocação, poderíamos imaginar que o autor queira associar o crescimento do poema ao do próprio povo.

Na segunda estrofe, a associação entre 'povo' e 'poema' é fortalecida: "No povo meu poema vai nascendo". O eu-lírico descreve, de fato, o nascimento de algo, no caso, do poema, que nasce junto ao povo. O poema nasce do povo por ser neste inspirado. Ainda na segunda estrofe, o eu-lírico compara o nascimento de seu poema à produção do açúcar vindo do canavial. O poema é produto do povo, advém das relações sociais, da vida. É interessante o jogo colocado pelo autor, em toda extensão do poema, que atribui um sentido característico e singular à obra. Na primeira estrofe, temos crescimento, na segunda, nascimento, e na terceira, amadurecimento. Logo, o poema, seu nascimento e criação são aproximados ao ciclo de uma planta, nasce, cresce e amadurece.

Na terceira estrofe, temos o amadurecimento do poema: "Meu poema está maduro", assim como um fruto. Depois de passar pelas etapas anteriores, agora o poema está maduro. A partir daí, vemos a comparação: "...como o sol/na garganta do futuro". O poema maduro se compara, por meio de uma metáfora, ao que poderíamos entender como as esperanças, as novas ideias que surgem e surgirão do futuro. O sol representaria essas novas boas ideias, bons fluidos, pois, o sol é benéfico ao amadurecimento dos frutos. Ao mesmo tempo, é o nascimento do sol que marca a chegada do futuro representado pelo "novo dia". Na quarta estrofe, ainda na ideia de nascimento/criação, o poema assemelha-se a uma colheita/frutificação. O 'povo' e o 'poema' são indissociáveis, têm seu reflexo comparado a uma "espiga que se funde em terra fértil". É como se o poema absorvesse o povo, do mesmo modo como a espiga se funde, ou pode ser "engolida" pela terra.

Na quinta e última estrofe, o eu-lírico devolve ao povo seu poema. O povo foi a inspiração, além de ser também o destino do poema. Após a leitura atenta do poema, e de analisarmos alguns dos seus elementos, na breve interpretação aqui feita, vemos que Gullar se utilizou de diversas ferramentas para compor o sentido singular de sua obra. As palavras-chave do poema são: povo e poema. O povo é matéria-prima para a criação, objeto inspirador, que leva o poeta a compor suas obras. Com a repetição das palavras citadas acima, em cada estrofe temos apregoada essa ideia de que povo e poema são elementos ligados. Também vale ressaltar o modo como o autor metaforiza, usa palavras e cria uma atmosfera de nascimento/criação. Como se relatasse o nascimento de uma planta, uma árvore, o assunto principal tratado é a criação do poema e sua vinculação ao povo. A poesia vem da vida, a inspiração do poema é o povo.

Projetado no contexto do "hoje", esse poema nos faz pensar. Traz-nos a reflexão sobre até que ponto o povo vem sendo abandonado à própria sorte, perdendo seus próprios referentes humanos e, com isso, sua própria poesia? Se povo e poema crescem juntos, no poema de Gullar, no mundo real parecemos viver uma grave regressão a estados de insensibilidade que só o materialismo exacerbado pode provocar.

Em relação, especificamente, à sociedade brasileira, decisões como tornar o ensino de "arte" (PEC 241) não obrigatório nas escolas refletem, como mínimo exemplo, esse retrocesso. Permanecendo essa conjuntura perversa, o

“povo” estará cada vez mais afastado do “poema”, e, por isso, certamente mais propenso às manipulações que o exilam cada vez mais do acesso a uma vida digna, justa, capaz de levar a sociedade a um maior equilíbrio de classes, ainda que a ideia de uma harmonia plena seja utópica.

Se como Candido defende, a literatura é “o sonho acordado da civilização” (2011, p. 177), tratemos, nós professores e professoras, escritores e escritoras, artistas em geral, de, através do mergulho fruidor e de uma crítica igualmente “empenhada”, dar tanto às obras literárias empenhadas quanto a todas as formas de expressão literária e artística, sem a injunção do “divisor de águas da clivagem”, o espaço de circulação e de recepção crítica que merecem. Só dessa forma, não só o povo estará “no poema”, gerando, como no poema de Savary, sombra e fruto, como o poema “estará no povo”, promovendo cada vez maior consciência de próprio poder que possui de dizer “não” à discriminação e à injustiça social.

### **Bibliografia**

ANDRADE, Carlos Drummond de. Consideração do poema. In: \_\_\_\_ *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1983, p.158.

ARISTÓTELES. *Obras*. Madrid: Aguilar, 1973.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_ *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p.169-193.

GULLAR, Ferreira. *A luta corporal e novos poemas*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1966, p. 147.

MBEMBE, Achille. A era do humanismo está terminando. In: <http://www.ihu.unisinos.br/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>, 2006. Consulta realizada em 27/03/2017.

SAVARY, Olga. *Repertório selvagem*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Multimais/ Universidade de Mogi das Cruzes, 1998, p. 336x.

## Introdução

As linguagens míticas e o próprio conceito de mito sofreram diversas transformações desde sua existência, pois seu valor foi questionado durante muitos anos. A significação de mito é sempre voltada para algo que não contém verdades, ou seja, não é verídico, opondo-se à razão, ao *logos*. Então, a permanência do mito na sociedade atual ocorreu por sua exposição ser de forma escrita, haja vista que este gênero foi originado a partir da oralidade e por isso é visto, por muitos, como histórias absurdas e inverossímeis. Essas indagações deixam de lado as metamorfoses sofridas, já que as narrações, como diversas coisas no mundo, sofreram e sofrem influências de várias gerações e de incontáveis civilizações, adquirindo várias alterações e significações.

As modificações sofridas pelo mito, desde as alterações feitas para redução ou recriação do mesmo, com o propósito de perpetuá-lo de forma a se adequar a sociedade, até a demitização feita pelos pré-socráticos que atuaram em favor da razão, foram alguns dos obstáculos enfrentados por essa narrativa, chegando à reflexão de que este deixa de ser uma verdade e passa a ser uma suposição, pois “O que ele procura dizer não é explicitado literalmente” (ROCHA, 1985, pg.3). Mas é importante salientar que não existe uma definição concreta para esse gênero e sim tentativas para tentar defini-lo, tendo a convicção de que “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1994, p.11).

A tentativa de suprimir a crença nos mitos não foi concluída e manteve sua história ‘viva e atuante’ tendo defesa dos religiosos, que mesmo diante de tais bombardeios mantiveram suas crenças e as defenderam, fazendo com que elas permanecessem e conquistassem essa dimensão universal.

Outra questão a ser discutida é sobre os heróis que são retratados através do mito. Os heróis mitológicos estão relacionados a homens comuns, mortais, mas que possuem características que os diferem dos demais. Na Grécia, um homem para possuir a nomenclatura de herói deveria sofrer as amarguras da vida para assim obter o reconhecimento, com o propósito de honrar suas gerações passadas e futuras, com suas vitórias, e deixar um legado para ser continuado após sua morte.

---

1 Recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O triunfo do homem das multifárias *Métis*”, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciene Silva Lages, docente de Língua e Literatura clássicas do Departamento de Letras de Itabaiana/ UFS, e defendido em 2017 no Curso de Letras de Itabaiana, na Universidade Federal de Sergipe.

2 Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana (2017).

Desde seu nascimento esses guerreiros travam diversas batalhas em busca de sua realização final, seu triunfo, buscado de forma dolorosa, pois a vida de um herói é baseada em lutas, conquistas e derrotas, mas tudo implica um aglomerado de feitos que irá torná-lo reconhecido, tendo em vista que a partir do momento que estes homens decidem se tornar benfeitores da *pólis* eles optam por uma vida curta, mas com uma glória no encerramento da sua vida, a morte. Essa perspectiva é observada nas obras homéricas, tendo como principal exemplo Aquiles, que optou por uma vida curta, mas com a honra de ser considerado o grande guerreiro grego. Porém, em contraponto, o herói Nestor não opta pelo destino da glória, mas sim pela vida e luta na guerra com outras gerações suas, filhos e netos, e mesmo velho contribui com sua coragem.

A conquista de grandes feitos pode ser o ponto alto do herói, mas isso não o tornava uma divindade e assim sua alma não pertence ao plano celestial e sim ao Hades, submundo, assemelhando-se aos homens comuns e, na maioria das vezes, essas divindades interferiam no destino do herói por se tornarem protetores e influenciadores nas suas conquistas ou com o intuito de penalizá-los, como exemplo podemos elencar a deusa Atena que se tornara protetora de Odisseu e a qual provoca a loucura em Ajax. Porém a recompensa recebida pelas bravas lutas realizadas os aproxima dos seres divinos e com isso ganham privilégios não oferecidos a um mortal.

Vale ressaltar que o desenvolvimento do herói em busca do seu reconhecimento recebe influência da educação recebida, pois existe um reflexo entre pai e filho. Confirmando esse pensamento é com frequência que se percebe a exaltação do herói diante da exposição da figura paterna e das suas descendências. Na obra *Metamorfoses* (Livro XIII, 1-398), do escritor romano Ovídio, a discussão entre Ajax e Odisseu, consta esse sentimento de orgulho perante suas gerações e isto é transformado em um forte argumento para o enriquecimento do herói. Como nos mostra Grimal (1997), em seu dicionário mitológico, Ajax possuía Télamon como pai e este era filho de Éaco, considerado um herói na mitologia grega. Já Odisseu era filho de Laertes, portanto neto de Arcísio, herdeiro do Rei Abas.

Na presença de diversos personagens existentes nas narrativas mitológicas e que possuem grande valor heroico, a escolha de Odisseu, o rei de Ítaca, está relacionada a sua grandiosidade para a mitologia grega, apresentando qualidades que o auxiliam nas suas vitórias. Ao se deparar com a figura de um herói a relação inicialmente feita é com a força que ele possui e que é utilizada nas batalhas, contudo Odisseu apresenta um diferencial nas suas lutas, que é a utilização da *métis* como auxiliadora nas conquistas, deixando a força física para segundo plano, diferentemente da maioria dos heróis que nos são apresentados em diferentes narrativas.

No contexto da literatura clássica, a obra de Públio Ovídio Naso, conhecido por Ovídio, apresenta uma mescla de obras de outros poetas da época que tiveram grande importância, a exemplo de Homero, Virgílio e Hesíodo, criando, a partir dessa influência, um novo gênero épico retratado na obra *Metamorfoses*, na qual o autor propõe uma ‘compilação’ de vários mitos, os quais são apresentados em uma ordem cronológica, mas entrelaçadas. A narrativa, cantada em quinze livros, consta uma disputa, presente no décimo terceiro livro, entre Ajax e Odisseu, a fim de conquistar os armamentos de Aquiles morto na Guerra de Tróia. Cada herói narra seus feitos como forma de conquistar os líderes da sua supremacia sobre o outro. Ajax, iniciador do discurso, propõe um retrospecto das gerações a que pertence, tentando obter um peso maior sobre Odisseu por ser descendente de Júpiter. Além disso, aponta suas lutas em favor dos gregos e inferioriza o adversário. Porém, Odisseu narra suas vitórias e conquistas destacando seus epítetos e como cada um foi essencial para vencer todos os obstáculos enfrentados. Com a sua eloquência, sua astúcia e sua impecável oratória mostra, tanto para o inimigo como para os demais que se encontravam no ambiente, que é necessário muito mais que a força física para vencer uma guerra, é preciso saber se utilizar de todos os meios que lhe são concedidos e por isso ele desfruta da sua *métis*, ou seja, das suas habilidades e inteligências.

A utilização da obra ovidiana, por exemplo, é um dos instrumentos que podem ser utilizados para compreender as marcas dos guerreiros Ajax e Odisseu, a partir do discurso proferido e o qual foi utilizado para constatar os motivos que levaram o rei de Ítaca a receber o mérito de possuir os armamentos de Aquiles, e, portanto, vencer o duelo oral contra o grande lutador da guerra. Ou seja, quando abordamos uma obra literária, fixando-nos nas formas de heroísmo nela presentes, encontramos-nos com expressões do mito que nos levam a outro aspecto de igual importância para a compreensão dos caminhos culturais da literatura: o heroísmo.

Neste artigo, tratamos da percepção do mito para entender o gênero e suas transformações até possuir definições atuais. Para isso foi utilizada a escrita de Junito de Sousa Brandão, *Mitologia Grega volume I* (1986) e *Mitologia Grega volume III* (1987), Walter Burkert, *Mito e Mitologia* (2001); de Pierre Grimal, *Mitologia Grega* (2013); e de Mircea Eliade, *Mito e Realidade* (1994). O herói e sua formação foi abordada com o intuito de entender esses seres que permeiam as narrativas mitológicas da época, tendo como referência os estudos de Junito de Sousa Brandão, já mencionados acima, e os de Otto Rank com sua obra *O mito do nascimento do herói: uma interpretação psicológica dos mitos* (2015).

Nosso objetivo é levantar breves considerações sobre duas categorias que ainda servem de sustentação para a compreensão das produções literárias através dos tempos, nos mais diversos lugares do mundo: mito e heroísmo. Nosso foco centrou-se no contexto da mitologia clássica, fonte primeira e fundamental para a

formação e o desenvolvimento de incontáveis expressões literárias posteriores, incluindo as de nosso próprio tempo.

### **O mito e o herói na mitologia grega**

Durante toda existência humana observa-se que coisas novas surgem a todo momento, mas nem sempre elas são planejadas, muito menos postas como devem surgir e nem o porquê de ocorrerem. Dessa mesma forma é o mito. Ele não é criado a partir de um pensamento premeditado, mas sim de inspirações e/ou experiências coletadas pelo mitólogo. De acordo com Mircea Eliade (1994, p.7), ao invés de ser tratado como uma fábula, ou seja, uma invenção, o mito é aceito como uma ‘história verdadeira’ de extrema importância devido seu significado.

As lendas variam de acordo com cada região, haja visto que cada localidade possui suas próprias crenças. O mesmo ocorre com os mitos que, como bem aborda Pierre Grimal (2013, p.15), evoluem de acordo com as condições históricas e étnicas, com o propósito de preservar todos os registros e para que assim não haja nenhuma perda através do esquecimento.

Os mitos, por serem narrados de forma oral em sua origem, possuem um distanciamento entre a forma escrita e a forma oral, porém este se encontra em constante liberdade para se mover em qualquer tempo e espaço, sendo aplicada, então, a lei das três unidades trabalhadas por Aristóteles, porém de modo diferenciado. A proposta aristotélica, mencionada por Brandão (1986, p.26), é a de que uma narrativa deveria suceder dentro de um único espaço e com tempo limitado, a exemplo da tragédia grega que era encenada em vinte e quatro horas e suas ações eram apresentadas ‘*in medias res*’. O mito adquire a proposta da narrativa ocorrer ‘*in media res*’, técnica literária em que a narrativa é iniciada no meio da história, porém de forma ilimitada, haja vista que o mesmo é considerado livre, pois seus episódios são vastos e situam-se em diferentes ambientes, não possuindo um único cenário, e sim um vasto campo de alcance, mas contendo clareza em todos seus fatos.

Segundo Walter Burkert (2001, p.15), os mitos são ilógicos e inverossímeis, sendo portanto, falsos, mas ao mesmo tempo fascinantes e até mesmo sagrados, porém a ideia de que o mito (*mythos*) é inverossímil não pode ser considerada em sua totalidade, pois sua transmissão ocorreu de forma oral e foi passada de uma geração para outra, recebendo diversos sentidos através de implementações, como também modificações, mas as quais podem conter uma bagagem verídica. Burkert (2001, p.31), a partir das informações de Felix Buffière e Jean Pépin apud Burkert (2001), diz que o mito possui sentido verdadeiro se for compreendido como algo que possui um significado figurado.

Obras literárias antigas propõem ao leitor um contato com as histórias preservadas de um povo e que foram retratadas de forma oral, sendo possível conhecer uma história e uma época através da aproximação com a vivacidade que estas possuem nos dias atuais e que apresentam um grande valor histórico, contendo aspectos engrandecedores na formação de novos conhecimentos e na assimilação da vida de uma civilização.

Para que houvesse sua aceitação, o mito enfrentou diversos questionamentos no decorrer da sua trajetória. De início, como foi citado anteriormente, houve a demitização, em que o *logos*, a razão, era defendido pelos pré-socráticos, tratando o mito como algo que não possuía verdade. Porém, os principais obstáculos vivenciados pelo mito foram, de acordo com Brandão (1986, p.28), a dicotimização e a politização.

A primeira ocorreu devido à ação, provocada pelos mitólogos, de excluírem a vulgaridade dos mitos. A vida dos deuses retratados através do mito começa a ser questionada devido à conduta dos mesmos, pois, de acordo com os racionais, um deus não pratica o adultério, nem é vingativo, ou seja, não apresenta atitudes discriminadas pela sociedade. Isso induziu os autores a ‘filtrarem’ o mito de acordo com a moral e a ética defendida. Além disso, de acordo com Ésquilo (ÉSKUILO apud BRANDÃO, 1986, p.29), o poeta servia de modelo para os jovens. Mais um motivo, portanto, para esse processo de dicotomização.

Já o problema da politização se deu devido ao fato de a cidade de Atenas ser sempre palco para as gloriosas vitórias dos mais bravos heróis gregos, sendo assim criticada por aparentar conter intenções políticas.

Mesmo diante de tantos acontecimentos, o repertório mítico ainda não tinha sido apagado totalmente, pois nascem, no século IV a.C, o alegorismo, que trata o mito como suposição, e o evemerismo, que propõe a divinização dos homens que possuíam qualidades e virtudes, justificando a relação entre deuses e homens.

É evidente a dificuldade que o mito enfrentou, no decorrer dos tempos, para obter um significado aceitável. Somente no século XIX é que ele começa a ser observado como instrumento auxiliador na análise e no conhecimento de um objeto, sendo um “[...] objeto de um trabalho incessante.” (GRIMAL, 2013, p.95). Nessa visão, o mito propõe uma reflexão acerca do mundo, de uma sociedade e de diferentes gerações e por isso é considerado de caráter moral, levando o leitor a recordar-se tanto das lendas, que tratam de histórias locais, mas que não possuem o mesmo teor das histórias mitológicas, como também das famosas ‘histórias da carochinha’ que a partir de uma narração instiga a reflexão da vida no âmbito social. Contudo, não é possível alegar que existe uma relação entre os contos e os mitos, pois ambos possuem características adversas, sendo a principal delas o contraste apresentado por Jan de Vries (JAN DE VRIES apud ELIADE, 1994, p.172) entre o pessimismo acolhido pelas narrativas mitológicas e o otimismo exposto pelos contos.

Outra teoria utilizada como meio de esclarecer e enfatizar o sentido do mito como algo possuidor de valor é a explicação alegórica, defendida por teóricos e exposta por Walter Burkert (2001, p.31). A ideia defendida é a de que o mito propõe a interpretação de algo diferente, ou seja, dito de modo alegórico, figurado, exigindo uma interpretação diferenciada das demais narrativas. Teorias ligadas a rituais e sonhos também ganharam explanação durante a busca do significado do mito.

Mesmo tratando-se de um gênero caracterizado como narrativo, o mito contém uma amplitude em relação as suas abordagens e por esse motivo é considerado uma narrativa especial, que procura explicar seus conteúdos de maneira diferente das demais. A leitura do mito sugere ao leitor uma investigação sobre o que ele procura dizer, de maneira implícita, demonstrando seu propósito na revelação do seu conteúdo enigmático. Desta forma, adentrar no universo mitológico exige do leitor a capacidade de estar atento aos questionamentos que o mesmo propõe, não atentando ao conteúdo do mesmo, pois, como reflete Burkert (2001, p.18), o mito nunca será puro e sempre estará canalizando as ideias entre passado e futuro, de forma metafórica, tendo como ponto principal a realidade.

### **A formação do herói na mitologia clássica**

Um dos elementos que compõe uma narrativa é a presença de personagens. O mesmo ocorre no mito clássico, sendo que este possui três tipos de personagens: deuses, heróis e mortais, que apresentam diferenças reconhecidas de modo explícito em cada história. Os deuses são seres que conquistaram sua divindade e recebem sacrifícios em forma de gratidão por algo que os demais seres receberam, ou seja, são pertencentes do plano celestial e possuem poderes mais expressivos. Já os heróis surgem como homens comuns, mortais, mas que possuem qualidades que os difere dos humanos mortais, que compõem a terceira categoria desses personagens. Os heróis são mortais, mas possuem algo que os torna superiores aos demais mortais e, geralmente, são qualidades adquiridas desde sua infância e as quais são utilizadas em favor da *pólis*. Atentemo-nos a esta categoria.

Sabe-se que o nascimento é um dos momentos importantes na vida de todo ser humano, inclusive na do herói, pois é a partir deste momento que o herói obtém particularidades que o levam à supremacia, ou melhor, ao reconhecimento que é buscado por ele durante sua vida. Nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer: essas são as fases enfrentadas pelos seres humanos, porém o herói necessita de algo a mais para que toda a sua existência tenha valor e assim traga bons frutos para seus sucessores e sua família, a qual veremos mais a frente, tem uma grande importância no surgimento do ser herói.

Nascimento, enfrentamento das dificuldades, recompensa e morte são, portanto, etapas do trajeto percorrido pelo herói para que sua glória seja alcançada. Porém, normalmente, o herói está relacionado a um fim trágico e por esse motivo, de acordo com Brandão, seus almejos são alcançados somente após sua morte “A grande Glória lhe será reservada *post mortem*” (BRANDÃO, 1987, p.21)

Um homem, para pertencer à categoria de herói, na mitologia grega, precisa possuir vínculo com a alta nobreza, ou seja, deve ser descendente de rei ou conter uma ligação com algum ser que possua privilégios, sendo o nascimento uma etapa primordial para o desenvolvimento do herói, haja visto que a hereditariedade servirá de requisito no engrandecimento perante os demais heróis e guerreiros. Outro ponto importante é a educação recebida pelo guerreiro nessa fase introdutória, pois será nesse momento que o jovem irá iniciar sua formação, enfrentando o seu primeiro obstáculo que é desprender-se da ligação paterna em busca de suas próprias conquistas.

Nessa educação introdutória, o herói possui um mestre que o instruirá na crescente formação heroica que ocorre de forma sigilosa, a qual pouco se sabe devido a sua perda “[...] nas montanhas, nas grutas, nas cavernas e nos templos, onde se celebravam os mistérios” (BRANDÃO, 1987, p.27). As mudanças ocorriam desde o corte de cabelo até a mudança do nome que faziam parte dos rituais de treinamento. Observa-se que, na mitologia grega, o posto de herói sempre, ou na maioria das vezes, está ligado ao homem, sexo masculino, sendo, portanto, explicitado a soberania masculina existente na época, haja vista que, para eles, a mulher não possuía força necessária para realizar as ‘bravuras’ ensinadas desde cedo aos homens, mas sim a delicadeza, a sensibilidade e a fidelidade.

A relação do abandono familiar realizado pelo herói na construção de uma nova vida leva em consideração experiências vividas antes do seu nascimento. O autor Otto Rank (2015, p.120) reflete, de modo minucioso, a experiência de abandono, realizada pelos pais, no início da trajetória desse cidadão. A falta de afeto, normalmente do pai pelo filho, devido a profecias do oráculo ou presunção, em que o pai, geralmente rei, recebe o alerta de que ameaças surgem com o nascimento do filho (reino ameaçado, divisão de atenção e carinho entre pai, mãe e filho, entre outras coisas) e o mesmo deseja a morte ou o abandono do herdeiro. Esse rompimento entre ambos desperta no jovem herói a ira contra a figura paterna e a busca pelo distanciamento do mesmo ao descobrir a insatisfação do pai com seu nascimento.

Quando se ouve falar de herói, tanto na antiguidade clássica como na atualidade, a primeira ação que ocorre é a ligação entre herói e luta. Os combates enfrentados por esses benfeitores fazem parte das dificuldades que devem ser enfrentadas em busca do seu reconhecimento. Participação em guerras, lutas contra diferentes inimigos, desde monstros invencíveis até seres humanos invictos, raptos, roubos, entre tantas outras, são

realizadas em favor da *pólis* e estas ações são o que os diferem dos deuses, que ao invés de lutarem protegem seus guerreiros. Com a presença de um opositor que apresenta tais características e propõe a instalação do medo, cria-se um ponto de tensão que está contido em todas as narrativas. Nesse momento o herói vivencia uma série de dificuldades que o enfraquece a ponto de o leitor prever sua morte, porém isso não acontece, haja vista que sua existência não alcançou o objetivo final.

As lutas realizadas durante a construção do caráter heroico, de acordo com Rank (2015), são uma forma de escravizar sua ira longe das terras de origem, em terras estrangeiras, ocorrendo, normalmente, contra monstros pertencentes ao reino animal. Esse distanciamento transforma o herói e o leva a viver de forma mais coletiva “[...] de filho insatisfeito passa a ser um reformador valoroso; aquele que subjuga monstros comedores de gente ou destruidores de terras; um descobridor, fundador de cidades; um representante cultural, como o povo grego, tão culturalmente elevado, demonstra por meio de seus heróis [...]” (p.120)

Durante as aventuras enfrentadas, o guerreiro não deixa de usufruir dos momentos de prazeres carnavais que surgem, unindo, de acordo com Santos (2015, p.59), a dor e o sofrimento com os bons momentos, podendo perder tudo que já conquistou. Mesmo diante de momentos ‘felizes’ nesse percurso, ele não deixa desaparecer o desejo traçado desde seu nascimento e que se torna mais ‘vivo’ na edificação do seu destino, pois “[...] para alcançar seu intento, mesmo contra a vontade de um deus, o herói deve perder tudo, porque conseguindo vencer mesmo em circunstâncias adversas, seu estatuto heroico é reiterado (SANTOS, 2015, p.61).

As duas últimas etapas estão ligadas, pois o reconhecimento tão almejado por esses guardiões ocorre, muitas vezes, a partir da sua morte. Desde o início, nascimento, o homem nasce com a dúvida entre levar uma vida tranquila e possuir o reconhecimento com uma morte prematura, porém, o homem para se tornar um herói decide optar por uma morte prematura, mas gloriosa, excluindo a opção de uma morte por envelhecimento, haja vista que as mortes desses seres são, normalmente, violentas ou são levados a viver em profunda solidão. Todo esse sofrimento, como já mencionado, é em defesa da sua civilização e com o intuito de perpetuar os valores de seus antepassados às gerações posteriores.

A morte do herói o eleva a uma condição divina, transformando-o, portanto, em um ser que transita entre homens, pois estes morrem e sofrem as dificuldades que são postas na sua trajetória, e os deuses, haja vista que a missão realizada foi a de proteger a riqueza dos seus antecedentes e esta continuará sendo ‘*post mortem*’. Frisamos, contudo, novamente, que, em narrativas míticas, nem todos os heróis escolhem a morte. Alguns optam por ter uma vida duradoura ao lado da família. Assim fica claro que “[...] não é que o herói teve uma história de nascimento e de juventude milagrosas. Ao contrário, é a história de seu nascimento e juventude que o torna um verdadeiro herói” (RANK, 2015, p.121).

## Conclusão

Por meio dessas breves palavras sobre mito e heroísmo, já foi possível constatar que é necessário compreender que o mito não é definido de modo concreto, ou seja, ele não possui um significado único, fechado, ao contrário, existem tentativas para decodificar o que este realmente propõe para o leitor. No entanto, relacioná-lo ao sentido figurado ajudará a entender seus significados. Essas variações do mito são relevantes para a compreensão do leitor que deverá adequar seus conhecimentos de acordo com cada história narrada através deste.

De igual modo, refletir sobre as origens clássicas da ideia de heroísmo nos ajuda a compreender como os enfrentamentos heroicos, tantas vezes envolvendo lutas, violência e superação, contribuem, simbolicamente, para a visão do próprio ciclo da vida humana, com suas necessárias etapas de transformação, transgressão e reinvenção do humano a partir do toque mítico do divino.

## Referências

BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*. volume I. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mitologia Grega*. volume III. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

BURKERT, Walter. *Mito e mitologia*; tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 2001.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*: Editora Palas Athena, 1991. Disponível em: <<http://lelivros.download/book/download-o-poder-do-mito-joseph-campbell-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em: 06 set. 2016.

DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean Pierre. *As astúcias da inteligência*; tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

DICIONÁRIO *Etimológico da Mitologia Grega*. Disponível em: <<http://damariseugenia.meximas.com/wp-content/uploads/2014/05/Dic.-Etm.-Mitologia-grega.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2016.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*; tradução de Victor Jabouille. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*; tradução de Rejane Janowitz. Porto Alegre, RS: L&PEmbre, 2013.

\_\_\_\_\_. *Dicionário da mitologia grega e romana*; tradução de Victor Jabouille. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

HESÍODO. *Teogonia a origem dos deuses*; estudo e tradução de Jaa Torrano. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO. *Iliada*; tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

HOMERO. *Odisséia*; tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Tecnoprint, 1994.

NASO, Públio Ovídio. *Metamorfoses*; tradução de Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras Editora, 2003.

OVÍDIO. *Metamorfoses*; tradução Bocage. São Paulo: Hedra, 2007.

RANK, Otto. *O mito do nascimento do herói: uma interpretação psicológica dos mitos*; tradução e notas de Constantino Luz de Medeiros. São Paulo: Cienbook, 2015.

REINHARDT, Karl. Ajax; tradução de Oliver Tolle. In: \_\_\_\_\_. *Sófocles*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. p. 19- 44.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTOS, Rosana Baptista. *Notas sobre a narrativa de viagem na Literatura Grega*. 2015. Disponível em: < <http://www.seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/5151>> Acesso em: 25 jan. 2017.

SALLES, Catharine. Ulisses um simples mortal. *O mundo de Ulisses*, São Paulo, nº 29, p.10-17, s/d.

WERNER, Christian. *O mundo dos heróis na poesia hexamétrica grega arcaica*. Revista de Estudos Grecolatinos. Espírito Santo, n. 2, p. 20-41, 2013. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/7409/5212> > Acesso em: 11 abr. 2017.

Antônio Carlos Viana, contista sergipano, em boa parte de sua trajetória narrativa, elege um tom realista como uma das bases de sua escrita e construindo espaços em seus textos dotados de grande representatividade. A realidade, o cruel e, algumas vezes, o grotesco são ideias chave de sua produção ficcional. Sua coletânea *Cine Privê* (2009) não segue caminho diferente e retrata, ao longo de seus vinte contos, espaços, personagens e situações que levam o leitor a um violento encontro com realidades que poderiam estar em qualquer lugar e em qualquer tempo. Assim, vale também ressaltar que todas essas situações e personagens também constroem e são construídas pelos espaços nos quais habitam ou passam. Sejam eles a casa, o local de trabalho, as ruas, o público e o privado, entre outros espaços, destacam-se na narrativa de Viana como elementos que também se compõem como traços importantes do texto.

Nesta coletânea de contos, composta de vinte textos, o autor nos apresenta narrativas transgressoras e de espantos que constroem as trajetórias das personagens. Trata da sexualidade de adolescentes e velhos, da crueldade humana, prostitutas, a violência, crianças que buscam entender o mundo, mulheres subordinadas às exigências sociais, entre outros. Viana trata daquele que ninguém quer ver ou falar e passa despercebido aos olhos da sociedade, um relato de sobreviventes.

À literatura de Viana recorda-nos o conceito de literatura ‘menor’ de Deleuze e Guatarri (1977), que tomam o vocábulo ‘menor’ não como algo inferior ou desvalorizado, mas no sentido de uma literatura onde a minoria está inscrita através do que denominaram ‘língua maior’. Neste sentido, percebe-se que a narrativa de Viana trata do tipo social esquecido ou que passa pelos acontecimentos despercebido, tonando-se, em seus textos, parte dos espaços onde se desenrolam as ações. Também se relaciona à escrita de Viana, algo característico das literaturas consideradas ‘menores’, é o fato de que “nelas tudo é político” (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 26), isto é, enquanto nas chamadas literaturas ‘maiores’ o espaço é apenas onde se passa a narrativa, nas literaturas ‘menores’ os espaços sempre convergem casos individuais para uma ideologia.

Sob esta ótica, também levamos em consideração na narrativa de Viana a conotação de coletividade, ou seja, o autor representa mais do que a si mesmo e, por isso, é ideológico e político. Afinal, é a Literatura que se encontra encarregada positivamente do papel de enunciação coletiva e revolucionária (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 27). Em nosso estudo, investigaremos estas concepções através da análise do espaço.

1 Doutoranda Letras PPGL/UFS. Email: fcirce27@gmail.com

Subjetivamente, definir o espaço literário não é algo simples. Tal dificuldade provém da abertura semântica do vocábulo ‘espaço’ que, segundo Brandão (2007) é uma categoria que se apresenta em muitas áreas de conhecimento que produzem em seu conceito uma “abertura crítica”, articulatória e agregadora e, por outra ótica, a inexistência de um significado único. Trata-se de uma categoria transdisciplinar, porém com múltiplas funções de acordo com cada contexto.

Brandão ainda relata que, no tocante à Teoria da Literatura, o espaço apresenta uma “multifuncionalidade”. Para Brandão (2013, p. 24-25) os estruturalistas defendem as especificidades da própria linguagem. Enquanto as correntes sociológicas e culturalistas tratam o espaço como uma categoria de representação, com um teor social (2013, p.29-31). Nossa análise toma o espaço como uma representação da realidade, porém não como uma cópia, mas como escrita onde o texto literário mantém sua capacidade representativa mantendo o horizonte de reconhecimento dos espaços extratextuais, e, concomitantemente, transfigurando, reordenando, transgredindo esses espaços. Esse processo alimenta o potencial estético/simbólico da obra literária e suscita uma investigação.

Para este artigo, foi escolhido como objeto de análise o conto que dá título à coletânea. Nesse conto, com um narrador onisciente, somos apresentados a Manuel, o protagonista que, por muitos anos, trabalhou na limpeza de um cinema que depois, para resistir ao mercado, se tornou um cine privê onde aconteciam shows eróticos e eram exibidos filmes pornográficos. Manuel é o responsável por limpar toda a sujeira deixada pelos homens que, as assistirem aos shows, masturbam-se nas cabines do cinema, o que faz com que Manuel se sinta a cada dia mais sujo outão sujo quanto aqueles frequentadores. Limpar a sujeira que advém do ato sexual dos outros, delinea a vida deste homem que, percebe-se na leitura, tem sua imagem e sua vida modificadas a partir do momento em que tem contato com este espaço.

Em seu título, percebe-se uma redução, bastante comum, ‘cine’ que advém de ‘cinema’, local onde filmes são apreciados de forma coletiva. O cinema é uma forma de arte que, neste conto, ao ser reduzido e adjetivado com ‘privê’, perde, mesmo que aparentemente seu caráter coletivo. Torna-se uma apreciação que é, ao mesmo tempo, coletiva, porém com um caráter individualizado, já que cada frequentador ocupa sua cabine. Este espaço assume duas caracterizações opostas. É público e privado, também coletivo e individual.

Essa dualidade público/privado pressupõe “um enfoque não dissociativo, tanto do público/privado como do individual/social, compatível com a concepção bakhtiniana da interdiscursividade, em que o que ocorre num registro está dialogicamente articulado com outro, sem que possa se definir, com rigor de verdade, um ‘princípio’”. (ARFUCH, 2010, p. 98-99).

Tem horas que seu Manuel acha que nasceu para limpar toda a sujeira do mundo. O único emprego que lhe restou na vida foi aquele: limpar cabines de cine privê. Ele tem horror de entrar na cabine depois que saem aqueles homens cabisbaixos, envergonhados do que andam fazendo lá dentro. Tem vontade de gritar: “Levante os olhos, punheteiro safado, olha pra mim, sou eu que vou limpar suas nojeiras!” (p.23)

Pela reação inicial do protagonista, percebe-se o asco, o nojo e pavor em sua reação e fala com relação ao espaço onde trabalha, espaço este que, posteriormente, percebemos que mudará toda a sua vida fora dele. No excerto do conto, pode-se perceber as indicações sobre esse espaço e o que ele representa. O narrador, em terceira pessoa, nos mostra que Manuel sente como tivesse nascido “para limpar toda a sujeira do mundo”. Aquele espaço, o cine já adjetivado como ‘privê’, é algo privado, escondido, porém que todos sabem o que cada um daqueles homens faz em seu interior, incute no protagonista esse fardo a ser carregado por ele. Todavia, este é o único emprego que lhe restara.

A todo instante, vocábulos nos indicam os espaços nos desenha uma obscuridade aparente. São ‘cabines’ e ‘corredores’ que escondem e, ao mesmo, tempo, mostram o que aqueles homens fazem ali. O espaço se autodenuncia e ‘diz’, sem ‘dizer’ o que ocorre entre aquelas paredes. O que nos parece bastante irônica, já que, sendo algo privativo, deveria ser secreto, porém todos podem deduzir o que se passa naquelas instalações. Percebe-se então que esses espaços constroem uma rede de percepções por parte do protagonista e que influenciam diretamente sua maneira de ver a vida.

Seu Manuel passa a noite indignada naquele corredor sem nenhuma ventilação. A música barulhenta do teatro pornô que fica logo atrás da parte das cabines parece canalizar toda para seus ouvidos. Ele não sabe até quando vai suportar aquilo, qualquer dia enlouquece, ainda mais vendo o que vê. (p.23)

Percebe-se que o espaço apresentado move o percurso interno e externo do personagem e, junto ao leitor, somos apresentados a um *labirinto* que tem como eixo o protagonista. A medida em que entramos no espaço do cine privê, composto por quartos, corredores e janelas, entramos em um jogo de revelar e omitir que gera o efeito de labirinto que Seu Manuel não sabe até quando irá aguentar e que “qualquer dia enlouquece”. Segundo Dourado (1974):

Labirinto não significa confusão, mas nova ordem. Uma ordem codificada e cifrada, sistema de signos. Uma construção arquitetônica de forma rígida e cerrada, geométrica, pura cristalografia. [...] É dentro do labirinto que está a forma, o perigo, o caos organizado. Forma e aventura. Forma e antiforma. (p.5)

Ao mesmo tempo, a caracterização do cine privé desenha o espaço e a vida do personagem, define também seus sentimentos e angústias muito particulares colocando-o em um *labirinto* em si mesmo. Limpar a sujeira alheia é um tipo de ação que faz com que o protagonista se sinta menor que os outros e sem possibilidade de mudança.

Seu Manuel mergulha a vassoura no balde e passa no chão, resignado. Do que ele mais tem raiva é dos nojentos que parecem gozar de propósito nas divisórias de compensado, só para dar trabalho. (...)Ele é tomado pelo asco quando, sem querer, toca nos respingos que fica na cadeira. (p.24-25)

Nota-se na narrativa uma certa estagnação do personagem, mesmo que aquele lugar não lhe seja nada agradável e tenha mudado sua vida negativamente. Em alguns momentos o personagem busca traços que amenizem a convivência naquele local. Aos poucos, mesmo que mentalmente, o espaço vai, subjetivamente se modificando de acordo com as estratégias do protagonista para suportá-lo: “Nunca entendeu isto, tudo ali ser vermelho e preto. Poltronas vermelhas, paredes pretas. Ainda bem que ele é Flamengo, e é um consolo ver as cores de seu time a noite inteira. Só isso o faz aceitar com menos rancor a vida que leva. (p.25)

O espaço da casa mantém, de certa forma, a angústia do espaço do cine. Em ambos os espaços o sexo é negado: pelas prostitutas e pela esposa, comprovando a situação desfavorável do protagonista: “Quando seu Manuel volta para casa, Doralice o recebe com nojo na cara. Diz mal ele abre a porta, que sente cheiro de bicho no cio, basta ele dobrar a esquina. (...)” (p.25)

Cabe também salientar que os espaços também se formam subjetivamente. Ou seja, há também uma recriação dos espaços pelo próprio personagem, no momento em que transfere suas agonias de um espaço a outro. Seu Manuel tem na esposa o ponto de transferência do trabalho para a casa. O fato de Doralice, sua esposa, sentir nojo e culpa-lo pela deficiência da filha (que nasceu doente devido à sífilis que o pai tinha adquirido), sempre o faz, subjetivamente, voltar ou aprisionar-se no espaço indesejado do cinema: “Dede que a filha nasceu, Doralice lhe fechou as pernas para sempre. Lá se vão quase quinze anos.” (p.25).

O mundo exterior deixa de ser apenas uma realidade cruel para se transformar em outra realidade, que se constrói no interior do sujeito e impregnando o exterior sem demarcar contornos precisos. Assim, o jogo do espaço internos e externos no conto definem a dimensão dos efeitos do espaço nos personagens. Para Bachelard (1996.p.19), “o jogo entre o exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado” nem simples. É o caráter complexo desse jogo espacial que a narrativa define seus graus de interioridade e exterioridade. Para Ceserani (2006, p.73), um dos procedimentos constitutivos dos espaços são as fronteiras entre eles. Em Viana, essa fronteira entre o trabalho e a casa coloca o protagonista em duas dimensões diferentes, mas que produzem as mesmas consequências, com códigos diversos a sua disposição para orientar-nos na leitura.

Há no texto de Viana um entrecruzamento dos planos espaciais da realidade e do sonho. Seu Manuel sonha com as mulheres do cine e com sua vida antes daquela situação (antes das recusas de Doralice, do nascimento da filha, etc). Este espaço sonhado está no personagem internamente. O personagem confessa seus segredos mais íntimos impulsionado por imagens externas interferindo na focalização da narrativa, pois somos levados a visualizar o que se passa em sua mente.

Segundo Foucault (2001, p.79), em *Outros espaços*, “O espaço no qual vivemos, que nos leva para fora de nós mesmos, no qual a erosão das nossas vidas, do nosso tempo e da nossa história se processa num contínuo, o espaço que nos mói, é também, em si próprio, um espaço heterogêneo”. É uma heterogeneidade do espaço evidenciada, tanto no plano real quanto no literário, pelas relações estabelecidas. Todas as relações são pensadas pelos autores para que culminem em determinados desfechos. Percebe-se no texto de Viana um final que perpetua a situação do personagem propositalmente. Afinal, como ele não muda de espaço, inevitavelmente, a situação permanece, externa e internamente.

Em *Cine Privê*, o trabalho estético com o espaço, inter cruzando o espaço subjetivo da narrativa pessoal com o espaço físico, constrói uma marca de sua ficcionalidade. A relevância do espaço neste conto marca uma perspectiva psicológica do protagonista, sem anular o caráter social do discurso literário, dialogando com a realidade circundante. Viana destaca em sua escrita a ideia da literatura contemporânea e sua atração por aqueles que estão à margem da sociedade, sem perder a literariedade. Pela subjetividade da narrativa perduram espaços de descentramento, retomando Deleuze e Guatarri (1995), em vias de formação constante ou ainda, espaços fronteirços. São espaços que representam os marginalizados, tradicionalmente marcados pelas consequências dos processos sociais discriminatórios e excludentes.

Mais que os espaços, a literatura de Viana busca recompor espaços do silêncio, espaços de interdição. Existe em tudo isso uma dimensão simbólica que está para além de somente recompor tais espaços como relevantes. É como se, através da literatura, existisse a possibilidade de deixá-los escritos como traço da personalidade do personagem, sendo ambos protagonistas da mesma história.

Por fim, pode-se afirmar que o autor lida com as representações do espaço como um elemento constitutivo com o objetivo de fornecer múltiplas possibilidades aos leitores. E assim retomamos a ideia Brandão exposta no início de nosso estudo sobre a “abertura crítica” produzida pela construção do espaço dentro do texto. Percebe-se assim que o espaço é uma categoria transdisciplinar obtendo variados contextos dentro de uma mesma narrativa. Percebe-se que a literatura de Viana e seus espaços abre novos caminhos para novas leituras.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BRANDÃO, Luís Alberto. Espaços literários e suas expansões. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura – Poéticas do espaço. vol. 15, n. 1, p. 207-220, jan.-jun./2007.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Trad. Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Trad. Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia – vol.5. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Trad. Júlio Castañon Guimarães. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DOURADO, Autran. Proposições sobre labirinto. In: **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 20, Jul. 1974, p. 5-12.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. s.p.

VIANA, Antonio Carlos. **Cine Privê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.23-28

## A demonologia cristã em *Paraíso Perdido*: a figura de Satã

Gisela Reis de Gois<sup>1</sup>

*Paraíso Perdido* (MILTON, 2006) trata do primeiro casal humano, que tinha a tarefa de manter-se alinhados com os preceitos do Criador, tendo como vilão Satã. O épico miltoniano oferece trechos expressivos da presença do maravilhoso, principalmente com a participação de Satã, em praticamente todos os cantos, como, por exemplo, a tentativa da serpente de dissuadir Eva. Além de recorrer a imagens advindas da mítica judaico-cristã, o poeta utilizou o mito greco-romano, produzindo, assim, uma obra distinta das demais epopeias, tanto pelo tema quanto pelo uso do mito no plano maravilhoso.

Highet (1954) afirma que o mundo moderno é uma extensão do mundo grego e romano em muitos aspectos. A redescoberta da civilização clássica, no final da Idade Média, após tanto tempo de controle e censura sobre as formas e ideias do paganismo, proporcionou a assimilação, seja pela imitação ou pela adaptação, do pensamento greco-romano na fundação da civilização moderna. Gilbert Highet apresenta uma classificação das epopeias escritas em línguas modernas no Renascimento, de acordo com o assunto e o tipo de influência clássica. A primeira classe é definida como a imitação direta da epopeia clássica. O segundo tipo é composto por epopeias sobre aventuras heroicas contemporâneas, escritas principalmente ou totalmente da maneira clássica. Na terceira classe estão epopeias novelescas de façanhas cavaleirescas medievais que estão penetradas de influência clássica. Na quarta e última classe estão as epopeias religiosas cristãs sobre assuntos retirados da história e da lenda judaico-cristã, mas que contêm aspectos do pensamento clássico, como as próprias epopeias de Milton.

O épico inglês começa e termina com destaque para o plano maravilhoso. Alinhando-se com os preceitos da religião cristã e monoteísta, Milton aderiu a Deus e aos anjos para explicar o universo e as coisas que nele existem, mas adotou termos de religiões politeístas para designar os demônios e a futura ação deles como divindades. É possível perceber que, entre os seres elencados por Milton a participarem do poema épico, Deus foi mais mencionado do que atuante na epopeia. O Deus presente em *Paraíso Perdido* é uma figura onisciente que determina aos outros as atividades a serem desempenhadas, sem se envolver diretamente no decorrer da história, a não ser na criação da Terra e do casal. A obra fica, então, de acordo com a imagem de criação e redenção normalmente associadas a Deus e Cristo, respectivamente, na mitologia judaico-cristã.

Apesar da intenção de produzir uma epopeia nitidamente protestante, Milton acabou dando mais relevo ao vilão, Satã, do que ao Criador, segundo alguns teóricos. “A mais shakespeariana de todas as personagens literárias depois de Shakespeare é o Satanás de Milton, herdeiro dos grandes heróis-vilões – Iago, Edmundo e Macbeth – e também dos aspectos mais sombrios do contra-Maquível Hamlet” (BLOOM, 2001, p. 167-168). O mesmo acredita Bowra, ao comparar a figura de Satanás com o antigo tipo de herói:

Em Satã apresenta o poeta várias qualidades que pertencem ao antigo tipo. É um grande chefe na guerra, especialmente na derrota; sozinho, faz o que nenhum dos seus camaradas se atreve

---

1 Mestre em Letras PPGL/ UFS, vinculada ao Centro Multidisciplinar de Estudos sobre o Épico (CIMEEP)

a fazer; no seu trono apresenta-se com todo o aparato real; mostra-se cheio de recursos como quando inventa a pólvora para a guerra no Céu; é absolutamente eloquente; oculta dos seus camaradas o desespero, como Eneias oculta o seu quando julga todos os seus navios perdidos. (1950, p. 265).

As fontes míticas de que Milton faz uso são tradicionais, advindas de imagens míticas veiculadas pela tradição cultural judaico-cristã. Esse artigo busca tratar a presença do mito faústico no personagem de Satã, enquanto afirmação político-ideológica do protestantismo na forma sobrevivente da epopeia clássica: Turno da *Eneida*.

Ian Watt definiu Fausto e outros personagens da literatura como mitos modernos pois “[...] não eram nem clássicos nem bíblicos, mas criações modernas; e mais ainda, o fato de terem aparecido na literatura durante um período de trinta a quarenta anos – do Fausto no *Faustbuch* de 1587 ao Dom Juan da peça *El Burlador*, [...]” (WATT, 1997, p. 14). O período que o autor se refere é aquele que os historiadores denominaram de Contra-Reforma, em que as forças da tradição e autoridade juntaram-se contra as aspirações do individualismo renascentista na religião, literatura, dentre outras áreas. As aspirações a que o teórico menciona são as vontades de traçar caminhos distintos e próprios de um indivíduo, mesmo que isso contrarie os demais. Os mitos do individualismo moderno são produtos da transição de sistema social e intelectual da Idade Média para o sistema dominado pelo pensamento individualista moderno, portanto se afastando de mitos já estabelecidos e “sagrados”.

Fausto, Dom Quixote e Dom Juan caracterizam –se igualmente pelas energias positivas e individualistas do Renascimento; cada um deles quer seguir o seu próprio caminho, e não o dos outros. Mas eles próprios entram ideológica e politicamente em conflito com as forças da Contra-Reforma; e são punidos por isso. E pecadores, é claro, são sempre mais interessantes do que santos. (WATT, 1997, p. 14-15)

O personagem Fausto contém um misto de características históricas e ficcionais atribuídas a ele com o passar do tempo. Primeiramente, o Fausto era herético, na época dele havia acontecido a redescoberta de obras antigas, Renascimento, juntamente com isso veio a curiosidade de alguns em entender e controlar forças desconhecidas: “entre os manuscritos gregos que Cosino de Medici havia adquirido em Bizâncio, o que mais o interessava era um que tratava de magia: o *Corpus hermeticum*, uma compilação de escritos astrológicos e teológicos dos séculos II e III da era cristã” (WATT, 1997, p. 20).

Os mais ousados tentavam aprender e aumentar os conhecimentos sobre magia, atitude essa considerada herética naquele tempo. O Fausto se autodeclarava de “O Fausto mais jovem”, deixando a entender que ele pertencia a uma classe, de acordo com Ian Watt, é possível que se trate de uma menção a São Fausto que foi alvo de ataques de Santo Agostinho no século V por causa de uma suposta heresia. Além disso, o Fausto declarava ter vínculos com Simão o Mago, ou mágico, ao se atribuir o título de “O segundo mago”. Simão, segundo Watt, pertencia a uma tribo das Medas, onde teve origem os três magos do Evangelho de São Mateus. Vejamos a seguir a relação conflituosa entre Simão e os apóstolos:

[...] A oposição entre os apóstolos e o mago Simão tornou-se um dos momentos mais significativos na longa história dos conflitos entre religião e magia. [...] Mas, a partir da época dos apóstolos a Igreja Católica reclamou para si a exclusividade do controle do mundo invisível; e foi a afirmação de que o sacerdote era o detentor exclusivo do direito sobre todos os rituais e outras práticas mágicas o que motivou o conflito entre Simão o Mago e São Pedro. (WATT, 1997, p. 21- 22)

O estabelecimento do mito do Fausto se deu através da divulgação de panfletos e livros relatando postumamente o acordo e danação de Jorge Fausto com o Diabo. A história tornou-se mais expressiva ao ser relacionada com a obsessão de Lutero com Satanás e o fato dele entender a vida como uma eterna batalha contra o Diabo:

No fundo da floresta da Turíngia há um quarto escuro onde, certa vez, as zombarias de Satã, de tanto que enfureceram Lutero, levaram-no a atirar contra ele o seu tinteiro [...] Uma das razões pela qual podemos dizer que aquela mancha é histórica está no fato de o mito do Fausto ter se expandido a partir dela; primeiro, pelo motivo mais geral de que a danação de Jorge Fausto foi dada a conhecer postumamente. (WATT, 1997, p. 26- 27)

A atitude Lutero em conceber a vida enquanto uma constante luta contra o mal, tornou-se célebre e está registrada no hino *Ein feste Burg*: “Castelo forte é nosso Deus,/ Espada e bom escudo;/ Com seu poder defende os seus/ Em todo transe agudo./ Com fúria pertinaz/ Persegue Satanás/ Com artimanhas tais/ E astúcias tão cruéis,/ Que iguais não há na terra.” (CANTOR CRISTÃO, 1996, p. 268). Ademais, essa obsessão colaborou para o desenvolvimento da demonologia cristã. Primeiramente, porque o mito do Fausto surgiu em uma época em que o cristianismo havia polarizado o mundo humano e sobrenatural. Como consequência disso, o Diabo e o que se relaciona a ele passou a ter maior relevância teológica e psicológica.

Pois, no *Antigo Testamento* o Diabo tem menor importância. Ele aparece para Eva em forma de serpente e causa a queda do casal, depois desse evento a aparição dele é rara. No *Novo Testamento*, ele tenta um acordo com Jesus Cristo para ser adorado, pois há a possibilidade de satisfazer os desejos dos homens, ao invés de Deus e é rejeitado; tendo, portanto, maior prominência.

Em segundo lugar, a demonologia cristã se desenvolveu graças a Igreja e Santo Agostinho. De acordo com Ian Watt, o tratado de justificação do cristianismo, *De civitate Dei*, A cidade de Deus, subordina o homem a uma monarquia dual, e como consequência da queda do homem e sua natureza, Satã passa a reinar sobre o mundo e sobre a carne. Alguns anos mais tarde o Concílio de Constantinopla declara e proclama a existência eterna de Satã e a crença em seus poderes como parte essencial da fé cristã.

Estando definida a presença constante de Satanás, as pessoas tinham que recorrer a formas de proteção. Os sacerdotes possuíam o conhecimento para afastar o Diabo, usando o exorcismo, confissão e absolvição. Dessa forma, as pessoas sentiam que poderiam ser protegidas do mal. Entretanto, as constantes tentativas de acabar com a heresia acabaram colaborando para um crescimento da consciência do poder do Demônio, especialmente através de Tomás de Aquino que resgatou antigas ideias, como a de Santo Agostinho sobre a disputa entre Deus e Diabo. Observemos a seguir algumas ações que tentavam extinguir a heresia:

O papa Gregório IX criou a Inquisição em 1229 [...] papa Inocêncio VIII lançou em 1484 a bula *Summis desiderantis*, [...] erradicar a heresia, determinava a todas as autoridades eclesiásticas

que apoiassem a caça às feiticeiras [ e feiticeiros, é claro, embora eles fossem pequena minoria] empreendida pelos inquisidores. O manual *Malleus maleficarum* (Martelo das feiticeiras) sobre como reconhecer, prender, condenar e queimar bruxas teve muita influência e em 1580 já estava na 14ª edição. (WATT, 1997, p. 29)

Tanto católicos quanto protestantes encaravam a busca por heréticos da mesma forma, sem divergências. O próprio Lutero era contra a feitiçaria: “Em vida do Fausto, Lutero parece ter sido o primeiro a relacioná-lo com o Diabo. Lutero menciona-o duas vezes em suas *Tischreden* (Conversas à mesa). ” (WATT, 1997, p. 30). A história de Fausto e sua relação com o Diabo e a crença de que o Demônio o matou se tornou uma publicação em 1578 em Frankfurt, Lutero e seus seguidores foram os responsáveis pela história. A perseguição às bruxas proporcionou maior interesse pelo Fausto. Com o advento e expansão da imprensa, tornou-se popular na Alemanha livros sobre possessão demoníaca e outros do gênero, inclusive o *Faustbuch* com a história do acordo de Fausto e o Diabo.

Na Alemanha, onde os luteranos exerceram grande impacto, Lutero diminuiu as formas de proteção que as pessoas utilizavam através dos sacerdotes, restaram a comunhão, a água benta e uns poucos vestígios do que antes existira. A Igreja luterana, por exemplo, não via com bons olhos o exorcismo como arma contra os espíritos malignos. “Erasmus criticava Lutero por ter criado um vazio entre Deus e o homem; [...] o luteranismo deixava o indivíduo sozinho em um mundo onde cresciam os terrores demoníacos, e em que eram estritamente proibidos até mesmo os recursos da magia branca”. (WATT, 1997, p. 32-33)

Na epopeia de Milton, *Paraíso Perdido*, é narrada a história da queda de Adão e Eva e qual a participação de Satã na perdição da humanidade. A fonte para a obra é o *Antigo Testamento*, portanto era de se esperar que a forma como o Satã foi descrito na obra inglesa se assemelhasse ao Diabo sem muita prominência do Gênesis. Muito do que Milton escreveu no *Paraíso Perdido* veio do *Livro do Gênesis*, segundo Priestley e Spear (1963).

Mas, é possível perceber que a figura de Satã retratada por Milton se equipara à ideia que Lutero tinha do Diabo. Por isso, o personagem de Satã na epopeia é tão recorrente nos cantos e tem mais relevo do que o personagem de Deus. Por isso, alguns autores, como Enéias Farias Tavares (2009), consideram que Satã é o herói de *Paraíso Perdido*, porque o vilão se enquadra no perfil de herói derrotado, que continua sua busca:

[...] é a missão de Satã que nos é inicialmente apresentada como a missão ‘épica’ do poema: desbravar um mundo novo em sua luta contra o Criador. Esta missão faz com que desempenhe papéis semelhantes aos de heróis da épica clássica: guerreiro intrépido (lembrando Aquiles ou Heitor), líder militar (como Enéias), estrategista (como Odisseu) [...] (FERNANDES, 2012)

Além dessa característica, o vilão de *Paraíso Perdido* se iguala a outro personagem épico, Turno da *Eneida*. Ambos personagens estavam em uma posição privilegiada e perderam a sua posição, não se adequando a nova configuração social. No caso de Turno, ele era pretendente de Lavínia até a chegada de Eneias, que passa a ser o pretendente da filha do rei. Inconformado com a situação, Turno inicia uma guerra contra os troianos e Eneias. De maneira similar, Lúcifer perde sua posição ou pelo menos entende ele que foi traído, como vemos a seguir em um fragmento da obra de John Milton:

Encheu-se de atra inveja aquele dia

Em que o Filho de Deus, com toda a pompa  
Feito, aclamado por seu Pai imenso,  
Messias foi, universal monarca:  
E em seu orgulho suportar não pôde  
Tal vista, ideia tal, que o desluziam.  
Respirando desprezo e ardente raiva,  
Decidiu, tão depressa à .meia-noite  
(Tempo mais próprio do silêncio e sono)  
A hora escura bater a martelada,  
Ir-se com todas as legiões que manda  
E deixar do alto Deus o trono augusto  
Em desprezo, sem culto e sem louvores.  
(MILTON, 2006, p. 215-216)

A disputa se dá não por um casamento, mas por Lúcifer imaginar que a posição de privilegiado deveria ser dele e não do Filho de Deus. Dominado pela inveja ela trama uma guerra, assim como Turno, na tentativa de se vingar, mas é derrotado. Perdendo seu lugar ao lado dos arcanjos e o nome:

Porém com este fim Satã não vela  
(Tal hoje o chamam; seu primeiro nome  
Não mais foi desde então nos Céus ouvido):  
Ele que de um dos principais arcanjos  
Tinha o lugar, se o principal não era,  
Grande em poder, no grau, na estima grande,  
(MILTON, 2006, p. 215)

Depois da derrota, Satã percebe em seu companheiro Belzebu a perda da graça que antes tinham:

És tu, arcanjo herói! Mas em que abismo  
Te puderam lançar! Como diferes  
Do que eras lá da luz nos faustis reinos,  
Onde, sobre miríades brilhantes,  
Em posto tão subido fulguravas!”  
(MILTON, 2006, p. 15)

A figura de Satã obteve essa posição de protagonista, se comparado com a pouca presença de Deus nos cantos, da demonologia cristã, influenciada pelas ideias de Lutero, através de uma forma sobrevivente da epopeia clássica: Turno da *Eneida*. Pois, se o poeta tivesse baseado fielmente seu personagem no *Antigo Testamento* o papel de Satã teria menor importância. Entretanto, de acordo com Ian Watt, a atitude obsessiva de Lutero em conceber a vida como uma disputa eterna contra Satanás foi o que determinou essa característica: “Lutero indicava o Diabo para explicar cada tentação, dúvida ou episódio desagradável em sua vida pessoal. Embora jamais haja visto o Diabo, Lutero tinha absoluta certeza de sua contínua presença [...]” (1997, p.27). Por conseguinte, há a presença do mito faústico no personagem de Satã, enquanto afirmação político-ideológica do protestantismo na forma sobrevivente da epopeia clássica: Turno da *Eneida*.

## Referências

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: Os livros e a escola do tempo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

BOWRA, Cecil Maurice. **Virgílio, Tasso, Camões e Milton (Ensaio sobre a epopeia)**. Trad. António Álvaro Dória. Porto: Livraria Civilização, 1950.

CANTOR CRISTÃO: Hinário das Igrejas batistas no Brasil. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1996, 64ª edição.

FERNANDES, Fabiano Seixas. O Satã de John Milton. In: MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Salma; LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Org.). **O demoníaco na literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

HIGHET, Gilbert. **La tradición clásica**. Influencias griegas y romanas em la literatura occidental. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1954.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Trad. António José Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 2006.

TAVARES, Enéias Farias. Figurações do herói épico: de Homero a Sousândrade. **Eutomia**. Ano II, nº2, 2009. Disponível em: < <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Figura%C3%A7%C3%B5es-Do-Her%C3%B3i-%C3%89pico/77354.html>>. Acesso em: Agosto de 2014.

PRIESTLEY, John Boynton; SPEAR, Josephine. **Adventures in English Literature**. The Anglo-Saxon period through the Seventeenth. New York: Harcourt, Brace & World Inc, 1963.

WATT, Ian P. **Mitos do individualismo moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

O presente artigo é resultado das reflexões e discussões realizadas no decorrer da disciplina Teorias Contemporâneas da Literatura, do Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Nosso objetivo neste trabalho é, ao analisarmos alguns poemas metalinguísticos da escritora Aglacy Mary, selecionados da sua obra *A Lavra* (2008), associá-los aos pensamentos de alguns autores e críticos que discutem o papel da literatura e do fazer poético na contemporaneidade. Como afirma Antonio Candido (2011), a literatura contribui, como construção de conhecimento, para nossa organização e humanização e, nesse sentido, pensamos que, independentemente de sermos autores ou leitores, o fazer poético permite-nos uma compreensão mais ampla do mundo e/ou de nós mesmos. Logo, estudar a poesia de Mary é vislumbrar como sua poética integra sua visão de mundo e, ao mesmo tempo, nos leva a expandir a nossa.

Aglacy Mary, mulher, negra, escritora sergipana, é também pedagoga e diretora de uma grande escola da capital de Sergipe. Desde criança envolvida com os livros e os encantos da arte, Mary despertou cedo para o prazer da escrita, o qual começou pela imitação de escritores de sua preferência e depois ganhou as asas da liberdade e uma posterior identidade própria. Entre os exercícios da gestão, do lidar com pais e crianças e do ser poeta, a referida escritora se descobre, desdobra e se renova entre os seus textos, que se apresentam também como uma forma de sublimação e de compreensão do que a cerca.

O título de sua primeira coletânea de poemas, *A Lavra*, já nos parece bastante interessante, ao sugerir, no que se refere ao campo semântico do substantivo, significados como arte; fabricação, laboração; lavrar que explora, corrói e se alastra (ou multiplica). Conforme Samira Chalhub, “A função metalinguística, em síntese, centraliza-se no código: é código ‘falando’ sobre o código” (2005, p. 60). Para compreender o processo de criação de Mary, selecionamos alguns poemas que nos proporcionam, através do eu-lírico, uma reflexão a respeito de seu fazer poético, quais sejam: “A lavra”, “Lembrança do poeta”, “Minha palavra”, “Promessa” e “Medida”. Nesses poemas, os sentidos de “lavra” são, de alguma forma, contemplados.

Retomando mais uma vez algumas das ideias desenvolvidas por Candido no seu “O direito à literatura” (2011), percebemos que, quando subtraem da sociedade aquilo que lhe é de direito – aqui nos referimos especificamente à literatura –, sua humanização fica comprometida. Tal pensamento nos convida a fazer um paralelo com parte do raciocínio desenvolvido por Chalhub (2005, p. ?), quando ela afirma o seguinte: “O que a metalinguagem indica é a perda da *aura*, uma vez que dessacraliza o mito da *criação*, colocando a nu o processo de *produção* da obra” (Grifos da autora). Nesse sentido, podemos afirmar que o poema metalinguístico contribui para uma fruição do texto literário, pois, por não apresentar um status de texto distante, sacralizado, nos permite um maior acesso à compreensão do processo de escrita, possibilitando-nos maior identificação com o texto. A escrita que se mostra humana e fruto de um trabalho de reflexão e luta com as palavras (como sugere o poema “O lutador”, de Carlos Drummond de Andrade, 1942) se aproxima de nós e nos humaniza também, dando-nos a possibilidade de reconhecer a construção, a lavra, o caminhar do poeta, que também é de cada um e, simultaneamente, de todos nós.

1 Publicado no livro *Poesia nordestina contemporânea* (Aracaju: ArtNer, 2017).

Sobre os poemas selecionados, temos, ainda, uma relevante observação: nos cinco textos, percebemos a ocorrência do semema *janela* ou de semema semelhante, tal como ocorre no primeiro poema, “A Lavra”, em que aparece a palavra “moldura”, cujo campo semântico é próximo. Mas, nos outros quatro, ocorre a presença literal do semema mencionado, sendo que, em “Lembrança do poeta”, ele está presente duas vezes. Se recorrermos a Agripina Ferreira, em seu *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos* (2008), encontraremos um sentido para “janela”:

A janela é um objeto onírico que traz para o interior um mundo de beleza e maravilhamento. A luz brilhante do sol nascente e poente dos ensolarados dias, as brumas frias e cinzentas do inverno, o cheiro penetrante da mata, após as chuvas de verão, as brisas perfumadas exaladas pelas flores invadem o espaço onde a janela, na sua quietude, recebe todos os influxos de um mundo em constante devir. A janela abre-se para o mundo. Olha, vê, contempla, mas nada diz. Através da janela, o sonhador sonha, medita, indo além da contemplação panorâmica percebendo que o mundo é grande, mas ele pode ser maior na medida em que se afasta do tempo horizontal que corrói a vida, a alma e o seu coração, dissolvendo-o no fluxo do tempo. Para o poeta, o mundo é um outro mundo, cujas imagens que ele criou caleidoscopicamente vão aparecendo com as mais variadas e surpreendentes nuances. Ele é o mágico do instante, em que um instante é uma eternidade que aprofunda e verticaliza a sua vida (2008, p. 109).

Instigados pelas possibilidades de leitura da metalinguagem em Mary a partir da conexão entre a consciência criadora e o valor simbólico dessa presença repetida nos poemas, buscamos refletir sobre os diversos sentidos que essa palavra pode evocar, como é exemplo o bachelardiano valor onírico que acima apresentamos. Extrapolando, ainda, o sentido denotativo de janela como meio físico e material para circulação de ar em um recinto, deparamo-nos também com o dito popular – cuja origem remete a um texto bíblico encontrado no livro de Mateus, capítulo 6, verso 22 – que diz o seguinte: “os olhos são a janela da alma”.

Além disso, também para buscarmos entender a utilização recorrente do semema janela nos poemas lidos, revisitamos alguns escritos de Giorgio Agamben, que define um termo importante para nosso olhar: “dispositivo”. Segundo ele, dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2009, p. 40). O sentido do termo cunhado por Agamben tem perspectiva inversa à da janela onírica de Bachelard. O dispositivo agambeniano sujeita o ser a injunções ou a sobredeterminações ditadas pelo poder. Por isso, Agamben chega a propor, segundo explicam Susana Scramim e Vinícius Nicastro Honesko na apresentação do livro, “a profanação dos dispositivos de governo e a assunção de um ingovernável como ponto de fuga e início de uma nova política” (2008, p. 14-5). Assim sendo, se tomamos o termo de empréstimo para fazer um paralelo com a criação lírica, podemos ver, metaforicamente, nas janelas de Mary potenciais signos de repressão do expansionismo do sujeito lírico. Espaço para o onírico ou cerceamento do próprio espaço?

Para estabelecermos claramente essas conexões e chegarmos a uma visão mais clara da expressividade desse signo no âmbito da poética de Mary, passamos a algumas reflexões individualizadas sobre os poemas.

O primeiro poema selecionado se intitula “A lavra” e, assim como os outros textos presentes no livro de mesmo nome, apresenta uma escrita em versos livres e brancos (com exceção da rima entre “findada” e “fincada”). O seu título já sugere a ideia de um processo criativo fundamentado no labor, no exercício de análise e seleção das palavras que constituirão o texto poético. Vejamo-lo:

A lavra

O que me delinea e localiza

É seu olhar

Seu não desvio da letra

Que desenha meu mundo

E me dá posse de bom punhado

Sei que sou

Porque me vê

Distingue-me da moldura

Das cenas circundantes

Descobre-me a pele

Toca-me a ferida

Recolhe-me o sangue

O que me multiplica e perpetua

É a lavra da pá

Submetida à intenção

Que se sabe nascida

E nunca se vê

Findada

Fincada

Recolhida

(MARY, 2008, p. 13).

Entendemos que o fazer poético, nesse poema, aparece sujeito a um olhar que “delineia e localiza” o poema. Metalinguística e metaforicamente, esse olhar pode ser tomado como a percepção de um leitor, que redesenha, por meio da palavra lida, o mundo do eu-poético e o desvenda. A partir da palavra “moldura”,

identificamos um possível lugar de enquadramento que guia o olhar de quem enxerga e lê o poema. Vemos aqui três espaços: o do eu-poético, o do leitor e o da moldura, isto é, do enquadramento que proporciona um espaço ou uma separação entre os dois primeiros. Cabe, porém, a esse provável leitor a sensibilidade de ver, de extrapolar os limites do quadro e descobrir a superfície da construção textual, tocando-lhe a ferida do seu sentido, de penetrar e de alguma forma compreender a profundidade do sofrimento pertinente ao realizar da palavra.

Essa palavra submetida à lavra do ajuste e da seleção intencional do leitor é que faz o poema acontecer, multiplicando-o e perpetuando-o. O processo, no entanto, se faz contínuo, incessante, já que a intenção se apresenta sempre fugaz e indomável.

De certo modo, o onirismo atribuído à “janela” somente acontece pela interação com o outro, que é capaz de encontrar e ver o “ser” que se distingue da moldura corriqueira do mundo, este, sim, muitas vezes, um “dispositivo” que cega para a leitura do humano do ser.

Em “Lembrança do poeta”, segundo texto que compõe este estudo, temos um poema de estrofe única que faz intertexto com “No meio do caminho” (1930), de Carlos Drummond de Andrade. Ei-lo:

Lembrança do poeta

Assisto a você acontecer

Por uma vidraça embaçada

De uma janela de verão

Você passa

E eu suspiro

Chorando o limite

Que nos faz acontecer

Em terrenos diferentes

No meio do caminho do poeta

Havia uma pedra

No meio do meu caminho

Uma janela

(MARY, 2008, p. 21).

No poema de Mary, assim como no de Drummond (“Nunca me esquecerei desse acontecimento”), aparecem os sememas “acontecer” ou “acontecimento”, os quais nos chamam atenção para um fato, um evento. Como entendemos o presente texto como um poema metalinguístico, podemos dizer, portanto, que compreendemos esse fato como o acontecimento do poema, a realização visível da escrita.

Ao partirmos do título da poesia, temos a possibilidade de observá-lo em duas perspectivas: lembrança como memória; lembrança enquanto presente, dádiva. Nessas duas acepções, é perceptível a relação do eu-lírico com o labor do fazer poético e sua comparação com alguém que exercita o mesmo papel.

Temos aqui a existência de três lugares ou três posições: o eu-poético, a janela e o poema. Revisitando algumas das palavras de Agamben (2009), entendemos a imagem da janela como um dispositivo particular inerente à poética de Mary, metáfora do enquadramento que, em acepção inicial, aparentemente impede o transbordamento do eu-poético e do ser. O eu-lírico assiste a “você” – aqui entendido como o poema – acontecer através de “uma vidraça embaçada de uma janela de verão”, ou seja, a janela é o lugar que conduz e modela o ver, mas essa visão se apresenta embaçada, limitada. Além disso, a própria janela é também a fronteira, o local que unicamente permite ao eu-poético enxergar o poema alheio passar.

No meio do caminho do poeta, há uma pedra, um obstáculo; no meio do caminho do eu-lírico, há uma janela, espaço-obstáculo por meio do qual o eu-lírico revisita e busca sentidos no poeta de sua admiração. A escrita metalinguística, porém, ao brincar com essa busca e salientar todo esse embate do processo de escritura, dessacralizando-o, se revela então como um contradispositivo. O poema se realiza como um lugar de desmascaramento e questionamento do próprio dispositivo presente na poética da escritora, pois, conforme Agamben (2009, p. 45): “A profanação é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”. Aparentemente subjugado pelo embaçado da janela, o eu-lírico, com a força da criação poética, profana a pedra drummondiana como paradigma lírico, inserindo uma identidade nova à “pedra” – que agora é “janela no meio do caminho”.

O terceiro texto desta seleção chama-se “Minha palavra”. Nele, como sugere o título, o eu-lírico descreve um pouco do objetivo da sua palavra, que se apresenta como o lugar da “lembrança”, da “pausa”, dos “rabiscos” e da “intimidade”, termos que nos remetem ao processo laboral da escrita. Observemo-lo:

Minha palavra

Sinto que desagradavelmente se surpreenda

Pois que escrevo para guardar a lembrança

Do que quisera que existisse um dia

Minha escrita é pausa

Ao requinte do silêncio de meus desejos

E me prefiro assim

Em rabiscos

Para não perder o gozo desta intimidade

Se meu sorriso insinua tristeza

Minha letra, mais livre, anunciará

Um fardo insuportável

Mas para vê-lo, caro amigo  
Urge chegar mais perto  
A não mais que um palmo  
Do parapeito de minha janela  
(aventura)  
Ou espiar pela fresta aberta nas entrelinhas  
Onde a palavra não insiste  
(MARY, 2008, p. 32).

Nesse poema, curiosamente, o eu-poético convida o leitor para chegar mais perto da sua janela, e o meio, anteriormente percebido como o lugar de um possível afastamento, aqui se apresenta também como um local de acesso, de ponte. O leitor – chamado, no poema, de “amigo”, pelo viés da leitura metalinguística – ainda pode ir além, pelo espaço de evasão e abertura sugerido pela palavra “aventura”, que aparece escrita entre parênteses no texto literário, logo após o semema janela. O lugar da janela, então, se expõe nesse momento como o ambiente de acesso ao universo do outro, como uma possibilidade convidativa de conhecimento e troca, logo de aventura. É o espaço onírico em que o “eu” e o “outro” se fundem e se reconhecem.

O quarto e penúltimo poema escolhido se intitula “Promessa”, apresenta uma única estrofe e também é entendido como um texto de metalinguagem metafórica. “O acontecimento da flor” é por nós compreendido como a ocorrência da poesia, a sua concretização:

Promessa

Sinto os passos de seu perfume  
E os sons alegres de seu canto  
Ainda não se foi de todo a noite  
E meu ar já se enche de cor  
Na janela bate um ramo  
Anunciando que não tarda  
O acontecimento da flor  
(MARY, 2008, p. 33).

As referências sinestésicas que aparecem desde o início do texto literário demonstram um pouco do processo criativo, do transbordamento do eu-lírico, e o título do poema sugere o acontecimento como algo

esperado e consequente dessas sensações e eventos. É como se o eu-lírico representasse figurativamente cada etapa do modo como se realiza, na natureza, o surgimento de uma flor. Essa sequência, então, nos promete e nos assegura a iminência do evento.

Nesse poema, em especial, a janela aparece como o lugar da própria promessa, da esperança, pois é nela que o verde do ramo acontece, ou seja, é a janela o lugar do contato, da oportunidade e da percepção das possibilidades. Isenta, portanto, de referentes que a remetam à ideia da restrição imposta pelos paradigmas da palavra lírica, essa janela é espaço próprio de expressão e transbordamento que geram a flor.

O último poema selecionado chama-se “Medida” e é composto por uma única estrofe com 23 versos. Totalmente elaborado por meio de uma linha interrogativa, o poema questiona “Que tanto é um homem?”, pergunta que se repete seis vezes no texto, sendo que, na última estrofe, ela aparece sem o semema “homem”:

### Medida

Que tanto é um homem  
Se me cabe nas mãos  
No rigor e na leveza da palavra?  
Se cabe no minuto do meu pensar  
E na eternidade da minha dor?  
Que tanto é um homem  
Se me basta um meneio  
Para percorrer seu corpo  
E uma lágrima  
Para penetrar as veredas de sua alma?  
Que tanto é um homem  
Se meu olhar vence a fronteira  
Desverticaliza a cerca da diferença  
E confunde sua certeza?  
Que tanto é um homem  
Se arde meu sangue em suas correntes  
Carcereiras do discurso de sua memória?  
Que tanto é um homem  
Se de sua covardia  
Faço as janelas que saem meu desejo?  
Que tanto é

Que o meço assim

Em versos tão poucos?

(MARY, 2008, p. 68).

O título do poema, juntamente com a questão relevante por ele apresentada, nos levam a fazer a seguinte indagação: a palavra é um instrumento de medição ou de libertação de quaisquer medidas? O tanto indefinido que é o homem estranhamente “cabe nas mãos” do eu-lírico, “no rigor e na leveza da palavra”, portanto, paradoxalmente, essa palavra se apresenta como uma ferramenta capaz de medir o tamanho do homem, mas também propicia a libertá-lo de medidas, visto que ele pode caber no minuto de um pensar.

O semema “medida”, assim como “janela”, também pode ser entendido como um dispositivo (AGAMBEN, 2009), porque é um meio de molde e controle. A escritora, contudo, mais uma vez parece nos estabelecer um contradispositivo ao discutir a ideia de “Que tanto é/ que o meço assim/ em versos tão poucos?”, ou seja, por meio da palavra poética, esse “homem”, que impõe janelas, é questionado.

O espaço da janela nesse poema deixa, assim, margem para outra indagação: ele é o lugar que se faz obstáculo para o ilimitado do poético ou é um espaço para a libertação do ser que sai de si próprio para observar o ilimitado do mundo? Acreditamos que a consciência dos “versos tão poucos” para medir o tanto do homem demonstra o entrelugar da janela: justamente no meio, entre o poeta e sua observação (e/ou entre o poeta e o poema), a moldura separa o eu-lírico da experiência, limitando-o, aprisionando-o; mas também é a luz, a visão que lhe permite clarificar tanto a percepção da sua alma como a dos outros homens, penetrando-lhes, vencendo-lhes as fronteiras e desverticalizando as diferenças, numa atividade incansável e contínua de lavar o pensamento e transbordar a escrita.

A leitura desse conjunto de poemas faz-nos ver, simultaneamente, na janela um dispositivo particular que traz luz ao pensamento e conduz à elaboração e à efetivação do discurso, além de ser também um objeto através do qual sempre passa o olhar do outro, como se todos nós estivéssemos sendo guiados (ou até controlados) pela(s) nossa(s) própria(s) janela(s). É o que podemos perceber, por exemplo, em “Assisto a você acontecer/ Por uma vidraça embaçada/ De uma janela de verão”.

Entretanto, não nos podemos deixar enganar pela capacidade de o poeta e a poesia extrapolarem e rasurarem essas ferramentas de possível orientação, visto que, por exemplo, no decorrer do poema “Medida”, o eu-lírico questiona: “Faço as janelas que saem meu desejo?”. Assim, torna-se pertinente visualizar aqui um contradispositivo, porque o que antes poderia ser entendido como o meio restritivo pelo qual o eu-lírico enxergava e se posicionava diante do mundo agora ganha o caráter de dúvida, de questionamento: o poeta olha pelas janelas que lhe permeiam e conduzem ou ele mesmo constrói suas janelas? O eu-lírico aborda as questões que lhe tocam a alma, para as quais seu olhar se volta e se reproduz; ou ele, em sua lavra, produz as janelas pelas quais escolhe ver (e nos mostrar) o mundo?

Nesse aspecto, podemos nitidamente perceber o embate, o jogo da escrita, de alguma forma posto à mostra através dos versos dos metapoemas de Mary. O eu-lírico perde a aura da criação quase divinizada (retomando Chalhub) e desmascara o impasse das escolhas, dos dispositivos que lhe modelam a feitura textual e da sua própria insatisfação em, por tantas vezes, não atingir o objeto do seu desejo. Por isso a palavra como

forma de semente: “O que me multiplica e perpetua/ É a lavra da pá/ Submetida à intenção/ Que se sabe nascida/ E nunca se vê”.

Por outro viés, o espaço em branco entre a janela e o objeto de observação – alvo da escrita – permanece como o lugar da “Promessa”, ou ele é a pedra no caminho que dificulta “O acontecimento da flor” (diga-se, do poema)?

Multifacetado entre o momento da expectativa e o da realização do poema, o eu-lírico passeia entre discursos diversos, dentre os quais podemos encontrar referências a passagens bíblicas, como em “Promessa” e “Na janela bate um ramo”, e a outros poetas, como em “No meio do caminho do poeta/ havia uma pedra”, entre outros, o que corrobora a seguinte afirmação de Jonathan Culler: “O texto é uma tessitura de citações tomadas de inúmeros centros de cultura” (1997, p.?).

Em essa tessitura o eu-lírico se constrói híbrido, com variadas identidades a lhe perpassarem, influenciarem e atraírem, o que nos permite conceber, assim, a existência de um sujeito cultural híbrido, característico em sua multiplicidade. Conforme afirma Christina Ramalho (2004, p. 50): “A hétero-referenciação, nesse sentido, dá nome ao hibridismo interno que caracteriza as composições líricas pós-modernas”. O poema dialoga com tantos outros textos, promovendo um emaranhado de códigos e registros, que eles podem até passar despercebidos pelo olhar do leitor mais incipiente.

Ainda nesse viés, cabe-nos pensar não somente na realidade de uma cultura específica, localizada no centro da janela, no mundo do poeta e na fala do eu-lírico que se exprime, mas lembrar que, “Nos tempos hipermodernos, a cultura tornou-se um mundo cuja circunferência está em toda parte e o centro em parte alguma” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p.) e que, por isso, vemos “Mundo que se torna cultura, cultura que se torna mundo: uma cultura-mundo” (Idem, p.). O poeta conversa com variados discursos, rasura as fronteiras da convicção e de uma possível individualidade, vê a si no outro e o outro em si, por isso o questionamento: “Que tanto é um homem/ Se meu olhar vence a fronteira/ Desverticaliza a cerca da diferença/ E confunde sua certeza?”.

Mediante as fronteiras vencidas ou rasuradas, o avanço tecnológico e as redes que vencem quilômetros de distância, a acessibilidade se tornou quase que palpável, como se, na medida de um *click* ou de uma imagem, o indivíduo conseguisse desvendar a alma humana, porém:

Jamais tivemos acesso a tantas informações, jamais o conhecimento detalhado sobre a situação do mundo foi tão grande e jamais o sentimento de compreensão de conjunto pareceu tão frágil e confuso. Eis-nos destinados a uma desorientação inédita, excepcional e ao mesmo tempo planetária: esse é um dos grandes traços experimentados pela cultura-mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 18-9).

O eu-lírico em “Medida” não nos parece, portanto, alheio a tal constatação, ao indagar: “Que tanto é um homem/ Se me cabe nas mãos/ No rigor e na leveza da palavra?”.

É o paradoxo que persiste na contemporaneidade: as informações vêm em abundância, complexas, porém inteiramente acessíveis; podemos conhecer o sofrimento do mundo, ler sobre a criança que chora do outro lado do oceano e sentir, de alguma forma, a sua dor, que é plantada em nós, num processo de empatia e identificação. O ser humano parece então ser desvendado e cabe na riqueza da palavra, na fluidez do pensar,

entretanto, permanece a inquietante pergunta: “Que tanto é um homem?”. A solidez e a elaboração das palavras continuam não dando conta de responder qual a medida do ser. O poeta, no seu fazer literário, nos empresta sua voz (ou nós é que transbordamos nossas indagações através dele?), buscando entender essa complexidade, que se traduz também por meio do desafio que é o fazer poesia.

Nesse processo, e como falamos em tecnologia, podemos pensar nas múltiplas janelas (abas) que se apresentam diante do nosso olhar na tela de um computador e estabelecer uma metáfora entre elas e o olhar do poeta. Há as janelas que convidam ao riso e ao gracejo; há as que desafiam para os compromissos laborais e as situações que requerem prazos; há as janelas dos relacionamentos, do alvo do nosso amor; há as que outorgam espaço à revolta, ao desespero, ao nojo; há as que despertam o pranto e a dor... e há tantas outras. Entre elas, o eu-lírico se movimenta por meio de um passeio que o conduz a escolher onde irá transbordar a fresta do seu olhar, seja por vivenciá-la em si mesmo ou por focalizar a vivência do outro. Entre elas, também o eu-lírico reflete sobre como será a sua lavra com as palavras e sobre quais ferramentas deverá utilizar.

Como um *flâneur*, parece-nos que por vezes o eu-lírico caminha diante dos alvos de sua observação – as distintas janelas – e seleciona conscientemente em qual delas irá parar, investir tempo, se debruçar. Em outros momentos, contudo, somos levados a pensar em um *flâneur* mais passional, que se deixa facilmente atrair pelas janelas de sua inclinação – aquelas que estavam escritas dentro de si, antes mesmo de o processo de criação lírica racionalizar sobre cada uma delas.

Sendo assim, da mesma maneira que a mulher Aglacy Mary se desdobra entre os múltiplos papéis aos quais se propõe e exerce sua existência, acreditamos que seu eu-poético brinca, explora e se realiza enquanto palavra através desse movimento constante de olhar e de se debruçar nas variadas janelas que a vida apresenta e/ou que ele mesmo edifica.

Ao observarmos somente os títulos de cada um dos poemas escolhidos e estabelecermos entre eles uma relação de sequência, poderemos intuir características do próprio fazer poético da autora Aglacy Mary. Em sua poesia, o ato de escrever se inicia e se dá por meio de um processo de reflexão constante e de escolha das palavras, “A lavra”; simultaneamente a todo esse exercício, a escritora se encontra cercada pelos inúmeros centros de cultura (CULLER, 1997) que com ela dialogam e a ela influenciam, trazendo-lhe à memória a “Lembrança do poeta”; nessa tessitura de citações (Idem), enxergando tantos outros, a poetisa pode perceber o limite de sua identidade (“Toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença” (ORTIZ, 1985, p.?) e construir o que pode chamar de “Minha palavra”; esta que, ganhando maturidade, forma e cor, é a “Promessa” do poema bem nascido e escrito, que consigo carrega o questionamento, a dor e a “Medida” do ser.

Esse jogo, todavia, é um ciclo vicioso, que se repete e nunca se vê recolhido. Diversas são as janelas pelas quais o poeta passeia. A partir delas, se observa e se enxerga ao mesmo tempo em que observa e enxerga o mundo. Assim também é o seu anseio pela palavra, que, como janela do ser, o multiplica e perpetua. Por isso, em Mary e para Mary, em seus constantes autoquestionamentos sobre a criação lírica, os “versos” sempre parecem “tão poucos” para alcançar o “tanto que é!” “Caleidoscopicamente” tomadas, as “janelas” de Mary, em que pese a vivência contemplativa da matéria poética alheia, sinalizam para a janela como contradispositivo ou símbolo da “apreensão de um mundo em devir que se oculta em seu interior” (FERREIRA, 2008, p. 109).

## Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 27-51.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 169-193.
- CHALHUB, Samira. Com o poeta, a palavra. In: \_\_\_\_\_. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1986. p. 48-53.
- CULLER, Jonathan D. Leitores e Leituras. In: \_\_\_\_\_. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 39-52.
- FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: EDUEL, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**. Resposta à uma sociedade desorientada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MARY, Aglacy. **A lavra**. Aracaju: Ed. Da autora, 2008.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RAMALHO, Christina. Hybris: nosso inusitado templo de poesia. In: CUNHA, Helena Parente. **Além do cânone: vozes femininas cariocas estreadas na poesia dos anos 90**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 43-64.

## Introdução

As relações humanas sempre existiram e para sempre serão presentes em nosso meio enquanto houver existência humana na Terra. Estas são fundamentais para o desenvolvimento individual ou coletivo do ser humano e é por meio delas que surge a sociedade, entendida como um aglomerado de indivíduos que ocupam determinado espaço. A dificuldade humana de viver isolado faz com que o homem acabe criando habilidades para lidar com o outro, do qual necessita para concretizar diversas atividades.

A amizade que se constitui como uma maneira de criar vínculos afetivos entre pessoas é um sentimento bastante antigo e que permeia as relações sociais. Na atualidade, as pessoas se dizem amigas, mas o real significado do termo “amizade” passou a ser banalizado e utilizado para designar relações que não necessariamente deveriam ser assim classificadas. Os vínculos são muito mais criados a fim de extrair do contato alguma vantagem, do que simplesmente por afeição pessoal e nesse ponto é que se percebe o quão certos estavam os autores da Grécia Antiga e de Roma que explanaram a respeito da *philía*. O tempo passou, mas essas relações ainda continuam sendo formuladas por motivações afins:

A amizade é, portanto, o que os antropólogos chamam de uma relação adquirida e não uma relação atribuída; a última é baseada em status, ao passo que a primeira é, em princípio, independente de uma conexão formal anterior, tal como o parentesco ou a etnicidade. Uma relação conquistada não significa necessariamente uma relação em cujo cerne haja uma escolha livre ou pessoal.” (KONSTAN, 2005, p. 1).

Esta pesquisa terá como objetivo demonstrar levantamentos que serão realizados na área da Literatura Clássica e que possuirá como foco principal o estudo da temática da amizade, que é a *philía* em grego, pois “o assunto me pareceu valer efetivamente a pena, para a edificação de todos [...]” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 71), procurando verificar quais os tipos de amizade que coexistiam na Antiguidade Clássica, assim como o que para os gregos e romanos era considerado como amizade, bajulação ou inimizade, por exemplo.

Dessa forma será possível perceber como eles lidavam com esses sentimentos e a partir de cada tipo de relação que estabeleciam entre si buscar identificar a maneira como a Filosofia Moral e a Retórica são incutidas nas obras de Cícero e Plutarco, as quais centralizam suas temáticas na amizade. Plutarco que escreveu suas obras em grego viveu período do Império Romano e Cícero, que escreveu em latim, viveu no período republicano e foi um dos defensores da República.

Plutarco fala em *Como tirar proveito dos seus inimigos*, parafraseando Antístenes - filósofo ateniense e discípulo de Sócrates – “aqueles que são cuidadosos em se preservar necessitam de amigos verdadeiros ou inimigos inflamados; pois aqueles, por nos admoestarem, e os outros, por nos censurarem, afastando-nos dos erros.” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 61-62)<sup>3</sup>.

---

1 Recorte do Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciene Silva Lages, docente de Língua e Literatura clássicas do Departamento de Letras de Itabaiana/ UFS, e defendido em 2017 no Curso de Letras de Itabaiana, na Universidade Federal de Sergipe.

2 Graduada em Letras pela UFS (2017). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS.

3 Todas as citações de *Como tirar proveito dos seus inimigos* presentes neste trabalho são da tradutora Maria

Aristóteles que servirá com sua *Retórica* de suporte para este estudo divide a amizade, na obra *Ética a Nicômano* em três categorias: A amizade útil, que é fundamentada em algum tipo de interesse e não no puro apresso pelo outro. Portanto, quando se deixa de necessitar do outro, a amizade acaba; a amizade agradável, quando se estabelece uma relação afetiva com o outro por achá-lo agradável, uma boa companhia, sendo desta maneira uma espécie de egoísmo e não uma amizade verdadeira; e, a amizade perfeita, que ocorre entre indivíduos que são dotados de bondade e semelhantes no caráter, desejando sempre o bem para o outro, porque em si só residem bons sentimentos e não rivalidades.

Por meio desses apontamentos, surgem algumas curiosidades: Como eram as relações de amizade na Antiguidade? Quem para eles eram amigos? Qual a importância que estes tinham na sua vida? E os inimigos, como eram enxergados? De que modo o amigo e o inimigo colaboravam para a formação moral de determinado indivíduo? São essas indagações que servirão como paradigma para o estudo do tema central deste trabalho, baseando-se para isso em dois autores que utilizaram esse tema para criação de algumas de suas obras: Plutarco e Cícero.

Do mesmo modo que Aristóteles em sua *Ética a Nicômano* (IV a.C), Montaigne, nos seus *Ensaio*s (1946), Francisco Alberoni, em *A amizade* (1989), Gerardo Castillo, em *Educar para a amizade* (1999), por exemplo, deram uma atenção singular à *philia* grega. E, diante de tema tão fértil associado à afeição por Plutarco e Cícero, estes foram tomados como *corpus* principal para a pesquisa.

Assim, através da leitura e estudo comparativo de duas obras de Plutarco, *Como tirar proveito de seus inimigos* e *Como distinguir o bajulador do amigo*, e de *Lélio, ou a Amizade*, de Cícero, procurar-se-á perceber quais as permanências ou alterações, se houver, no posicionamento concernente à temática em ambos, pois, no transcurso da história, essas obras permaneceram de alguma forma na memória da coletividade e por sucessivas leituras nunca deixaram de ser atuais.

## 1. A AMIZADE NA ANTIGUIDADE

Como já foi dito, esta primeira parte terá como referencial teórico principal *A amizade no mundo clássico*, de David Konstan (2005), pois aborda a temática principal deste trabalho desde os poemas épicos de Homero e permite observar como a amizade era vista na Antiguidade para estabelecer um paralelo com a atualidade.

Não podemos viver sem amigos? Ou, para dizê-lo de outra maneira: A amizade será mesmo um valor necessário a todo o tipo de homens? Ora, se não o fosse, não valeria a pena deter-nos extensamente a tratar dela [...]. (CASTILLO, 1999, p. 13)

Segundo Konstan (2005), a amizade surgiu no sentido moderno com o Renascimento ou “no século XVIII ou, até mesmo, XIX.” (KONSTAN, 2005, p. 2). De qualquer forma é um laço que se estabelece levando em consideração fatores como sexo, classe social ou idade dos seres relacionados, portanto “A idéia de amizade não apenas é sobredeterminada como o local de múltiplas oposições, mas é também disseminada, assumindo diferentes configurações dependendo do ambiente social e até mesmo de interesses transitórios.” (KONSTAN, 2005, p. 26). Para amizade, ele utiliza a expressão *philia* e para amigo, *philos*. Essas expressões serão utilizadas ao longo do texto.

Todavia, em Homero, *phílos* nem sempre se aplica a amigos, podendo ser traduzido por “caros”. (KONSTAN, 2005, p. 41). Há ainda o termo *hetaíros* que pode ser traduzido como “amigo”, mas da maneira como foi criado Konstan (2005) utiliza-se dos conceitos de Christoph Ulf (1990) para dizer que é uma relação baseada no relacionamento entre líderes e seus seguidores, o que não é uma relação voluntária e de desejo recíproco, como atualmente entende-se a amizade. A *Odisséia* é um exemplo em que *hetaíros* se aplica, pois Odisseu tem um relacionamento com seus seguidores que é muito mais de parceria do que afabilidade.

Existe ainda a expressão *hetaireía*, traduzida por Konstan como um clube de camaradas reunidos para discutir questões inerentes à política, por exemplo. Em Atenas do século V a.C, período em que houve a guerra do Peloponeso, as festas de indivíduos politicamente ativos envolvendo bebidas eram destinadas ao divertimento e possuíam um estilo aristocrático no qual havia a exibição de riquezas e a coexistência do erotismo.<sup>4</sup>

Em contrapartida a *hetaíros*, que no masculino não traz necessariamente vínculo com questões sexuais, a palavra *hetaíra*<sup>5</sup> apresentava um sentido pejorativo para a Grécia clássica. As *hetaíras* eram cortesãs mantidas por homens que as proviam de luxo. Os homens gregos em geral eram casados com mulheres que deveriam ter sangue grego, mas eles podiam ter relacionamentos fora do casamento com uma mulher que não precisava ser grega e frequentava os banquetes junto com eles para discutir sobre assuntos políticos. As *hetaíras* eram deste modo as amantes intelectualizadas. É notória, então, a diferença valorativa entre o termo no masculino e no feminino.

Quando na introdução é dito que “Se amigos proporcionam presentes, presentes proporcionam amigos” (KONSTAN, 2005, p. 5) e também que “[...] o fluxo material subscreve ou inicia relações sociais.” (KONSTAN, 2005, p. 5) ele acaba afirmando que é a utilidade que faz com que a amizade se inicie. Já Aristóteles, contrariando esse pensamento, afirma ser a virtude que deve levar ao nascimento das relações sociais e que a utilidade deve vir em segundo plano. Ao dizer isso Aristóteles não é contrário aos amigos que ajudam aos outros, mas não concorda que isso seja o que venha a fundamentar a amizade.

Pelo que vem sendo abordado durante todo o livro percebe-se a dificuldade em estabelecer uma distinção precisa do que vem a ser amizade, devido aos diferentes modos de entendê-la ao longo dos anos. “[...] a forma *phília* tem, de fato, uma abrangência bem maior de relacionamentos que apenas a amizade, incluindo o amor entre parentes e a afeição ou solidariedade entre associados relativamente distantes, [...]” (KONSTAN, 2005, p. 55-56). É, portanto, por meio da leitura e análise em Plutarco e Cícero que se tentará perceber como ela era discernida, mesmo diante de outras relações que a rodeiam.

Os gregos e romanos eram pessoas que gostavam de estar acompanhados e a solidão para eles era a pior forma de sofrimento humano. Assim sendo, a amizade era de fundamental importância tanto para suas vidas como para a constituição da *pólis*. Os que negam a importância da amizade, portanto, é pelo fato de nunca tê-la tido. Conforme diz Castillo (1999):

Os que negam a existência da amizade ou os que a consideram uma raridade fazem-no, sem dúvida, porque não tiveram essa experiência nas suas vidas. São pessoas sem amigos. Não estarão confundindo a sua falta de capacidade ou de oportunidade para ter amigos como impossibilidade de que a amizade exista? (CASTILLO, 1999, p. 14).

---

4 As ideias expostas são paráfrases do que Konstan (2005) diz na página 87.

5 Expressão apresentada por Konstan na página 68.

No Ocidente, a palavra *phília* foi aplicada para a “amizade”. Porém na Grécia Antiga a expressão possuía uma significação bem mais abrangente, podendo ser empregada nos relacionamentos de interesse entre os homens, pela afeição que possuíam ou pelos interesses que levavam à união. A partir dessa concepção grega, poderiam ser considerados *phílos* os camaradas de jogo (a exemplo de Aquiles e Ájax, representados no vaso grego, que será visto logo adiante), companheiros de viagem (como é o caso de Odisseu e sua tripulação) ou até mesmo os sujeitos que se relacionavam por meio do comércio. Eram também *phílos* para o período os parentes. Desta forma, poderiam ser considerados amigos, só para exemplificar, pai e filho, marido e mulher. Até o relacionamento entre concidadãos era compreendida como *phília*.

Teles Silva (2012) afirma em seu texto referente às noções de amizade e amor que de acordo com os apontamentos de Aristóteles

cada comunidade exerce uma função ou tarefa na *pólis* e na qual os membros cooperam unidos pela *phília* que diz respeito a cada comunidade específica. [...] A justiça e a amizade se coadunam na comunidade formando e moldando as relações entre os cidadãos sejam elas comerciais ou pessoais. (TELES SILVA, 2012, p. 32).

Vê-se, entretanto, que, para a constituição das cidades ou tarefas semelhantes, as relações eram muito mais de “amizade” política ou intencional do que uma *phília* sem interesses atrelados. Não que na amizade não possa haver algum favorecimento, desde que não seja o motivo primário para que a relação se estabeleça.

A respeito do amor e da amizade, nota-se que apesar serem sentimentos correlacionados, há diferenças. Nos diálogos de Platão as palavras “*érōs*” e “*phília*” eram utilizadas como sendo afins tanto que em *Lysis* apesar da tentativa de falar a respeito da amizade, Platão parte do amor de Hypotales por Lysis. No entanto, um exemplo claro da distinção entre os termos é trazido por Konstan (2005) no subcapítulo relacionado ao *érōs* quando ele indaga a respeito do relacionamento entre Aquiles e Pátroclo, o qual foi comumente interpretado como pederastia, mostrando que poderia haver um amor erótico, contudo nada é explícito. Konstan aponta no fragmento abaixo a discrepância existente entre o amor erótico e a amizade:

Na amizade, os papéis são simétricos: todas as partes são designadas pelo termo único *phílos*. Eros, ao contrário, envolve papéis complementares: o parceiro ativo ou dominante é o amante, ou *erastés*, ao passo que o parceiro passivo ou subordinado é amado [...] (KONSTAN, 2005, p. 55-56).

Partindo para o meio político, a amizade é muitas vezes confundida com camaradagem, que seria, portanto, uma amizade superficial baseada em interesses particulares, o que não significa dizer que nenhum político jamais tenha tido amigos verdadeiros. Contudo, na maioria dos casos é uma amizade parasitária e transitória em que impera a *kolakéia*, ou seja, a adulação. “Sem dúvida, amigos íntimos muitas vezes se mantêm unidos na política, mas isso não equivale à alegação de que redes de amigos íntimos eram a base da atividade política na democracia.” (KONSTAN, 2005, p. 94).

Em Roma, a relação entre pessoas de classe econômica superior e outra de classe inferior era tratada sob o viés da patronagem, em que o patrono cede ajuda e segurança ao cliente, mas este passa a dever lealdade e obediência em troca. Isto, no entanto, não pode ser considerado como *phília*. Era na verdade uma relação de dependência e assujeitamento. “As amizades entre pessoas de diferentes classes sociais estavam inseridas em uma cultura de autoridade e deferência inteiramente diferente daquela da Atenas clássica.” (KONSTAN, 2005, p. 193).

Partindo para o meio eclesiástico, era pregado que deveria haver uma abertura, isto é, uma auto-revelação, entre os amigos. Santo Ambrósio, um dos mais influentes membros do clero no século IV, afirmava que nada poderia ser escondido de um amigo se a amizade for verdadeira e isto provocaria um bem estar ao “eu”. Essas ideias vêm, em certa medida, de pensamentos anteriores. Cícero, por exemplo, acredita que não há nada mais agradável do que ter um amigo com quem se pode desabafar.

Já a amizade com Deus para Aristóteles era impossível e insere neste plano a questão da metafísica. Deus era um ser superior e não poderia haver amizade entre seres tão desiguais. Essa ideia de *phília* entre o ser divino e o homem se propagou com o advento da Bíblia, pois ao ser dito na cultura bíblico-cristã que o homem é a imagem e semelhança de Deus, o homem e o ser divino são inseridos em um patamar de igualdade e nesse contexto é que se instaura a amizade, levando em consideração a noção de que a amizade verdadeira só pode ser aplicada a seres iguais.

A ideia da amizade com Deus nos textos judaico-cristãos, escritos em grego e latim, tem suas raízes na Bíblia. A tradução grega (*Septuaginta*) do Antigo Testamento identifica Moisés como um “amigo [*phílos*] de Deus” [...] e Abraão também veio a ser considerado assim. (KONSTAN, 2005, p. 237).

Essas discrepâncias vêm desde a ideia platônica que afirma ser Deus um pensamento infinito e que só outro pensamento infinito poderia se igualar a ele. Sobre essa perspectiva é que se percebia a inviabilidade da amizade entre deuses e homens.

Em contrapartida, na perspectiva cristã, ainda segundo Konstan, esse relacionamento entre Deus e o homem era chamado de “ágape”. De acordo com os preceitos cristãos, Deus ama os homens e estes deveriam amar-se mutuamente, amando até mesmo seus inimigos. Esta é uma maneira de amar a qual a teologia cristã afirma ser efetivada apenas com a ajuda da graça de Deus. Tais concepções, contudo, não foram adotadas pelos gregos como *phília*.

Utilizando as palavras de Konstan (2005) para fechar esta primeira parte, tem-se que:

Cristãos ou não, aqueles que estavam no auge da sociedade romana constituíam um mundo pequeno e interconectado. Admitindo todas as semelhanças em seus hábitos de pensamentos, entretanto, devemos reconhecer que os cristãos estavam de fato reavaliando profundamente os tipos de solidariedade que haviam caracterizado a vida social da Antiguidade clássica, os vínculos de amizade deviam reinar entre os fiéis por meio da graça de Deus e não através do apego ou afeição pessoais [...]. (KONSTAN, 2005, p. 243).

## 2. A Retórica

Retórica é uma palavra de origem grega *rhetorice*<sup>6</sup> ou *rhétorique*<sup>7</sup>, que se refere à capacidade de falar bem e de forma clara transmitir uma ideia que defende com convicção. É uma área do conhecimento que se correlaciona com a oratória e a dialética, sendo que a oratória prioriza a eloquência na fala do orador. Um ser retórico seria, de maneira simplificada, aquele capaz de expressar ideias de maneira eficaz e que consegue persuadir por meio de palavras. Todavia, a retórica não é simplesmente técnica, implicando tomadas de posição. As obras que mais à frente serão analisadas possuem um teor retórico, conseguindo alcançar a persuasão e

---

6 Termo retirado do *Manual de Retórica Literaria*, Tomo I. Versão em espanhol de José Pérez Riesco, 1966, p. 83.

7 Termo retirado do *Manual de Retórica Literaria*, Tomo III. Versão em espanhol de José Pérez Riesco, 1968, p. 381.

ao mesmo tempo serem bastante atuais. Por este motivo faz-se necessário explicar neste capítulo acerca da retórica.

Pelo fato de estimular a elaboração de um pensamento coerente por meio de palavras, um orador precisa ter capacidade mental suficiente para proferir sentenças sem contradições e sem perder a linearidade de raciocínio. Foi em busca desta capacidade que desde a Antiguidade Clássica foram estimulados estudos acerca da arte de persuadir e, na modernidade, cursos de retórica ainda são muito procurados. Além da importância das palavras, na Grécia Antiga, a linguagem corporal do orador também era muito importante.

Em “Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos”, de Lineide do Lago Salvador Mosca, e que pertence à obra *Retóricas de ontem e de hoje* (2001, p. 17-54), é afirmado que o ser humano está a todo tempo tentando persuadir o outro, mas que é necessário analisar não apenas se o orador está sendo persuasivo, mas se o ouvinte foi persuadido, levando em consideração que um texto não tem uma significação nele mesmo, sendo um reflexo da relação entre quem o produziu e quem recebe este texto.

Em Aristóteles (*Ret.*, p. 9), é dito que a retórica não era uma ciência *a priori*, posto que foi produto das experiências dos oradores. Em *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, já era possível perceber uma preocupação tangente com a arte do bem falar. Na Sicília, surge como metalinguagem do discurso de caráter persuasivo.

Por volta de 485 a.C., dois tiranos sicilianos, Gélon e Híeron, povoaram Siracusa e distribuíram terras pelos mercenários à custa de deportações, transferências de população e expropriações. Quando foram destronados, por efeito de uma sublevação democrática, a reposição da ordem levou o povo à instauração de inúmeros processos que mobilizaram grandes júris populares e obrigaram os intervenientes a se socorrerem das suas faculdades orais de comunicação. [...] E foi assim que surgiram os primeiros professores da que mais tarde se viria a chamar retórica.<sup>8</sup>

A retórica acaba perdendo forças por conta dos sofistas que utilizavam seus discursos para persuadir de qualquer forma. Sofistas, deriva da palavra grega *sophistes*, que viria a traduzir-se mais pra frente como sabedoria. Estes possuíam como uns dos exemplos máximos Protágoras e Górgias. Protágoras ensinava artifícios capazes de tornar uma argumentação fraca em uma argumentação forte. Para ele, conforme Marconatto (s/d), por meio de um bom argumento é possível defender um ponto de vista de todos os pontos contrários. Já Górgias, ainda segundo Marconatto (s/d), acreditava que não existia uma verdade absoluta para as coisas e as palavras são independentes e por meio delas o ser humano é capaz de criar vários discursos com usos distintos para uma mesma expressão. Nesse sentido, a retórica surge como um meio capaz de, por meio da palavra, persuadir pessoas e assume grande importância no âmbito político e social.

De acordo com os apontamentos de Dominik (2012, p.95-109), no artigo *As origens e desenvolvimento da retórica romana*, a retórica se originou a partir da retórica grega e teve papel preponderante no cenário político de Roma.

A retórica desempenhou um papel importante em munir a jovem elite masculina de Roma com o treino e a experiência necessárias para defender e manter sua posição na área pública. A prática da retórica em reuniões públicas (*contiones*), tribunais, Senado, fórum, funerais públicos e salões era tanto uma marca de privilégio social como era um reflexo do poder político da classe dos patrícios. (DOMINIK, 2012, p. 95- 96).

Pelo excerto acima, vê-se o quanto a retórica em Roma nesse período era direcionada à elite masculina, sendo que a prioridade para proferir discursos em público era dada àqueles com maior nível econômico e

8 Citação extraída da página 11 de uma versão de 2015 da *Retórica* com tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse e Alberto e Abel do Nascimento Pena.

prestígio social. Contudo, em 161 a.C., também segundo Dominik, os retóricos foram expulsos de Roma juntamente com os filósofos. A maneira de persuadir dos gregos era, no período, muito mais sofisticada do que a romana. Además, o Senado estava começando a se preocupar com as pessoas que estavam tentando “forjar carreiras” (DOMINIK, 2012, p. 98).

Porém, o decreto de 161 a.C. :

[...] não foi capaz de conter por muito tempo o fluxo da retórica grega em Roma [...]. Embora o banimento anterior dos retóricos de Roma possa ser atribuído, em parte, ao preconceito contra a retórica grega, é evidente que o sentimento para com a retórica, especialmente para com a retórica grega, mudou sensivelmente por volta do século I a.C. (DOMINIK, 2012, p. 99-100).

Marco Antônio, importante orador romano, acaba produzindo, então, um caderno que tinha por objetivo popularizar a tão admirada retórica em Roma. E na Grécia, após longo período de decadência, a retórica recupera suas forças no período da democratização.

Demóstenes foi um retórico de grande influência para a Grécia e ao defender a retórica como uma prática que pode ser aprimorada ao longo do tempo, ele prova que é possível ser um bom orador mesmo com distúrbio de comunicação, já que ele era gago, e acabou ficando conhecido historicamente por isto e por proferir discursos com pedras na boca.

Além do embate entre retórica grega e romana e retóricos *versus* sofistas, havia ainda um longo debate acerca da retórica e filosofia. “*La retórica es la que se há visto más seriamente expuesta a esta contraposición com la filosofía; em lucha com la filosofía la retórica há desarrollado su propia teoria de la formación.*” ( LAUSBERG, 1966, p. 72). Desmembrando a expressão filosofia, tem-se “filo” como sendo “amigo” e “sofia”, “conhecimento/sabedoria”. Pensar filosoficamente seria, portanto, pensar racionalmente, ou seja, de acordo com o *logos*. Mattar (2010, 342 p.), em seu livro *Introdução à Filosofia*, pensa a filosofia como necessidade primária, comparada a comer e dormir, e, a ideia de ser racional é atrelada à de trabalhar com especulações ou ideias opostas para chegar a uma resposta sobre algo.

Sócrates e seu discípulo Platão acreditavam ser a retórica uma negação da filosofia. Platão em suas obras *Górgias* (+/- 387 a.C.), produzida em um período em que Atenas estava passando por crise política e econômica após perder a guerra contra Esparta (431-404 a.C.), e *Fedro* (+/- 385-370 a.C.) aborda o embate entre sofistas e filósofos. Estes convencem por meio do diálogo, aqueles por meio da persuasão, estimulando emoções e utilizando para isso uma estrutura formal de discurso. Em *Górgias* há uma retórica sofística; em *Fedro*, filosófica.

Aristóteles, em *Arte Retórica*, associa sempre a retórica com a razão, a partir não da verdade - que pode ser assim considerada para um e não para o outro - mas do verossímil, fazendo o outro aderir a sua “verdade” e concordar com determinado posicionamento. Paixão, na retórica, é, então, tudo aquilo que faz com que o outro mude o seu pensamento.

Utilizado como uma das referências neste trabalho, Aristóteles nasce em Estagira em 384 a.C. Em 367 a.C. vai para Atenas e torna-se seguidor de Platão. Com a morte deste, em 336 a.C. funda a escola peripatética. Os peripatéticos conhecidos como “os que passeiam” eram discípulos de Aristóteles, o qual ensinava aos alunos ao ar livre, caminhando sobre o Liceu. Além disso, entre 342 e 336 a.C serviu como preceptor de Alexandre O Grande. O teor racional aristotélico influenciou pensadores até mesmo na idade moderna.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Informações baseadas em Funari (2002, p. 76).

Para persuadir o outro, segundo o viés aristotélico, é necessário utilizar a *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*. A *inventio* (invenção) é a escolha do tema e dos argumentos a serem utilizados e segundo o que conta no *Manual de Retórica Literária* (1966) “[...] es um processo productivo-creador; consisteen extraer las posibilidades de desarrollo de las ideas [...]” (LAUSBERG, 1966, p. 234); a *dispositio* (disposição) é a disposição destes argumentos no texto, colocando em ordem o que selecionou para ser proferido, ou seja, “es el orden de las ideas y pensamientos que hemos encontrado gracias a la inventio.” (LAUSBERG, 1966, p. 368); a *elocutio* (elocução) refere-se à adequação da linguagem para determinado gênero e independente do tema a ser abordado no plano de expressão precisa haver clareza, portanto, é “[...] relacionada con otras fases de la elaboración o contrapuesta a ellas” (LAUSBERG, 1968, p. 77); já a *actio* (ação) é a apresentação do discurso, pois, não basta usar a *inventio*, *dispositio* e *elocutio* se não souber apresentar o texto de maneira que consiga a persuasão. Neste plano a linguagem oral e/ou escrita e corporal é muito importante. Esta definição é baseada no que está inscrito no manual, porque lá está dito que a *actio* é “actuación, realización, pronunciamiento del discurso.” (LAUSBERG, 1968, p. 9).

Paralelo a isto, os gêneros do discurso para Aristóteles foram classificados segundo seu objetivo e contexto, podendo ser judiciário, que procura destruir argumentos contrários; deliberativo, com o objetivo de deliberar ações para o futuro e epidítico, o qual é utilizado geralmente em cerimônias com linguagem mais elogiosa.

Cícero, sendo o primeiro da sua linhagem familiar a servir o Senado de Roma (*novus homo*; em português homem novo), tinha habilidades admiráveis na área da oratória e retórica e usava-as para defender seus clientes em frente a tribunais. Cícero produz as obras *De Oratore* (55 a.C) e *Orator* (+/- 46 a.C) que trabalham com as noções de retórica como veículo para agradar e comover. Outra obra foi *De Inventione* (87/6 a.C.) que é “o mais antigo tratado romano de retórica existente” (DOMINIK, 2012, p. 101). Cícero, segundo Dominik (2012), “[...] observa que a retórica formal foi originalmente desconhecida para os romanos, [...] o contato com oradores e professores gregos inspiraram os romanos a desenvolver suas habilidades através do estudo da retórica formal.” (DOMINIK, 2012, p. 97-98).

Tempos depois, em 1 d.C., Quintiliano produz *Istitutio Oratoria*. Para ele, um *bene dixisse*, o bem falar, o bem dito, era derivado de um discurso que empregou de maneira adequada as regras da retórica. E, segundo Aristóteles (2015), um orador é um *uir bonus* - um homem bom - capaz de falar bem.

Plutarco também utiliza em suas obras mecanismos de persuasão. Em *Vidas Paralelas* (1727) faz a compilação da biografia de 46 personalidades gregas e romanas. Nessa e nas suas demais obras decerto utilizou recursos retóricos para conseguir a adesão do público leitor a respeito do tema o qual abordava.

### 3. A relação entre Lélío e Cipião, em Cícero

Dando, a partir deste momento, enfoque à obra *Lélío, ou A amizade*, é imperioso inicialmente perceber que a Cícero não interessa definir o que é amizade, mas compreendê-la em seu caráter usual. Semelhante aos diálogos platônicos, Cícero dá voz aos personagens de tal maneira que o leitor sente-se ouvindo um diálogo entre Fânio, Cévola e Lélío. E é a este último que Cícero dá maior relevância: “[...] é Lélío [...] pela glória que lhe valeu a amizade, quem falará da amizade. Gostaria que, por um momento, desviasse teu espírito de mim, que imaginasses ouvir discorrer o próprio Lélío.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 72).

Para Cícero, a amizade entre Lélío e Cipião foi “[...] a mais memorável que existiu” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 71). Cipião, que tinha o epíteto de O Africano, foi um cônsul da República Romana e Lélío um general.

O diálogo é iniciado com Fânio lamentando a morte de Cipião e afirmando que, por conta da intensa amizade, os olhares estavam todos voltados para Lélío. Para Fânio, Lélío era um homem sábio e suplantava em sabedoria Acílio e Catão, por exemplo. “Acílio, por sua sagacidade bem conhecida em direito civil; Catão, por sua experiência numa série de domínios [...] Em troca, em teu despeito, as razões são outras: é por natureza e por temperamento, mas sobretudo por vontade e instrução que és sábio.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 73.). Com a exceção de Sócrates, Lélío é colocado como mais sábio, até que os reconhecidos Sete Sábios da Grécia.

Contrariando a afirmação de Fânio, Lélío diz ter sido Catão o maior sábio. Lélío foi sábio ao suportar veementemente a perda de Cipião, seu melhor amigo, mas Catão soube suportar a morte de um filho já sendo homem formado. Apesar de discordar, Lélío nota em Fânio a característica de um amigo ao considera-lo sábio. Um verdadeiro amigo enaltece o outro, ou diz o que de bom disseram a respeito do amigo, sem pretensões audaciosas e sem inveja, mas por pura admiração e prazer em dizê-lo: “[...] ao dizeres que me atribuem tantas qualidades [...] te comportas como amigo.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 75).

Ao declarar que se entristeceu em perder Cipião, que possivelmente foi morto por um inimigo do âmbito político, Lélío também afirma não precisar de consolo, pois a lembrança do amigo e a certeza de que a morte não foi para o Africano nenhum infortúnio consola-o. Por meio destas declarações, vê-se que, utilizando-se de Lélío, Cícero mostra não ser necessário que um amigo seja tomado por uma depressão profunda para constatar que realmente admirava o indivíduo que havia morrido; isso advém de pessoas fracas de espírito, que tem a necessidade de externar para todos sua dor; ademais: “suportar tristemente suas próprias misérias não é amar um amigo: é amar a si mesmo.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 76.).

A vida privada e pública de Cipião é descrita na obra, pelas palavras de Lélío:

[...] a partir de sua adolescência, ultrapassou continuamente, com uma incrível força de caráter, as mais altas esperanças que, desde sua infância, seus concidadãos haviam depositado nele; que, sem jamais ter lutado para conseguir o consulado, foi cônsul duas vezes, a primeira antes da idade legal, a segunda numa idade para ele normal, mas quase demasiado tarde para a república; que, por ter destruído duas cidades (\*) irredutivelmente hostis ao nosso poderio, pôs um termo não apenas às guerras da época, mas também às que delas teriam decorrido no futuro. O que dizer de seu caráter tão sociável, da veneração que tinha por sua mãe, de sua generosidade para com suas irmãs, de sua bondade para com os familiares, de sua preocupação de justiça em relação a todo mundo? (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 77).

Por meio do trecho, nota-se um discurso altamente elogioso de Lélío, o qual procura, por intermédio de suas palavras, enaltecer a figura do amigo morto. Ao falar tão bem dele, Lélío não objetiva reconhecimento, posto que o Africano não mais ouve-o, mas para um amigo leal, a morte não finda a amizade e nem o desejo em preservar intacta a figura daquele que se admira, mesmo que também considerada incorruptível pelos que escutam a Lélío. Ao falar de sua “incrível força de caráter”, de sua “bondade” e “generosidade”, são externadas as virtudes de Cipião, podendo notar, conforme o que é dito em *Retórica*, a presença de um discurso epidítico. Nas palavras de Aristóteles:

O elogio é um discurso que mostra em todo seu esplendor a grandeza da virtude. Convém, pois mostrar que os atos são deveras produzidos pela virtude. O panegírico<sup>10</sup> tem por objetivo as

---

10 Panegírico é uma palavra sinônima de elogio.

ações; as circunstâncias que lhes dizem respeito concorrem para a prova, como, por exemplo, uma estirpe nobre e a educação, [...]. Por isso os panegíricos exaltam também os autores das ações, porque os atos são os sinais das disposições da alma; [...]. (ARISTÓTELES, *Ret.*, IX, 33).

Na sequência, há o prolongamento do discurso ao dizer que: “tão elevado grau de dignidade foi como o trampolim graças ao qual entrou diretamente na casa dos deuses do céu, em vez de descer aos mundos infernais (\*\*).” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 78). Nele, é reafirmado que, por ser tão virtuoso, Cipião não foi para o lugar dos maus, mas para os Campos Elíseos. Provavelmente isto também funciona como uma forma de consolo para Lélio, já que acredita estar o amigo numa morada onde impera a paz, adversa à morte brutal que Cipião tivera.

Sobre a lembrança é dito que:

a lembrança de nossa amizade me dá tanto prazer que tenho o sentimento de ter vivido feliz, pois vivi na companhia de Cipião, pois juntos nos preocupamos ao mesmo tempo com os assuntos públicos e privados; juntos compartilhamos a vida familiar e a vida militar, e reside aí toda a força da amizade, a mais nobre cumplicidade no plano das escolhas, dos interesses, das idéias. (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 81).

Descarte, a importância da comunhão de pensamentos e a cumplicidade em todos os setores da vida são fundamentais para a edificação e prolongamento da amizade.

Observa-se, assim sendo, que é com a descrição do vínculo de amizade entre Cipião e Lélio que é definida, de forma prática, o que vem a ser amizade, como o fizeram Cícero e Plutarco, por exemplo. Retomando o que apresenta Aristóteles: “é necessariamente amigo aquele que conosco se alegra no bem e conosco sofre no mal, sem outra consideração que não seja a da pessoa amada” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 3). Em conformidade com o pensamento aristotélico, Cícero, fala por meio de Lélio não apenas que “a amizade não é senão uma unanimidade em todas as coisas, divinas e humanas, acompanhada de afeto e de benevolência.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 85) como também que “observar um verdadeiro amigo equivale a observar uma versão exemplar de si mesmo.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 88).

Essa similaridade de pensamentos entre Cícero e Aristóteles é relatada em *Educar para a amizade*, de Gerardo Castillo. Este cita a obra ciceroniana aqui trabalhada. Castillo diz:

Aristóteles pergunta-se se também o homem feliz precisará de amigos. Responde esclarecendo que “o homem é um animal social, formado naturalmente para a convivência. [...] Também Cícero considera a amizade como o que há de mais necessário na vida do homem [...]. Há algumas coincidências nos textos de Aristóteles e Cícero acima citados: a amizade é desejo mútuo do bem entre os amigos; e é uma situação de íntima convivência na qual os amigos compartilham bem materiais e bens espirituais. (CASTILLO, 1999, p. 16-17).

Lélio, ao ser indiciado por Cévola e Fânio a falar da amizade, evoca a capacidade dos gregos de serem bons em discursos mesmo que de improviso, o que demonstra um (re)conhecimento sobre os retóricos gregos, chamados de “doutos”, ou seja, sábios; cultos (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 83).

A virtude, essencial à amizade posto que “[...] sem virtude, não há amizade possível!” (CÍCERO, 2013, p. 86), só pode existir em homens de bem, de tal forma que seria até mesmo incoerente atribuir virtude àqueles que agem de maneira desonrosa e corruptível. Cipião que viveu momentos de auge (relembrar a passagem na qual dito que: “sem jamais ter lutado para conseguir o consulado, foi cônsul duas vezes” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 77).), não se desvirtuou em nenhum momento, segundo o que é dito pelo amigo Lélio.

Em contrapartida, em *Arte Retórica* é dito que “os homens, na idade adulta, terão evidentemente um caráter intermédio [...]” (ARISTÓTELES, *Ret.*, XIV, 1), porém “[...] nada é mais amável que a virtude” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 92) e essa virtude, segundo Lélio, foi sempre presente no caráter de Cipião. Ainda em Castillo, citando Aristóteles, é posto que:

Encontramos uma atitude semelhante em Aristóteles, para quem “a amizade é uma virtude, ou ao menos vem acompanhada de virtude, e, além do mais, é o que há de mais necessário para a vida”. E acrescenta a seguir: “Ninguém gostaria de viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os demais bens.” (CASTILLO, 1999, p. 15).

Sobre a amizade parental é dito em Cícero que é “uma espécie de amizade” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 85), ainda que não resista a tudo. Dessa maneira, a amizade tem mais valia que os laços de consanguinidade. Ainda é afirmado que a palavra amizade provém de amor.

Uma indagação geradora de várias vertentes de pensamentos é a que Cícero expôs:

[...] será por fraqueza e indigência que se busca a amizade, cada uma visando por sua vez, através de uma reciprocidade dos serviços, receber do outro e devolver-lhe esta ou aquela coisa que não pode obter por seus próprios meios, ou seria isto apenas uma de suas manifestações, a amizade tendo principalmente uma outra origem, mais interessante e mais bela, escondida na própria natureza? (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 91).

As duas proposições podem ser respondidas de maneira afirmativa, contudo, se uma pessoa procura estabelecer com outra vínculos de amizade por conta de suas fraquezas e pobreza de espírito, essa amizade tem fins utilitários e não seria derivada de uma pura afeição sem interesses envolvidos. Mas se a origem for outra, como por exemplo, a percepção de que possuem gostos afins, que tem, conforme Aristóteles, “[...] os mesmos inimigos que nós, que odeiam os que nós odiamos e que são odiados pelos que nós odiamos: todos estes parece terem o que para nós é bem; como dissemos, é este o distintivo do amigo” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 7), a amizade se dá de forma despretensiosa.

Há que sobressair, porém, que mesmo a amizade tendo sua origem de maneira despretensiosa, com o passar do tempo se espera do amigo uma reciprocidade de afeto, atenção e conselhos. Independentemente de sua origem, o que pode definir uma amizade como verdadeira ou não é o desejo de que o amigo viva bem e seja feliz, despindo-se de toda ira ou inveja que possa surgir com o convívio. A concorrência é também provocadora das mais “irremediáveis desavenças entre os amigos” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 97).

Neste ponto, Lélio mostra que a amizade de Cipião para com ele foi totalmente desprovida de interesses preliminares e que quanto mais uma pessoa não necessita de ninguém, mais amigos possui,

pois aquele que tem mais confiança em si, aquele que está tão bem armado de virtude e de sabedoria que não tem necessidade de ninguém e sabe que traz tudo dentro de si, este sobressai sempre na arte de ganhar amizades e de conservá-las. Quê! O Africano? Necessidade de mim? Senhor! De jeito nenhum. Nem eu dele tampouco, mas eu admirava a força de sua personalidade [...] (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 94).

Deve ser destacada ainda a questão dos limites. Por mais que duas pessoas considerem-se amigas, para que se ajudem mutuamente, devem negar-se a fazer algo que vá em sentido contrário a sua virtude e valores os quais acredita serem preponderantes. “Em amizade, será portanto uma lei nada pedir de vergonhoso e não ceder a nenhuma súplica dessa espécie.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 102). Sob o mesmo ponto de vista

é dito “não pedir a nossos amigos senão coisas honestas [...] é preciso que predomine a autoridade dos amigos mais avisados, e que essa influência se aplique em acautelar os outros, [...]” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 105).

Há, por parte de Lélio, que, como já dito, fazia parte da administração da República Romana, uma preocupação com os caminhos que esta tem tomado, o que mostra cada vez mais o distanciamento da República daquilo que é tido com bom e virtuoso para o povo.

Na sequência de sua fala, Lélio destaca que a amizade não deve nascer da utilidade: “não foi a amizade que decorreu da utilidade, mas a utilidade que decorreu da amizade.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 110). Neste momento entra-se numa abordagem acerca da amizade útil: não se pode querer um amigo porque há necessidade. Se assim for, não se pode qualificá-la como tal. A amizade é anterior à utilidade. Dois indivíduos já amigos podem precisar um do outro, contudo esta não deve ser a motivação inicial para o desenvolvimento e manutenção da amizade, pois desta maneira haveria apenas interesses exclusivamente pessoais a serem buscados. Os tiranos, por exemplo, não desenvolvem amizades justamente pelo fato que vive da usurpação do poder. No excerto abaixo, observa-se a argumentação de que de nada valem os bens matérias sem que haja amigos. A amizade é, portanto, o bem mais valioso que alguém pode possuir.

[...] o poder de que dispõem muitos homens poderosos é incompatível com toda a amizade fiel. É que a Fortuna não apenas é cega, mas sobretudo torna cegos, na maior parte do tempo, os que ela favorece; eles tombam facilmente na arrogância e na fatuidade, e nada poderia ser mais insuportável que um imbecil feliz. [...] se nos restam os bens matérias, que são mais ou menos dons da Fortuna, uma vida abandonada e desertada pelos amigos não pode ter um aspecto muito risonho. (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 112- 113).

Foi justamente sobre a amizade que se formularam algumas máximas, tidas como verdades, mas refutadas veementemente por Lélio. A primeira máxima diz que um amigo deve agir com relação ao outro do mesmo modo que agiria em relação a si mesmo. Lélio refuta apontando que em muitos casos um amigo faz pelo outro coisas as quais não faria para si mesmo: “Tudo aquilo que, em relação aos nossos próprios assuntos, não seria muito honroso, torna-se inteiramente nobre quando se faz por amigos [...]” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 114). Na amizade há, portanto, uma busca incessante por auxiliar o amigo em questões conflituosas, porém, esse auxílio não é pautado em interesses pessoais, nem em bajulação (como será trabalhado adiante em uma obra de Plutarco), pois “[...] não há flagelo maior na amizade que a adulação, a bajulação, a baixa complacência.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 137). Neste ponto, a segunda máxima atrela-se à primeira. Na segunda, é afirmado que deva haver uma reciprocidade de serviços prestados. Como não há palavras mais claras que as usadas por Cícero, vê-se que é falha porque “A amizade verdadeira parece-me ser mais rica e mais desinteressada: ela não fica, severa, a controlar se está dando mais do que recebeu. [...] em amizade, jamais se carrega em excesso o prato da balança.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 114-115).

Já na terceira e última máxima é exposto que “*a estima que cada um faz de si dita a estima que os amigos devem fazer dele*” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 115). Contrariando-a, Lélio diz que na amizade é preciso fazer com que a autoestima e a moral de um amigo sejam sempre elevadas na boca do outro, levando-o a ser sempre otimista em relação a si mesmo.

Pela refutação das máximas, fica perceptível o quanto Lélio - apesar de se colocar como incapaz de argumentar como os gregos- tem um posicionamento fixo acerca do que vem a ser a amizade, não permitindo ser influenciado por todas as conceituações alheias.

A amizade é uma das melhores coisas da vida. Muitos, como popularmente é dito, entram na vida das pessoas para somar, porém outros entram para diminuir. Isso acontece principalmente pela dificuldade em discernir quem é amigo de verdade e o qual é falso, isso porque o fingidor sabe se passar por amigo muito bem. Amigos verdadeiros são aqueles que estão presentes nos momentos bons e maus momentos. Já o fingidor na realidade não se importa muito se o “amigo” bem ou não. Conforme afirma Ênio, poeta épico romano, em citação de Lélío: “*O amigo certo se vê nos dias incertos.*” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 119).

Do mesmo modo que acontecia na Antiguidade, ainda atualmente há pessoas que se dizem amigas, entretanto, quando encontram vantagens em abandonar o outro fazem isso com a maior facilidade e não temem corromper-se no que se refere às virtudes: “Há alguns que, em muitos casos, por um pouco de dinheiro deixam transparecer sua volubilidade; já outros, que uma pequena quantia não pôde abalar, cedem diante de uma grande.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 118). Por este motivo, Lélío priorizou a lealdade (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 120) e as amizades antigas (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 121), já que nelas é mais fácil enxergar a verdade.

Igualmente, um amigo verdadeiro não deixa transparecer a diferença de nível social entre eles, se existir. Realçar isso seria colocar o amigo em uma posição inferior e fazê-lo sentir constrangimento em ter menos bens. Ao ser dito que “[...] os que têm uma posição destacada não devem se contentar em torná-las menos visíveis na amizade, devem também de algum modo elevar a posição dos mais modestos” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 124), Lélío destaca a importância de auxiliar os amigos para que eles também possam ascender socialmente. Em contrapartida, isso é preciso ser feito de modo que o amigo com nível social inferior não se sinta em dívida ou como alguém merecedor de piedade.

É preciso aprender a respeitar as diferenças. Mais que isso, valorizar o que as une, admirar o amigo e manter as disparidades longe do debate na amizade. Ao contrário, o relacionamento pode vir a tornar-se inimizade. Para tal, Lélío traz um aconselhamento:

[...] a primeira das coisas a fazer é evitar os conflitos entre amigos; se tal coisa acontecer, que a amizade pareça ter-se extinguido naturalmente, em vez de ter sido sufocada. Cumpre de fato zelar, sobretudo, para que a amizade não se transforme num ódio funesto, engendrando discussões, insultos, acusações injuriosas. (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 128).

De forma conclusiva, em *Lélío, ou A amizade*, Lélío reforça o laço afetivo e a admiração que sempre manteve com Cipião:

Amei a virtude desse homem brilhante, e essa virtude não se extinguiu. Não sou o único a ver seu brilho passar diante de meus olhos, que eu sempre a tive a meu alcance, firme como uma lanterna: ela brilhará e será um farol para nossos descendentes. Ninguém jamais conceberá ambições ou esperanças um pouco elevadas sem pensar que deve tomar por modelo a memória e a imagem de Cipião. [...] Se a recordação dessas imagens, a emoção que a elas permanece ligada, morresse juntamente com Cipião, eu seria totalmente incapaz de suportar a falta de um homem que foi o mais próximo de mim, e que eu mais amava. (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 144-145).

Pelo que fora exposto, fica claro o motivo de o livro poder chamar-se “Lélío” ou “A amizade”, já que Cícero utiliza-se de Lélío para transpor ao texto o conteúdo da amizade, que é personificada na relação entre Lélío e Cipião.

#### 4. O inimigo como condutor para a moral

A obra *Como tirar proveito de seus inimigos* é dedicada a Cornélio Pulcro, amigo de Plutarco, e foi inspirada em uma frase proferida por Xenofonte. Cornélio Pulcro era para Plutarco “o ideal de homem político [...] admirava sua capacidade de conciliar a ordem romana ao modo de fazer política dos gregos” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 11). Portanto, esta obra que será analisada a seguir foi formulada com a estrutura de uma carta direcionada diretamente ao amigo.

No livro, Plutarco estrutura seu discurso de modo que é possível perceber neste um perfeito manual de instruções que ensina ao leitor como tirar proveito daqueles que são inimigos, sendo, então, uma obra de cunho moral. Um amigo é essencial para qualquer pessoa, como já fora aqui exposto, mas o inimigo também é se houver a perspicácia de saber lidar com eles. E é justamente sobre a importância do inimigo a que Plutarco vem debater nesta obra.

Ainda na introdução é dito por Silva (2015) que:

O autor destaca a necessidade de se estar atento à maldade dos inimigos, munidos da prudência e da sensatez. Outro ponto importante é melhorar a nós mesmos utilizando os inimigos como instrumento. [...] Plutarco ainda aconselha que para nos relacionarmos com nossos inimigos é necessário aprendermos a conter nossa própria inveja diante dos seus sucessos e manter nossa alegria diante da sua prosperidade. [...] os inimigos [...] podem nos ser úteis para o nosso caminho em busca da virtude. (PLUTARCO, 2015, p. 15-17).

Já no capítulo inicial Plutarco afirma que não existiu administração no âmbito político que não fosse carregada de rivalidades e inveja. As palavras dele tornam-se extremamente corretas ao verificar que em toda a história aqueles que foram administradores políticos ou ao menos objetivaram ser, sofriam com a inveja alheia e com a rivalidade, valendo ressaltar que situações assim permanecem vigentes na sociedade atual do século XXI. Similarmente Aristóteles traz no Livro II de *Arte Retórica* um capítulo referente à inveja. Para ele “a inveja é uma espécie de pena causada pelo êxito visível nos bens já indicados e obtidos por um dos nossos pares [...]” (ARISTÓTELES, *Ret.*, X, 1) e “os que buscam as honras são mais invejosos que os que não as buscam” (ARISTÓTELES, *Ret.*, X, 3). Ou seja, no campo político a inveja e rivalidade imperam naqueles que buscam um mesmo cargo, já que o poder e reconhecimento político conduzem à fama. Todas as pessoas que estão em cargos de notoriedade tornam-se alvo dos invejosos.

O que Plutarco acrescenta e vira um grande diferencial na sua obra é a ideia de que um sujeito argucioso deve tirar proveito até mesmo dos que são contra sua ascensão. Para isto ele usa a metáfora do agricultor e do caçador:

O agricultor não pode transformar todo tipo de árvore em um cultivo frutífero, nem o caçador pode domesticar todo tipo de animal selvagem; procuraram, conforme outras necessidades, tirar proveito, aquele das árvores que não davam frutos e este dos animais que eram selvagens. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 31).

De acordo com essa exemplificação e adaptando à temática principal deste trabalho, é evidente que nem todas as pessoas que mantem convívio conseguem ser amigas. Algumas viram inimigas e é neste exato momento que é preciso atuar de maneira semelhante ao agricultor e ao caçador: saber tirar proveito daqueles com quem se tem inimizade.

A sutileza como os inimigos agem torna os sujeitos vulneráveis a eles, pois “põe-se à espreita das tuas ações, procura um pretexto de toda a parte, patrulha a tua vida [...] através do teu amigo, do teu escravo e de todo aquele que te for familiar;” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 38). Muitas vezes, portanto, o inimigo não vai ao encontro direto do outro, utilizando os que os cercam para saber como agir. Por este motivo é que se deve ter “precaução” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 40) e atuar sempre seguindo os princípios morais na tentativa de ser um homem bom. Assim sendo o inimigo não terá os instrumentos necessários para “derrubar” aquele a quem tem repulsa. Ademais “Se quiseres perturbar aquele que odeias [...] sê prudente, dize a verdade, usa o sentimento da humanidade e de justiça com aqueles que encontrases pelo teu caminho.” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 40).

Se, contudo, houver a necessidade de uma crítica, primeiro deve ser analisado que aquilo que será criticado no outro não se encontra no “eu”, pois “é ridículo criticar e ridicularizar o que quer que possa ser criticado de volta [...]” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 54). Portanto “Aquele que critica não deve ser bem-nascido, de voz potente e agressivo, mas incensurável e irrepreensível;” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 58). Fica a cargo desse “eu” após a crítica feita analisar se procede ou não e independente da resposta privar-se de cometer a (in)ação criticada.

Quando então é dito algo que não é verdadeiro, porque é uma mentira, não debes desprezar e descuidar dela, mas examinar algo semelhante á calúnia que te foi imputada dentre as palavras que foram ditas por ti, ou dentre as ações que realizaste, ou dentre as ocasiões nas quais te empenhaste e dentre as tuas relações sociais, e lidares com isso e disso escapares. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 71).

Muitas vezes um amigo não consegue perceber falhas que um inimigo percebe. Expondo as palavras de Platão, nesta obra é dito que “o amor é cego a respeito do objeto amado.” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 73). E partindo do ensejo de se falar em Platão, na obra plutarquiiana, é notória a influência dos escritos de Platão. Por três vezes Platão é citado. Nesta já citada e em mais duas:

[...] Platão todas as vezes que estava ao lado de homens que se comportam mal, costumava se perguntar: “Será que de algum modo eu não sou como esses?”. E se aquele que criticou outra vida, examinar a si mesmo e mudar para melhor, corrigindo-a e a direcionando-a para o contrário, obterá algo útil dessa crítica [...]. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 53-54).

[...] conforme Platão, e se deve ter sempre ao alcance das mãos de Sólon [...]. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 102).

O que se observa nesta e na próxima obra a ser analisada do mesmo autor é a atualidade de seus escritos. Todo o texto foi construído de uma forma que a leitura se dá de maneira rápida e prazerosa pelo caráter acessível com que elaborou seu discurso. De acordo com Aristóteles “uma aprendizagem fácil é por natureza, agradável a todos; por seu turno, as palavras têm determinado significado, de tal forma que as mais agradáveis são todas as palavras que nos proporcionam também conhecimento.”<sup>11</sup>.

## 5. A bajulação: faceta da falsidade

Quando se trata de amizade, uma das distinções que é preciso fazer é entre amizade e bajulação. Nos tempos modernos em que a amizade é erroneamente confundida com outros tipos de relações, que mais a frente serão detalhadas, torna-se conveniente estabelecer estas distinções.

11 Citação extraída da página 203 de uma versão de 2015 da *Retórica* com tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhous e Alberto e Abel do Nascimento Pena.

A amizade, entendida como a relação de afeição entre indivíduos, tornou-se ao longo da história um tema que sugere uma ampla abordagem. Ao mencioná-la, naturalmente o amor é atrelado, podendo inferir que amor e amizade possuem conjunturas afins. Ao mesmo tempo, o desamor e a inimizade são postos como contrapontos a estes sentimentos.

Aristóteles traça uma definição precisa nesse capítulo acerca da amizade e do amor. Amar, segundo Aristóteles, é querer para o outro somente coisas boas, pensando exclusivamente nesse outro e não no próprio bel-prazer. Já o amigo é “aquele que ama e é amado em retorno” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 2).

Em *Como distinguir o bajulador do amigo* Plutarco leva o leitor a repensar sobre seus próprios erros, mostrando que ninguém é tão culpado por estar cercado de bajuladores quanto a própria pessoa que se deixa cercar, expondo seu ego e sua necessidade de se manter rodeada de indivíduos os quais precisa para conseguir manter-se como detentor de razão e poder.

É claramente visto durante a obra de Plutarco as influências dos ensinamentos de Platão, como aponta Silva em *Plutarco historiador*, porque o cita por meio de exemplificações ao longo dos seus escritos. Ao mesmo tempo percebe-se uma influência aristotélica no modo de abordagem. Aristóteles no Livro II de sua *Retórica* traz um capítulo intitulado *A amizade e a inimizade*, e os conceitos aristotélicos para amizade vão ao encontro dos conceitos plutarquianos.

Os laços familiares são, na maioria dos casos, determinantes para que haja a afetividade, sendo para Aristóteles “espécies de amizade” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 28), contudo, quando não há o laço de consanguinidade o vínculo entre as pessoas se dá por total liberdade, e é no campo das abordagens morais e éticas que a amizade passa a ser um assunto de preocupação por parte dos indivíduos. Desde a Grécia Antiga, a *philia* era abordada, sendo a partir dos clássicos que será nesse trabalho abordada.

A bajulação, trabalhada em Plutarco, tem o amor-próprio como meio que favorece a sua proliferação. Este amor é o sentimento que muitas pessoas despejam sobre si mesmas e é, na atualidade, um dos temas de estudo de cunho psicanalítico e psicológico. Pessoas que se amam evitam pensar em seus defeitos, suas tristezas ou mágoas passadas, focando naquilo que acreditam ser edificantes da sua personalidade. É neste momento que o bajulador encontra terreno fértil para atuar. A maioria das pessoas que possuem amor-próprio compreende o bajulador como amigo que está a todo tempo trabalhando em favor da edificação do seu ego e quer o ver sempre bem. É sobre tal enfoque que a distinção precisa entre bajulador e amigo se confunde.

Outro ponto relevante é que o bajulador não se aproxima dos que não estão em ascensão ou passando por algum problema, mas junto àqueles que estão vivendo bons momentos, levando em consideração o fato de ser mais fácil bajular aquele que já está feliz ou cheio de si, do que aquele que vai mal, ficando este último como missão dos amigos verdadeiros. Como disse Plutarco: “ali, ele engorda às suas custas e deles se afasta ao primeiro contratempo.” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 13).

Os vínculos de amizade são fortificados quando os indivíduos percebem que possuem os mesmos gostos e hábitos similares e o bajulador utiliza-se, portanto, de forma que sabem que podem agradar, mostrando-se atrativo, dócil e com grande mobilidade para se adequar àquele que procura convencer. Neste ponto, Aristóteles mostra que os amigos apesar de possuírem gostos afins e, em muitos casos, se ocuparem das mesmas tarefas, permanecem amigos desde que não haja concorrência ou rivalidade entre eles na busca pelo mesmo ofício.

Na sequência de *Como distinguir o bajulador do amigo* Plutarco traz um conselho para os que pretendem descobrir se está cercado por um amigo ou bajulador: “Mas quer reconhecer esta mobilidade semelhante à do polvo? Finja você mesmo mudar; censure o que você tinha elogiado inicialmente.” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 23). Do mesmo modo que os tentáculos de um polvo possuem mobilidade impressionante, um bajulador ao ver o ser bajulado mudando hábitos ou alternando gostos, tentará mudar concomitantemente, o que mostra sua falta de personalidade, podendo ser desmascarado.

Contudo, o bajulador não adquire mobilidade para se adequar àquilo que é bom e justo, mas ao mal. Os amigos, em sua grande maioria, reprimem os defeitos do outro, almejando sua melhora, já o bajulador busca assemelhar-se até nos defeitos para conquistar cada vez mais a confiabilidade e confiança. Em muitos casos chega até a colocar-se como inferior para elevar o outro.

Porém, efetivamente como nos apresenta Plutarco há algo que faz os amigos e bajuladores em muito assemelharem-se: ambos procuram ser agradáveis. Todavia, os elogios proferidos por um amigo vão em direção a homens humildes, já os de um bajulador são direcionados aos deturpados.

No tocante a ser agradável, Aristóteles também aponta ser essa uma das características do amigo, como exposto no excerto: “Amamos ainda aqueles com quem se pode passar agradavelmente o tempo ou o dia; tais como as pessoas de bom humor, as que não estão à cata de ocasiões para nos censurarem as faltas, as que não são ambiciosas nem briguentas.” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 12). Nota-se, então que a ambição, a censura e os desentendimentos não podem permear a amizade.

Ademais, o excesso de elogio torna-se duvidoso por ser desprovido de franqueza. Afagar demais o ego alheio pode ser prejudicial, pois “falsos elogios, imerecidos, cegam e confundem aquele a quem são dirigidos”. (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 40) ao passo que só conseguem “[...] favorecer uma paixão perigosa, inflamar uma cólera insensata, irritar o desejo, nutrir o desejo, nutrir um orgulho insuportável, alimentar a dor com seus lamentos;” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 47).

Quando no lugar do elogio se faz necessário uma repreensão, o amigo precisa proferir palavras que tragam consigo a utilidade e o convencimento, para que sejam escutadas com atenção e respeito. Neste momento, o amigo precisa esvaziar-se de toda malícia e conduzir o outro à reavaliação de valores e atitudes, por mais que o ser ouvinte já seja próspero e feliz. É conveniente também não se colocar como ser incorruptível e incapaz de errar, pois:

“[...] aquele que, ao corrigir os outros, se coloca na posição de um homem incorruptível e isento de qualquer paixão, ao menos que tenha uma idade muito superior à nossa ou uma reputação de virtude bem estabelecida, torna-se odioso, insuportável, e suas advertências, inúteis.” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 76-77).

E, para prevenir um amigo do mal, Plutarco aconselha mostrar a esse a vergonha em agir de determinada maneira não virtuosa.

Sobre esse enfoque é salientado por Aristóteles, que mostrando ao amigo o que não se deve fazer, não é necessário despertar neles a vergonha em confessar seu erro. Não há como ser amigo ou amar alguém a quem se tem medo ou vergonha.

Plutarco ainda amplia a abordagem relatando sobre os favores prestados. Um amigo verdadeiro presta um favor sempre que possível, atuando de bom grado e com o único objetivo de ajudar. O bajulador procura

todos os meios (im)possíveis para fazer o favor, mas objetiva o reconhecimento do outro sobre a ação praticada, dispensando totalmente o anonimato. Porém, se o favor implicar em alguma forma de perigo para o bajulador, ele busca livrar-se de praticá-lo. “O que produz a amizade é a benevolência, os serviços prestados sem que tenham sido solicitados e sem que posteriormente sejam publicados; nestas condições, tais serviços foram prestados apenas em atenção ao beneficiado, e não por outro motivo.” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 29).

## 6. PEQUENOS APONTAMENTOS ACERCA DA AMIZADE

A pesquisa aqui apresentada pretendeu abordar a temática da *philia* grega para que fosse possível perceber as mudanças ou permanências no modo de conceber essa relação hoje. De acordo com o que fora exposto, foi possível notar inclinações afins entre o modo de abordagem de Cícero e Plutarco a respeito da *philia*, salvo alguns temas distintos os quais enfatizaram em suas obras.

Cícero através de seu porta-voz Lélío traça o que para ele era amizade. No sentido mais estrito era a relação entre dois seres virtuosos, unidos por uma afinidade que pelo menos a princípio não precisa ser baseada na utilidade. Portanto, “Há algumas coincidências nos textos de Aristóteles e Cícero [...]: a amizade é desejo mútuo do bem entre os amigos; e é uma situação de íntima convivência na qual os amigos compartilham bens materiais e bens espirituais.” (CASTILLO, 1999, p. 17).

Para Cícero a amizade seria então fundamentada no desejo de ver o amigo feliz e na não necessidade de tê-lo por ser útil. Cipião não precisava de Lélío e nem Lélío dele, mas se admiravam e isso sustentava a relação entre ambos.

Do mesmo modo Plutarco o faz na tentativa de através da figura do bajulador e do inimigo discernir o que vem a ser ou não amizade verdadeira. Mas há que sobressair que “Embora Cícero compartilhe alguns temas com o ensaio de Plutarco, sobre a diferença entre amigos e lisonjeadores, seu tratamento não se adapta a um mundo de cortesãos, mas às amizades entre iguais ou entre aqueles que procuram o apoio das massas.” (KONSTAN, 2005, p. 192). Concernente a isto Konstan (2005) ainda diz:

Cícero exulta a crítica honesta (*monitio*), que é a adequação à verdadeira amizade, na medida em que ele detesta a lisonja (*adsentatio*, *De amic.* 24.89) e, como Plutarco, aconselha (25.91) que ela seja aplicada de modo sincero (*libere*), e não de modo grosseiro. Novamente, o adulador é condenado por não ter nenhum caráter próprio, mas por adaptar-se a cada capricho de outra pessoa. (KONSTAN, 2005, p. 191).

Um lisonjeador é extremamente flexível e sempre está atento procurando encontrar meios de fazer o outro se sentir ainda mais cheio de ego. Não é alguém dotado de concepções próprias e com moral inabalável. Conclui-se, então, que o bajulador é um ser não virtuoso e identificado por sua flexibilidade.

No capítulo três do Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles diz que o segredo da amizade perfeita é a união entre seres virtuosos. Uma pessoa dotada de virtude é repleta de bondade e isto impossibilita que esta

se relacione com outros indivíduos por interesse ou prazer. Os verdadeiros amigos são parecidos na virtude e só desejam o bem aos seus semelhantes visto que são na mesma medida bons.

Adotando a virtude e a bondade como pilares para a *philia*, vê-se que uniões baseadas nesses dois quesitos tendem a durar mais, pois em dado momento um ser pode deixar de ser útil ao outro, pode deixar de simbolizar prazer, mas o contato com pessoas bondosas sempre será uma necessidade.

*Na amizade útil*, o *philos* não é amado por ser bom, mas pelo bem que proporciona em dada situação. O amigo não é amado em si mesmo nem por si mesmo, mas por causa da utilidade que proporciona. O mesmo se aplica aos que procuram *philia* por conta do prazer. Em ambos os casos, o amigo não é amado pela sua essência, mas pelo que ele pode oferecer. Isto, portanto, não é amizade verdadeira. Um bajulador, como visto em Plutarco, não pode ser amigo, pois ele não é um ser virtuoso e a pessoa que a ele se atrela talvez esteja buscando apenas alimentar seu próprio ego ou até mesmo está inocente acreditando ser amigo quando na verdade não é. Por ser um ser corruptível, o bajulador cedo ou tarde é descoberto nas suas mentiras e, diferente da amizade perfeita, rapidamente irá desfazer-se.

No primeiro capítulo, o maior objetivo era o de apresentar a visão de amizade na Antiguidade a fim de que pudesse ocasionar uma reflexão acerca do tema na atualidade e a compreensão da amizade nesse período da história. No segundo, o enfoque na retórica serviu para esclarecer como os autores aqui trabalhados direcionaram seus discursos de modo que fosse compreensível, convincente e sempre atual.

As duas obras de Plutarco possuem um caráter pedagógico, pois ensinam como atuar mediante bajuladores e inimigos. Escrito em média cem anos após Cristo, o texto de teor filosófico e moralista *Como distinguir o bajulador do amigo* aprofunda-se no conceito de bajulação, que é corriqueiramente confundido com a amizade. Os aduladores poderiam ser perfeitos atuantes no teatro, pois sabem adequar-se a diferentes situações e (re) criam discursos para cada ocasião na tentativa de agradar o ser bajulado.

Em *Como tirar proveito dos seus inimigos* o leitor é levado a perceber no inimigo um ser utilitário. Por meio dele é que se pode equacionar como o “eu” está sendo visto no mundo e qual sua “fama” entre os que o rodeia. Se for difamado por algum aspecto, o correto a se fazer é afastar-se das críticas sendo o mais virtuoso possível.

Ambos os textos são altamente atuais, pois ainda hoje há indivíduos que ocupam os seus dias com a bajulação. Inclinados pela riqueza ou poder alheio, tornam-se parasitas daqueles que estão em uma condição de renome social. A *philia* por interesse e originadas pelo âmbito político, por exemplo, assim como era visto na Antiguidade, ainda é presença marcante no século XXI.

Por outro lado, por meio do texto de Cícero é possível reconhecer nas figuras de Lélcio e Cipião o que seria uma amizade perfeita, de acordo com os preceitos aristotélicos, e, serve de reflexão aos leitores atentos a reavaliar o tipo de *philia* que possui e se as formas de relacionamento que estabelecem podem de fato ser conceituadas como amizade.

O que mais se vê atualmente são pessoas amigas por conveniência. A maior parte dos indivíduos obviamente procura o que convêm, mas a amizade não deveria enquadrar-se nesse ciclo de relações por interesse. Este interesse, contudo, já está tão enraizado na mente humana que quando alguém se aproxima e se mostra bondoso a primeira indagação feita é a do que essa pessoa objetiva com o contato.

O egoísmo intrínseco ao homem o faz querer sempre tirar vantagem em alguma coisa e é justamente isso que gera o sentimento de desilusão e desconfiança. Está sendo perdida, quiçá não já foi, a capacidade de confiar naqueles que nos rodeiam.

Nessas considerações finais é importante ressaltar que para ter a certeza que o sentimento nutrido é verdadeiro basta que não se tenha resposta para o motivo que levou à amizade. Quando verdadeira, não se tem motivo nenhum para que a aproximação tenha acontecido. Se alguém está no círculo de amizade de outro por ser engraçado, porque alimenta o ego ou por precisar para dar continuidade a algum projeto, essa amizade não tem origem verdadeira. Diferente do amor, a amizade não pode ser descrita de uma maneira tão simples.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. Trad. Vallandro e Greg Bornhein da versão inglesa de W. D. Ross. 4 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

BARRETO, Maria Cristina. *Reflexões sobre a questão da amizade no mundo contemporâneo*. Disponível em: <[http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1018933\\_18\\_06\\_2015\\_16-57-30\\_4396.PDF](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1018933_18_06_2015_16-57-30_4396.PDF)>. Acesso em: 04 set. 2016.

BRISOLARA, Oscar. *HOMOSSEXUALIDADE: RELAÇÕES HOMOAFETIVAS MASCULINAS NA ANTIGA GRÉCIA - ONE OLDER MAN'S RELATIONSHIP WITH A YOUNGER MAN*. Disponível em <<http://oscar-brisolara.blogspot.com.br/2014/01/relacoes-homoafetivas-masculinas-na.html>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer e A amizade*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

\_\_\_\_\_. *Brutus e a Perfeição Oratória. (Do melhor gênero de oradores)*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Belo horizonte: edições Nova Acrópole, 2013.

CASTILLO, Geraldo. *Educar para a amizade: um manual para pais e professores*. Trad. Roberto Vidal da Solva Martins. São Paulo: Quadrante, 1999.

Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em:< <http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 02 set. 2016.

DOMINIK, William J. As origens e o desenvolvimento da retórica romana. In: AMARANTE, J; LAGES, L. *Mosaico Clássico: Variações acerca do mundo antigo*. Salvador: UFBA, 2012. 316 p.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir dos documentos*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

KONSTAN, David. *Amizade no mundo clássico*. Trad. Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

LAGES, L.. Lições de Plutarco sobre a Comédia Grega. In: POMPEU, A. M. C.; BROSE, R. DE; ARAÚJO, O. L. DE; OLIVEIRA, R. A. DE. (Org.). *Identidade e Alteridade no Mundo Antigo*. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica

e Editora, 2013, v. 1, p. 109-116.

LAUSBERG, Heinrich. *Manual de Retórica literária: Fundamentos de uma ciência de la literatura*. Madrid: Editorial Gredos, S.A,1966.

\_\_\_\_\_. *Manual de Retórica literária: Fundamentos de uma ciência de la literatura*. Madrid: Editorial Gredos, S.A,1968.

MARCONATTO, Arildo Luiz. *Protágoras de Abdera (480 - 411 a.C.)*. Só filosofia. Disponível em: < [http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=20](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=20)>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MATTAR, João. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. 342 p.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos in: Retóricas de ontem e de hoje*. Editora Humanitas, 2004.

OSUNA, Esmeralda. Cícero e o impulso civilizatório. In: CÍCERO, Marco Túlio. *Acadêmicas*. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Belo horizonte: Nova Acrópole, 2012, p. 07-44.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.

\_\_\_\_\_. Górgias. In. *Diálogos*, vol III-IV. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Scrinium Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. *Como tirar proveito dos seus inimigos*. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. 1 ed. São Paulo: Edipro, 2015.

SANTTOS, Edivan. *Obvious*. Disponível em: < <http://belezaaos50.blogspot.com.br/2016/02/a-amizade-segundo-os-gregos.html>>. Acesso em: 03 set. 2016.

SILVA, Jadson Teles. *Acerca das noções de amizade e amor: Contrastes entre Aristóteles e kierkegaard*. *Kínesis*, Vol. IV, nº 08, p. 27-39, 2012.

SILVA, L. L.. *Entre Aristófanes e Menandro: recepção crítica da comédia grega no fim da República e começo do Império Romano*. A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura, v. 1/n.5, p. 32-41, 2013.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco historiador: Análise das Biografias espartanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, sexo e Casamento na Grécia Antiga*. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral; ver. Rosana Citino; ilustr. Gabriela Brioschi. São Paulo: Odysseus, 2002.



Sem radar

Hão de estar  
os corpos tontos  
os olhos descentrados  
os pulsos livres de algemas  
os pés sempre descalços  
a alma mais que desnuda  
os sentimentos ávidos.

Hão de estar  
o voo livre  
o espaço aberto aos pássaros  
o azul cheio de cores  
o infinito multiplicado  
as ampulhetas quebradas  
as bússolas destroçadas.

Hão de estar  
sem radar  
todos os seres com asas.  
(Christina Ramalho)

## Ensaaios

## CAMÕES E A MÁQUINA DO MUNDO

Prof. Dr João da Mata Costa - UFRN

damata@ufrnet.br

Consiste a cosmogonia no estudo da origem e evolução do universo. No poema *Os Lusíadas* de Camões, a visão cosmogônica do poeta é revelada, principalmente, na “Máquina do Mundo” apresentada por Tétis ao Gama no último canto do poema. Neste trabalho comentamos a concepção mecanicista do modelo da “Máquina do Mundo” de Camões e a sua intertextualidade na poesia brasileira do século XX e na cultura popular. A Cosmogonia de Camões neste canto, ainda que de estirpe Grego/ Ptolomaica, é também medieval. O universo de Camões ainda é geocêntrico, e na sua lírica ainda há muito de credices astrológicas- ciência ainda presente no século XVI. Esse trabalho é multidisciplinar e tem como objetivo divulgar o maior clássico da língua portuguesa para o público em geral, e mostrar com a obra de arte e a literatura refletem o conhecimento que se tinha na época de sua produção.

Palavras-Chaves: *Os Lusíadas* – Astronomia – Fogo de Santelmo

### Introdução

Camões é um homem típico do renascimento e domina um amplo leque de conhecimento em várias áreas do saber. Todo esse imenso saber feito de “honesto estudo” está contido em sua epopéia *Os Lusíadas*. Os humanistas do renascimento valorizavam os temas em torno do homem e a busca de conhecimentos e inspiração nas obras da antiguidade clássica. A aventura marítima portuguesa descortinando novos mundos foi uma expressão dessa busca por um saber alimentado na experiência e na propagação da fé religiosa cristã. Para descrever esse feito lusitano era preciso uma obra literária que o imortalizasse, e essa obra é *Os Lusíadas*. A mais completa das autobiografias coletivas que um homem de gênio já deixou de sua própria gente (Gilberto Freire 1984). Nessa época houve uma valorização da experiência que trazia um conhecimento horizontal em contraposição aos argumentos autoritários da escolástica e dos antigos. “A experiência é a madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade”, dizia Duarte Pacheco Pereira - cognominado o “Aquiles Lusitano” -, em seu livro de marinaria *Esmeraldo de Situ Orbis* (1505- 1508). Até o século XVI, a astrologia e astronomia estavam muito próximas e a necessidade de utilizar os astros para navegação levou a observações cada vez mais precisas. Dois foram os grandes sábios portugueses responsáveis pela grande aventura marítima portuguesa: D. João de Castro e Pedro Nunes. D. João de Castro escreveu o tratado da esfera por meio de perguntas e respostas e, Pedro Nunes (Petrus Nonnius)-inventor do nônio-, tradutor do famoso *Tractatus de Sphaera* “*De sphaera*”, Ferrara (1472), do astrônomo inglês John Holywood, mais conhecido pelo nome latinizado de Johannes Sacrobosco (1200-1256). Esse livro, utilizado durante muitos séculos nas universidades europeias, saiu direto da universidade para guiar os pilotos portugueses em suas descobertas de mares nunca antes navegado. A ciência de cada época influencia as artes em geral, e foi esse livro a principal fonte científica que auxiliou Luis de Camões a escrever sobre a “Máquina do Mundo”, concepção mecanicista grego-Ptolomaica do mundo com algumas modificações medievais, descrita principalmente no canto X do poema épico “*Os Lusíadas*” - o maior monumento literário da língua portuguesa. Neste trabalho, analisamos a Máquina do Mundo camoniana apresentada pela bela ninfa Tétis ao Gama no último canto do poema e a sua intertextualidade na poesia brasileira do século XX. A Máquina do Mundo Camoniana tem a Terra no centro. Em redor da Terra, em círculos concêntricos, a Lua (Diana, Ísis, Jaci, Afrodite), Mercúrio, Vênus, O Sol (Febo), Marte, Júpiter e Saturno. Envolvendo estes astros, tem o firmamento seguido pelo “Céu Áqueo”, ou cristalino, depois a esfera do primeiro Móbil que arrasta consigo todas as outras. Pretendemos, também, analisar as estâncias que falam do Cruzeiro do Sul, As Ursas e do Fogo de Santelmo ou “Qorpo Santo” cujas visões maravilharam os “rudos marinheiros” no canto V de *Os Lusíadas*. Este trabalho, multidisciplinar, serve tanto para o público em geral, como para ensinar aos alunos das Ciências Humanas, a concepção do Mundo e a cultura científica no Renascimento. A Máquina do Mundo Camoniana é apresentada

com detalhes rigorosamente científicos e poéticos, em versos decassílabos. O trabalho também ajuda na apreciação do maior clássico escrito da língua portuguesa, e mostra como as ciências e as artes, em geral, estão correlacionadas e refletem a visão de mundo da época em que foi produzida. Na análise do fogo de santelmo, personificação de Castor e Pólux, mostramos como um fenômeno físico gera o maravilhoso, dando origem a lendas e cultos religiosos seculares. Este trabalho também mostra como o canto camoniano deságua no Brasil inundando a sua poesia, falas, sentimentos e cultura popular. Comentamos também algumas crendices e superstições presentes na época de Camões e disseminadas na cultura popular nordestina.

## Os Lusíadas

A Epopéia Os Lusíadas segue o gênero épico com a narração de um fato heróico e de interesse nacional e social. Formado da 10 cantos com 1102 estrofes. Cada estrofe é constituída de oito versos decassílabos heróicos (acentuação na 6ª e 10ª sílaba). ABABABCC. Formado de quatro planos principais: Viagem, Deuses, História de Portugal e Considerações do Poeta.

## Resumo do Poema

Os Lusíadas narra a viagem de Vasco da Gama para as Índias. No Canto I, o poeta indica o assunto global da obra, pede inspiração às ninfas do Tejo e dedica o poema ao Rei D. Sebastião. Vênus e Marte ajudam na empreitada marítima e Baco se opõe armando várias ciladas ao longo de todo o percurso. O Rei de Mombaça (Canto II), influenciado por Baco, convida os Portugueses a entrar no porto para os destruir. Vênus, ajudada pelas Nereidas, e com a proteção de Júpiter salva os portugueses. No canto III tem o famoso episódio de Inês de Castro (III, 118-135), a que foi rainha depois de morta. As batalhas de Ourique e do Salado contra os mouros. No canto IV, tem a famosa batalha de Aljubarrota (IV, 28-45) e o episódio do Velho do Restelo (IV 94-104), que se opõe àquela empreitada de alto risco em busca do desconhecido e vocifera. -Ó gloria de mandar, ó vã cobiça. Dessa vaidade que chamamos Fama No Canto V, O episódio do gigante Adamastor (Cabo das Tormentas) e a visão maravilhada e assustada dos marinheiros ao Cruzeiro do Sul, o Fogo de Santelmo e a Tromba Marítima. Canto VI, o episódio lendário e cavaleiresco de Os Doze de Inglaterra (VI 43-69). No canto VII a Armada chega a Calecut (Índia). O Catual visita a Armada e pede a Paulo da Gama que lhe explique o significado das figuras das bandeiras portuguesas (História de Portugal). Nesse Canto o Poeta exalta a luta dos Cristãos contra os Mouros. No Canto VIII, O Catual prende o Gama e pede o resgate em mercadorias. O poeta reflete sobre o poder vil do dinheiro. No Canto IX o episódio da Ilha dos Amores, uma grande festa de orgia e farra como “premio merecido pelo longo trabalho” No Canto X a descrição da Máquina do Mundo.

Astrologia , Astronomia e o Fogo de Santelmo

## **Astrologia, o fogo de santelmo e a Astronomia.**

Até o séc. XVI, a Astronomia e Astrologia estavam bem próximas. A astronomia é uma ciência que se desenvolveu enormemente. Hoje, uma de suas buscas é tentar encontrar vidas em outros sistemas planetários, Guardando as devidas proporções, é como a grande aventura portuguesa nos sécs XV-XVI desbravando mares a procura de outros lugares, povos e costumes. A astrologia não é uma ciência, mas no século de Camões ela ainda está muito presente nas vidas das pessoas e preocupações do poeta. As observações astronômicas conduzem aos prognósticos dos tempos (astrologia natural) e dos destinos (astrologia judiciária). Na obra Os Lusíadas, apesar do rigor com que o poeta descreve o sistema de Ptolomeu, ainda há muito de crenças no poder da astrologia. Da vida de Camões sabemos pouco e são pouquíssimas as pistas deixadas dessa atribulada existência. A data mais provável de seu nascimento é 1524. Camões pensa e escreve conforme os quadros mentais da sua época. Palavras como, seu planeta,

sua estrela, benigna estrela, são utilizadas por ele com conotações astrológicas. Diz o poeta em poema auto-biográfico;

Quando vim da materna sepultura  
De novo ao mundo logo me fizeram  
Estrelas infelices obrigado...

Garcia de Resende, autor do famoso Cancioneiro que leva seu nome, escreve ironizando àqueles que prognosticavam que o mundo ia se acabar por essa época (SAA, 1978):

E vimos a Astrologia / mentir toda em todo mundo: / que em 24 havia /  
De haver dilúvio segundo; / E seco vimos o ano...

Os eclipses solares estavam associados com catástrofes ou acontecimentos ruins. No famoso Almanach Perpétuo de Abraão Zacuto, consta um eclipse do Sol em 23 de janeiro de 1525. Camões refere-se ao eclipse que estava para acontecer próximo à data de seu nascimento;

O dia em que eu nasci morra e pereça / Não queira jamais o tempo dar; / Não torne mais ao mundo, e se tornar / Eclipse nesse “passo” o sol padeça.

Ainda Camões, referindo-se à fortuna e a “sua estrela”, que lhe roubou a alegria.

Chamo dura e cruel a dura Estrela / que me aparta de vós minha alegria

Fortuna\* minha foi cruel e dura / aquela que causou meu padecimento / com a qual ninguém pode ter cautela...

Fortuna era nesse caso, o planeta regente do horóscopo de nascimento.

Garcia de Resende continua descrevendo o aparecimento de “monstros” que estavam associados com os desígnios do céu;

E vimos monstros na Terra / e no céu grandes sinais / coisas sobrenaturais.

Esses monstros da Terra aparecem com frequência na literatura folclórica, e pode ser qualquer anomalia da natureza, ou um saber imenso. Em Portugal nascera, por essa ocasião, o conhecido monstro de português, o menino de Évora que falava latim. Cervantes chamava seu rival e grande dramaturgo espanhol Lope de Veja, de monstro da natureza. Na Alemanha tinha o célebre Vitulomonaco, bezerro

com figura de monge. Gustavo Barroso em Som da Viola (1949), fala do Menino Gigante que teria nascido na Vila de Vicência, em Pernambuco, por ocasião do aparecimento do cometa - tema aproveitado pelos rapsodos populares-;

Todo mundo já conhece / o cometa de Biela, / que abalou a terra toda /E exterminava  
com ela, / se no seu giro passasse / Mais aproximado dela.

O astro passou bem longe, / No mundo ninguém morreu; / porem na sua passagem, /  
uma mulher concebeu / a um menino fenômeno / Que na terra apareceu.

No estado de Pernambuco, / Lá na vila de Vicência, /O tal menino Gigante / A luz teve  
da existência, / nasceu em mil novecentos. / cheio de viço e potencia...

Voltando ao canto V, Vasco da Gama prossegue a sua narrativa ao Rei de Melinde, contando agora a viagem da Armada, de Lisboa a Melinde (África). É a narrativa da grande aventura marítima, em que os marinheiros observaram maravilhados ou inquietos o Cruzeiro do Sul e o Fogo de Santelmo.

#### (V,14) Nova Estrela

Já descoberto tínhamos diante,  
Lá no novo Hemisfério, nova estrela,  
Não vista de outra gente, que ignorante  
Alguns tempos esteve incerta dela.  
Vimos a parte menos rutilante,  
E, por falta de estrelas, menos bela,  
Do Pólo fixo, onde ainda se não sabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe.

A nova estrela era o Cruzeiro do Sul que os marinheiros viram maravilhados, pois só aparece no hemisfério sul. Camões sempre fala de estrela no sentido coletivo, e não usa a palavra constelação. Quando a frota de Cabral chegou ao Brasil em 1500, trazia o astrônomo Mestre-João, que em carta ao rei de Portugal refere-se pela primeira vez à bonita e brilhante constelação do Cruzeiro do Sul, que ela designa por Crux devido ao seu formato.

(V, 15) as Ursas

Assim passando aquelas regiões  
Por onde duas vezes passa Apolo,  
Dois invernos fazendo e dois verões,  
Enquanto corre dum ao outro Pólo,  
Por calmas, por tormentas e opressões,  
Que sempre faz no mar o irado Eolo,  
Vimos as Ursas, apesar de Juno,  
Banharem-se nas águas de Netuno.

A constelação das Ursas é o nome de duas constelações boreais; Ursa maior e menor. São circumpolares e eram verdadeiros faróis celestes para os navegantes. Estando perto do pólo celeste ártico são visíveis praticamente durante todo o ano no hemisfério boreal, com exceção de uma estreita faixa próxima do equador. v. 2: Apolo (O sol) cruza duas vezes por ano o equador. As ursas eram, de acordo com a fábula, a ninfa Calisto e seu filho, a ninfa era amante de Júpiter; este para defender dos ciúmes de Juno, transformou-a e ao filho em estrelas; Juno porém, conseguiu que Neptuno as proibisse de se banharem no mar. Por isso, para as estrelas que estão do hemisfério norte, elas nunca descem abaixo do horizonte. Chamada Carreta pelos franceses por parecer um carro e para os italianos, Carroza.

(V, 16) O mar tem segredos que os Homens não entendem.

Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpados que o ar em fogo acendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,  
Não menos é trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro.

(V, 17) Oposição entre a aparência e o saber advindo do puro engenho e ciência.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que têm por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,

Julgando as cousas só pola aparência,  
E que os que têm juízos mais inteiros,  
Que só por puro engenho e por ciência  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgam por falsos ou mal entendidos.

(V, 18) **O Fogo de Santelmo**

Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,  
Ver as nuvens, do mar com largo cano,  
Sorver as altas águas do Oceano.

(V,19) cont. Parecia que era feito de nuvens.

Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava): levantar-se  
No ar um vaporzinho e sutil fumo  
E, do vento trazido, rodear-se;  
De aqui levado um cano ao Pólo sumo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia;  
Da matéria das nuvens parecia.

O Fogo de Sant’Elmo era uma chama azulada que os marinheiros viam assustados nos mastros dos navios, especialmente quando estava para acontecer uma tempestade de chuva e a nuvens estavam muito carregadas. Os Marinheiros consideravam esta luz a presença de Deus, a proteger os nautas. Daí o nome de Santelmo, de Santo + Elmo (Elmo por ermo). Este fenômeno “físico” surge devido a uma corrente elétrica entre a ponta do mastro eletrizada negativamente e a nuvem carregada positivamente. Essa diferença de potencial dar origem a uma descarga elétrica que ioniza o ar, fornecendo uma luz azulada que tanto encantava os marinheiros. Fogo de Santelmo ou “Qorpo Santo”. O indígena chamava-lhe mboi-tatá. Também conhecida por Mãe do Ouro, Caipora, Cabeça-de-Cuia ou Cobra-de-Fogo. Quando essa Luz aparece num campanário de uma igreja, muita gente acredita que é a aparição da Virgem Maria.

Existem muitas lendas sobre o fogo de Santelmo. Se um santelmo pousar na borda ou no mastro de uma embarcação, pode fazê-la embarcar. Se o fogo corredor anda emparelhado, são as almas errantes e sofredoras de um compadre e uma comadre que pecaram em união carnal. Em Lendas do Brasil, Cascudo (1945), escreve uma bonita lenda nordestina: Senhor do Corpo Santo. Nessa lenda, Jesus aparece na forma de um velhinho faminto, como o profeta Elias nas lendas do judaísmo popular, Chegando ao convento do Carmo, em Recife, não é socorrido pelo porteiro. Depois, é bem recebido na igreja de São Pedro Gonçalves, e no colchão onde dormia o velhinho, aparece a imagem do Bom Jesus dos Passos. A Igreja de São Pedro Gonçalves ou do Corpo santo, no Recife, foi demolida em outubro de 1913, mas já na época dos holandeses era uma igreja velha. A capela do Corpo Santo, em Salvador (BA), foi fundada em 1711, pelo marujo espanhol Pedro Gonçalves em pagamento a uma promessa feita durante uma tempestade em águas da Baía de Todos os Santos.

Gustavo Barroso (1949), escreve sobre a Lenda do Batatão:

“O batatão, inexplicavelmente chamado pela gente do interior de Sergipe Jan de la Foice (virá de algum francês Jean Delafoyse ou coisa semelhante, pois Sergipe foi no início da colonização, muito freqüentado por interlopos franceses?) Os povos do mediterrâneo acreditavam que o fogo de Sant’ Elmo guiava os navegantes. Os nossos sertanejos herdaram do antigo bandeirante a crença de que ele corre atrás das pessoas, amedrontando-as, e as persegue, ou lhes ensina o caminho errado, de maneira a fazê-la cair em pântanos ou atoleiros.

O indígena chamava-lhe mboi-tatá, em tupi cobra-de-fogo, de onde boitatá, como se diz no sul do Brasil, batatão como se diz no norte. A voz mboi- boiguaçu designando o fogo-fátuo já a encontrei na África ( Barroso, 1949).

A crença indiana foi naturalmente adotada pelos invasores, porque no fundo, era comum a todos os povos europeus. Os Celtas da Gália e da velha Bretanha chamavam-lhe fogo-dos-druídas, atribuindo-lhe diversas virtudes. Ainda hoje, os Ingleses o denominam Jack-with-a-lantern e acreditam que, com sua lanterna, o tal Jack leva os caminheiros por trilhos errados e perigosos”. Recentemente, Guinga e Aldir Blanc, compuseram um bela música chamada Lendas Brasileiras. Aldir escreveu: Dizem lendas que um labro marador / Viu num luzeiral a Saruí / Tendo ao lado dela / Um Par da França / Com a lança e o elmo em fogo de Santelmo...

## CAMÕES E A MÁQUINA DO MUNDO

No último canto d’ os Lusíadas os nautas, depois de navegarem por mares nunca d’antes navegados e alargar o mundo aos confins da Terra, pensam no retorno à sião distante (pátria) e nunca esquecida. São ricos de glórias, donos das chaves dos mares. Chegaram às portas da aurora. São amos da Ilha de coral, da pimenta ardente, da noz moscada, da canela, do negro cravo,

“que faz clara a nova Ilha Maluco”(X, 14).

É hora de voltar. Lisboa e as doces ribeiras o aguardam. Quiçá não morresse o Velho do Restelo, e silencioso, poderia escutar no cais do Porto os relatos dos navegantes. Este é o desejo precípua, a máxima ilusão dos descobridores: contar seus feitos

Mas antes que as naus

“com o vento sempre manso, e nunca irado (X, 144)”, chegasse à foz do Tejo, Vênus suscita das ondas uma

ilha maravilhosa para descanso e prêmio dos navegantes. Sob a guarda de Vênus saiu de Portugal a frota, ela a protegeu de mares nunca d'antes navegado e não pode rematar a viagem e o poema sem este apoteótico triunfo e glória venusianos em que Eros se manifesta no duplo aspecto do amor e conhecimento. O bosque recendente às cabeleiras das ninfas acolhe o meditar filosófico sobre as harmoniosas esferas do universo (Pedrayo 1940).

Na ilha dos amores, o cortejo feiticeiro das deusas acolhe os heróis portugueses. Mas quem leva a voz, quem evoca os temas antigos e novos, é a graça feiticeira, a força dionisiaca dos mares, personificada em Tétis, a Ninfa

**ũa, delas maior, a quem se humilha**

Todo o coro das ninfas e obedece,

que dizem ser de Celo e vesta filha

(IX, 85)

O Mar, enquanto realidade vivida e experimentada, passada através da emoção, do intelecto e do projeto literário de Camões - adquire n'os Lusíadas um papel fundamental e estruturante (Matos, 1995). Camões é um grande pintor marítimo, diz Alexander Von Humboldt (1769- 1859), no seu monumental livro *Cosmos* (Madrid, 1874).

O poeta, ao escolher Tétis para explicar a “Máquina do Mundo”, demonstra todo o seu amor e respeito pelo mar. Na Mitologia Grega, Tétis é uma poderosa deusa marinha. Sua residência é uma gruta submersa, mas com todas as prerrogativas devidas a uma imortal tão importante. Seu poder é tão grande, junto a Zeus, que, para vingar a timé de Aquiles, os Aqueus serão derrotados até o canto XVII da *Ilíada* (Brandão, 1988).

“cousas do mar, que os Homens não entendem ( V, 16)”

A Cosmogonia de Camões neste canto, ainda que de estirpe Grego-Ptolomaica, é também medieval. As esferas giram harmoniosas. No *Almagesto*, o maior tratado astronômico da antiguidade, Claudius Ptolemaeus (100 – 170 d.C) descreve o seu sistema geocêntrico do mundo, com o sol, a lua e os planetas movendo-se ao redor da Terra. Os Céus são esféricos e os objetos celestes têm movimentos circulares, que é o movimento perfeito apropriado à natureza das coisas divinas.

Do alto do cume, Tétis dirige-se ao Gama e começa a descrever a máquina do mundo.

(X, 75)

De[s]pois que a corporal necessidade

Se satisfaz do mantimento nobre,

E na harmonia\* e doce suavidade

Viram os altos feitos que descobre,

Tétis, de graça ornada e gravidade,

Pera que com mais alta glória dobre

As festas deste alegre e claro dia,

Pera o felice Gama assi dizia:

(X, 76)

Sigue - me firme e forte, com prudência,  
Por este monte espesso, tu cos mais

Assi lhe diz e o guia por um mato

**Árduo, difícil, duro e humano trato.**

Viram os feitos que ela (“harmonia”) descobre; os cantos que o harmonioso canto da ninfa revelou.  
**“Árduo, difícil, duro e humano trato”, é o caminho do conhecimento.**

(X, 77) **Esfera Celeste**

Não andam muito que no erguido cume  
Se acharam, onde um campo se esmaltava  
De esmeraldas, rubis, tais que presume  
A vista que divino chão pisava.  
Aqui um globo vêm no ar, que o lume  
Claríssimo por ele penetrava,  
De modo que o seu centro está evidente,  
Como a sua superfície, claramente

(X,78) **Cosmogonia de Ptolomeu**

Qual a matéria seja não se enxerga,  
Mas enxerga-se bem que está composto  
De vários orbes, que a Divina verga  
Compôs, e um centro a todos só tem posto.  
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,

Nunca sêrgue ou se abaxa, e um mesmo rosto  
Por toda a parte tem; e em toda a parte  
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

(X,79) **A Máquina do Mundo**

Uniforme, perfeito, em si sustido,  
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.  
Vendo o Gama este globo, comovido  
De espanto e de desejo ali ficou.  
Diz-lhe a Deusa: - O transunto, reduzido  
Em pequeno volume, aqui te dou

Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vás e irás e o que desejas.

(X, 80) **Parte Etérea e elemental da máquina do mundo.**

Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assi foi do Saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.

v.2- Referência à parte Etérea e elemental da máquina do mundo. Etérea ou Celestial (exterior) e elemental (interna), região sub-lunar de que fazem parte os quatro elementos do cosmos de Aristóteles: fogo, ar, água e Terra.

(Canto VI, estâncias 10-12).

(X, 81) **O Empíreo** (*coelum emperium*)

Começa a especificação das esferas que constituem a parte etérea da Máquina do Mundo. Para dentro do Empíreo está logo a décima, o primeiro Móbil, que em 24 horas dá uma volta completa, arrastando consigo todas as outras que lhe ficam dentro.

Este orbe que, primeiro, vai cercando  
Os outros mais pequenos que em si tem,  
Que está com luz tão clara radiando  
Que a vista cega e a mente vil também,  
Empíreo se nomeia, onde logrando  
Puras almas estão daquele Bem  
Tamanho, que ele só se entende e alcança,  
De quem não há no mundo semelhança.

(X, 85) Décima Esfera - **O Primeiro Móbil** (O primum móbile)

Enfim que o Sumo Deus, que por segundas  
Causas obra no Mundo, tudo manda.  
e tornando a contar-te das profundas

Obras da Mão Divina veneranda,  
Debaxo deste círculo onde as mundas  
Almas divinas gozam, que não anda,  
Outro corre, tão leve e tão ligeiro  
Que não se enxerga: é o MóBILE primeiro.

Segundo a cosmografia corrente no tempo de Camões, eram onze as esferas celestes. Tinham sido oito até Ptolomeu (a da Lua, de Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Estrelas), mas a descoberta do movimento de que resulta a precessão dos equinócios levou à admissão de uma nova esfera para o movimento diurno (a nona), ficando a oitava com o da precessão. Posteriormente, outro movimento que muitos supuseram existir, o de acesso e recesso ou de trepidação fez imaginar mais uma, que ficou sendo a nona e o segundo Móbil, passando para a décima o movimento que tinha pertencido primeiro à oitava e depois à nona. Os Árabes criaram o *primum móbile* e no séc XI, Anselmo, Arcebispo de Cantebury, introduziu o *empíreo* habitado pelos deuses.

(X, 86) Nona esfera - O Cristalino

Com este rapto e grande movimento  
Vão todos os que dentro tem no seio;  
Por obra deste, o Sol, andando a tento,  
O dia e noite faz, com curso alheio.  
Debaxo deste leve, anda outro lento,  
Tão lento e sojugado a duro freio,  
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,  
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

O substantivo “rapto” era neste assunto um termo técnico que designava o movimento de rotação que o primeiro Móbil imprimia às esferas nele contidas. Estas, apesar do seu movimento próprio de ocidente para oriente, são impelidas por aquele a marchar de oriente para ocidente, completando a sua rotação em 24 horas.

vv 3-4. Arrastado pelo primeiro Móbil, o Sol vai tentando a sua marcha, como uma pessoa que não pode parar e põe o cuidado em não cair. O seu curso próprio é de ocidente para oriente pela eclíptica e dura um ano.

vv 5-8. Debaixo deste. A nona esfera ou segundo Móbil. No segundo século a.C., notou Hiparco que certas estrelas cuja longitude tinha sido determinada havia mais de um século já não ocupavam o mesmo lugar, mas se tinham mudado na direção do curso anual do Sol, e concluiu daqui que a esfera das estrelas se movia de ocidente para oriente sobre o eixo da eclíptica, donde resultava que o Sol, na sua marcha anual, atingia os pontos equinociais antes de se encontrar na direção das estrelas que anteriormente coincidiam com eles, isto é, os equinócios pareciam recuar, porque a oitava esfera avançava. A esse movimento atribuiu depois Ptolomeu um grau por século, pouco mais ou menos, isto é, os pontos equinociais, no seu movimento de recuo, percorriam toda a eclíptica, seguindo a ordem dos signos.

(X, 87 ) O Firmamento - O Zodíaco e os doze Signos

Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
De corpos lisos anda e radiantes,  
Que também nele tem curso ordenado  
E nos seus axes correm cintilantes.  
Bem vês como se veste e faz ornado

Co largo Cinto d, ouro, que estelantes  
Animais doze traz afigurados,  
Apousentos de Febo limitados.

v.1- estoutro: oitavo móbil ou zodíaco (com os seus signos)

v.4- axes: eixo

v.5- de ouro, epíteto de aureus , tão usado pelos latinos com aplicação aos astros: aurea sidera, aurea astra, aurea luna, orion aureus, etc.

v.8- febo: so l( “o claro olho do céu” )

(X,88) Catálogo Estelar Camoniano

Olha, por outras partes a pintura  
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:  
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,  
Andrômeda e seu pai, e o Drago horrendo;  
Vê de Cassiopeia a fermosura  
E do Oriente o gesto turbulento;  
Olha o Cisne morrendo que suspira,  
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

v.3- “Carreta”, parte da constelação da ursa maior. Já nos poemas homéricos a ursa maior se chama carreta, por causa da forma que apresentam as suas estrelas. “Cinosura” (cauda de cão), uma das amas que criaram Júpiter em creta, transformada em ursa menor.

v.4- “Andrômeda”, filha de Cefeu, rei da Etiópia, e de Cassiopéia, convertida depois de morta em constelação.

Drago (dragão), constelação do hemisfério boreal localizada entre a Ursa maior e a Ursa menor . Na mitologia, monstro com asas, garras de leão e cauda da serpente.

v.5 – “Cassiopeia”, constelação boreal situada ao norte de andrômeda

v.6- “orionte”,órion (constelação equatorial), genitivo oríonis. Caçador que desrespeitou Diana pelo que ela o fez estrela. Quando aparece no céu, é sinal de intempéries no mar.

v.7- “cisne” , diziam os mitógrafos solta um canto plangente na ocasião em que morre.

v.8- “lebre”, constelação do hemisfério austral. “cães”, abrange duas constelação: o “cão maior” ( Canis mayor) , que é austral, de que faz parte sirius e “cão menor” ( Canis minor), boreal, onde se vê prócion. A “nau” (Argus) constelação da região austral média e “lira”, constelação boreal. Nela se encontra a bela estrela vega ( muito brilhante , de cor azulada)

Camões nunca emprega a palavra constelação (Rogers, 1972). Seu catálogo estelar épico é bastante completo, sendo formado de: Andrômeda,Ara, Argos, Aries, Bootes, Cancer, Cães, Capricórnio (semicapro pexe), Carreta, Cassiopéia, Cefeu, Cinosura, Cisne, Dragão, Hidra, Leo, Lepus, Lira, Orion, Peixes, Touro, Ursas e Virgo.

(X,89)Enumeração dos Planetas.

Debaxo deste grande Firmamento,  
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;  
Júpiter logo faz o movimento,  
E Marte abaxo, bélico inimigo;  
O claro Olho do céu, no quarto assento,  
E Vénus, que os amores traz consigo;  
Mercúrio, de eloquência soberana;  
Com três rostos, debaxo vai Diana.

v.1- O oitavo céu chamava-se firmamento, porque ( dizia-se no tempo do Poeta) as estrelas se mantém neles firmes no mesmo lugar. Este nome provém de quando se pensava que a abóbada celeste era sólida.

v.5- Já nos poemas homéricos o Sol é o olho do céu

v.8- Alusão aos três aspectos da lua (nova, quartos e cheia).Diana celeste (Lua), a deusa da caça (Diana) e a Diana infernal (Hécate).

(X,90) Diferentes cursos dos planetas

Em todos estes orbes, diferente  
Curso verás, nuns grave e noutros leve;  
Ora fogem do Centro longamente,  
Ora da Terra estão caminho breve,  
Bem como quis o Padre omnipotente,  
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,

Os quais verás que jazem mais a dentro  
E tem co Mar a Terra por seu centro.

(X,91) Descrição da Terra: centro do Universo

Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não somente, ousados, se contentam  
De sofrerem da terra firme os danos,  
Mas inda o mar instábil exprimentam,  
Verás as várias partes, que os insanos

Mares dividem, onde se apouentam  
Várias nações que mandam vários Reis,  
Vários costumes seus e várias leis.

(X,145) Epílogo

No' mais, Musa, no' mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Dũa austera, apagada e vil tristeza.

Intertextualidade da Máquina do Mundo

No final do poema *Os Lusíadas*, o plano mítico - dos deuses-, e o histórico - dos homens - encontram-se: através do recurso anafórico do imperativo: olha, vê repara, contempla a máquina do mundo. Diz a ninfa Tétis, ao Gama. Foi o episódio da Máquina do Mundo que inspirou o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade a compor seu poema "A Máquina do Mundo" (Claro Enigma, J. Olimpio 1951) e o Poeta Haroldo de Campos com o poema *A Máquina do Mundo Repensada* (2000). No poema de Drummond, o viajante caminha sozinho pelas estradas de minas pedregosas. Nesse poema, há uma referência imediata à tradição clássica da literatura de língua portuguesa. Assim começa o seu belo poema;

E como eu palmilhasse vagamente  
uma estrada de Minas, pedregosa,  
e no fecho da tarde um sino rouco

Tétis, conduzindo o Gama ao alto de uma montanha, mostra – lhe “a máquina do mundo”, cuja  
compreensão escapa aos Homens.

Vês aqui a grande máquina do mundo, / Etérea e elemental, que fabricada...

(X, 80, vv. 1-2)

Para Drummond,

a máquina do mundo se entreabriu  
para quem de a romper já se esquivava  
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circunspecta,  
sem emitir um som que fosse impuro  
nem um clarão maior que o tolerável

A treva mais estrita já pousara  
Sobre a estrada de mina, pedregosa,  
e a máquina do mundo, repetida,

Se foi miudamente recompondo,  
Enquanto eu, avaliando que perdera,  
Seguia vagaroso de mãos pensas.

Antônio Houaiss, assim se referiu a este Poema (apud Elia, H. - Camões e a Literatura Brasileira, MEC 1973): A factura estrófica e rítmica é clássica nos seus tercetos isométricos brancos - com laivos dantescos, sá-de-mirandianos e camonianos

O poema A Máquina do Mundo Repensada de Haroldo de Campos, de corte clássico, tem três partes composto em versos decassílabos dispostos em terza rima. A primeira parte retoma a representação da “máquina do mundo” em Dante, Camões e Drummond. A segunda expõe os desenvolvimentos da física e da cosmologia moderna (Galileu, Newton, Einstein e Poincaré), que permitiriam superar o modelo

ptolomaico presente na construção metafórica daqueles poetas. Na terceira, que tem cerca de metade da extensão total do poema, o poeta propõe erguer-se à contemplação do universo concebido segundo a teoria do big-bang.

e eu nesse quase - (que a tormenta  
da dúvida angustia) - terço acidioso  
milênio a me esfingir: que me alimenta

a mesma - de saturno o acrimonioso  
descendendo - estrela ázimo-esverdeada  
a acídia: lume baço em céu nuvioso

Haroldo utiliza o conceito de constelação, não empregado por Camões.

do zodíaco ( límpido bestiário  
que a grupo constelantes dará nome  
grande ursa cinosura o lampadário

Utilizando conceitos da Astrofísica Moderna no final do milênio, como o “big bang”, para tentar decifrar a máquina do mundo:

Já eu quisera no límen do milênio  
O número três testar noutro sistema  
Minha agnose firmando no convênio

que a nova cosmofísica por tema  
astatuiu- se: explosão primeva o big-  
-bang- quiça desenigme o dilema!

Haroldo fala do espaço – tempo, e da crítica que Einstein fazia a Mecânica Quântica, outra grande teoria da Física Moderna, responsável por grandes sucessos teóricos e práticos.

o enigma de espaçotempo e o turno / encurvado da quarta dimensão /  
ante o indeterminismo- taciturno-

recua em busca da una- explicação / que enfim desdiga essa heresia dos quanta /

no princípio de incerteza vê a ilusão

Dialogando com Camões e Drummond, Haroldo termina seu poema perplexo entre a visão do novo, e o estado de desânimo que acompanha Camões no final de os Lusíadas e Drummond caminhando pelas estradas pedregosas da existência.

[...]

sigo o caminho? busco-me na busca?

finjo uma hipótese entre o não e o sim?

Remiro-me no espelho do perplexo

recolho-me por dentro? vou de mim

para fora de mim tateando o nexo?

observo o paradoxo do outrossim

e do outro não discuto o anjo e o sexo?

o nexo o nexo o nexo o nexo o nex

Em latim, nex significa morte, mas morte violenta, em oposição à mors, entendida como morte natural.

Poetas, como bem disse Celso Lafer (1984) constituem um auditório potencial do texto Camoniano, que nele podem encontrar a pulsão da poesia. Todo o Poema é uma tradição e não creio que haja sinônimos, disse Borges. Muitos outros poetas brasileiros deixaram-se inundar do Canto que glorifica a raça portuguesa. O poeta Manoel Bandeira, escreve num sanatório na Suíça, um soneto que resume esse fascínio da pátria – irmã e herdeira da lírica camoniana.

### **A Camões/ Manoel Bandeira**

Quando nalma pesar de tua raça  
A névoa da apagada e vil tristeza,  
Busque ela sempre a glória que não passa,  
Em teu poema de heroísmo e de beleza.

Gênio purificado na desgraça,  
Tu resumiste em ti toda a grandeza;  
Poeta e soldado...Em ti brilhou sem jaça  
O amor da grande pátria portuguesa.

Enquanto o fero canto ecoar na mente  
Da estirpe que em perigos sublimados  
Plantou a cruz em cada continente,

Não morrerá sem poetas nem soldados  
A em que cantaste rudemente  
As armas e os barões assinalados

## Conclusões

Observamos neste trabalho que o maior Clássico da Literatura Portuguesa, os Lusíadas, tem uma imensidão de saberes que refletem a erudição de Camões em diversas áreas do saber, especificamente da Astronomia, Literatura Clássica, Mitologia e Marinharia. Mostramos como a obra de arte reflete o saber científico da época em que foi escrita. O cosmo de Camões é Ptolomaico, porque era esse o modelo ainda adotado pelos navegantes portugueses. O Modelo heliocêntrico de Copérnico já era conhecido na época de Camões, mas ainda não tinha sido incorporado pela população e navegantes, que podiam navegar bem com o modelo antigo. Observa-se que Camões conhece muito bem o céu e suas estrelas-guias dos navegantes. Camões não utiliza a palavra constelação e, sim, planeta no sentido coletivo. O céu de Camões tem 11 esferas concêntricas, com a Terra no centro. É o modelo ptolomaico com algumas modificações do Tratado da Esfera. De Pedro Nunes. Analisando alguns poemas de Camões e certas passagens de Os Lusíadas, percebe-se que ele ainda utiliza expressões e pensamentos próprios de uma crença astrológica. Analisamos também algumas estâncias do Canto V, para comentar a descoberta da Constelação Austral do Cruzeiro do Sul pelos navegantes maravilhados e a constelação das ursos que era um verdadeiro farol a iluminar os caminhos dos navegantes. O céu era fundamental para a sobrevivência dos marinheiros e no céu eles viam muitos animais, homens e carroças. Mostra-se também que a Máquina do Mundo camoniana inspira dois poetas brasileiros a compor dois belos poemas visitando Camões e seu universo. Camões não só nos unifica a todos numa mesma língua que ele ajuda a consolidar, como também influencia nos nossos cantares, rimas, poesia e sensualidade lingüística. Na análise do episódio do Fogo de Santelmo em os Lusíadas, vemos como a crença e a Lenda do corpo santo é universal e chega até o Brasil nas mais diferentes formas e conteúdos antropológicos. Estudamos com detalhes alguns episódios pouco explorados dos Lusíadas e esperamos com isso tornar mais atraente esse livro que é fundamental para a nossa cultura geral e formação literária. Termino com os versos de Murilo Mendes. “A ti lavrador da Palavra. Teto e Pão da nossa língua”.

## Bibliografia

Barroso, Gustavo Ao Som da Viola RJ 1949.

Brandão, Juanito de Souza. Mitologia Grega - 4a ed., 1988.

Camões, Luis de Os Lusíadas Edição Nacional - Lisboa, Imprensa Nacional, 1928

----- Os Lusíadas Porto Editora Ltda,1975

Cascudo, Luís da Câmara Lendas Brasileiras Confraria de Bibliófilos RJ 1945

Freyre, Gilberto camões: Vocação de Antropólogo Moderno Conselho da Comunidade do Estado de SP 1984

Lafer, Celso. Borges e Camões: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mario de Andrade Vol.45 n.(1/4), 1984

Matos, Maria Vitalina Leal - Oceanos 13, 1995

Pedrayo, Ramón Otero. Camões Poeta do Mar. Grial 150 Revista Galega de Cultura Tomo XXXIX / 2001.

Pereira da Silva, Luciano Antônio. A Astronomia dos Lusíadas - Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915

Rogers, Francis. The Skies of Vasco da Gama: Planetarium Script as Epic Commentary . Revista Garcia de Orta”, edição comemorativa do IV centenário de Os Lusíadas, Lisboa, 1972, Junta de Investigações do Ultramar

SAA, Mário Memórias Astrológicas de Luis de Camões Ed. do Templo Lisboa 1979

Sacrobosco, Johannes. Tratado da Esfera. Unesp - Nova Stella SP, 1991.

# Euclidiana

Prof. Dr João da Mata Costa - UFRN

damata@ufrnet.br

## 1- **Lexicologia de Os Sertões**

**Os sertões de Euclides da Cunha é um livro único dentro da literatura brasileira. Pouco lido e muito citado. Um livro enciclopédia que exige paciência e bons dicionários para lê-lo. São vários os motivos que fazem o leitor ficar vário e desistir dessa tremenda aventura pelo Brasil real atravessando um longo e espesso cipoal. Cipoal feito de muitos termos técnicos e preciosismo de linguagem. É enorme o vocabulário de “Os Sertões” e felizmente alguns livros ajudam a penetrar nessa imensa selva de palavras e sabedoria do homem e da terra.**

**O Livro “Lexicologia de Os Sertões” escrito pelo médico e professor Manif Zacharias é um livro precioso pra quem deseja ler com vagar e proveito a um dos maiores livros da literatura Brasileira. Talvez o livro mais importante para compreender o Brasil profundo, como gosta de dizer o Suassuna. Um livro Barroco. Um livro de ciência e sociologia para além de grande literatura. Um grande poema escrito nas horas vagas por um grande estilista atormentado que mostrou o Brasil para os brasileiros. A chuva de balas que soterrou com Belo Monte continua a chover em nossas selvas de pedras e favelas.**

**A Lexicologia de Os Sertões, escrito por Manif é um cabedal de quase mil paginas que desanuvia pra nós o vocabulário técnico e lingüístico do grande escritor Euclides da Cunha. O combate entre o estado brasileiro e o povo ainda não acabou. Canudos – o lugar virou mar, mas o ideal de Antonio Conselheiro ainda persiste. “Parar é sublevar, medir é deformar”, escreveu Euclides numa geometria traçada com cipó e cadáveres de alguém que pensava diferente.**

## 2- ***A Primeira Biografia***

**A primeira biografia do escritor Euclides da Cunha dizem os livros foi “A Vida Dramática de Euclides da Cunha do escritor e biógrafo Elóy Pontes, publicada em 1938. Embora essa seja uma das mais completas biografia do autor de “ Os sertões”, sua primeira biografia não foi a do Eloy Pontes e, sim, a do escritor Lacerda Filho: Euclides da Cunha- sua vida e sua obra , A. União Editora, João Pessoa 1936. Portanto, dois anos antes da grande biografia do Eloy. A biografia do Lacerda Filho tem 164 paginas e inclui um ensaio Bibliográfico com os principais trabalhos sobre Euclides da Cunha até então publicados. Prefácio de Carlos Chiacchio, Bahia 1932. O que se observa que o livro foi escrito bem antes de sua publicação em 1936. Inicia falando do nascimento e vida do escritor, sua passagem por São Paulo e desligamento da Escola Militar, a publicação de Os Sertões em 1902, sua amizade com o barão do Rio Branco e vida nômade.**

A II parte do livro descreve a sua obra. O trabalho de Euclides sobre o poeta Castro Alves. A poesia D'Os Sertões: A luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a alma. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcareos... (sic). Em Os sertões o biógrafo analisa, ainda, o Estudo da Terra, o Regimen de Secas, A Flora dos Sertões, o Homem do “Os Sertões, o Euclides Antropológico que reconhece que o conselheiro foi apenas o excitante para a eclosão das terras adormidas. A multidão remodelava-o à sua imagem.

Em Retratos analisa a formação do povo que formou Canudos. Velhas beatas feitas para amansarem sátiros, ombreavam com donzelas ainda impúberes. O perfil do Sertanejo e suas mulheres; “ Grenhas maltratadas de creoulas retintas, cabelos corredios e duros, de caboclas, trunfas escandalosas de africanas...” . Um grande retratista como se observa na descrição acima. Depois o livro descreve a Guerra e seus temores.

Finaliza o belo e pioneiro livro do Lacerda, falando dos novos livros de Euclides: “Peru Versus Bolívia” , “Contrastes e Confrontos” e “ A margem da História”.

“... era tardo no escrever ... era torturado. Nas letras e na vida que sempre lhe o correu trabalhosa. Mas, seu grande livro, que conseguiu a atenção para o Brasil até então desconhecido, ficará nas letras pátrias a assinalar o início de uma grande escola que poderemos chamar nacionalista ( 1932). “

Um belo livro que honra o escritor e que merece ser lembrado no seu centenário de encantamento.

### *3- Euclides da Cunha e Luís da Câmara Cascudo*

A proclamação da república brasileira foi um dos momentos mais significativos da história do Brasil. O palco da Guerra de Canudos estava no centro dessa transição e deixou cicatrizes profundas no tecido de uma história social e política que está longe de ser compreendida na vastidão dos seus significados e desdobramentos.

A relevância do massacre de Canudos é tratada de forma desigual por diferentes historiadores ou observadores da cultura brasileira. Certamente que foi um acontecimento que merece destaque no campo da sociologia, etnografia, história, artes e cultura brasileira em geral. Ao escrever “Os Sertões”, o escritor e jornalista Euclides da Cunha colocava Canudos na história do Brasil e a figura do beato Antonio Conselheiro no coração e mente de todos aqueles que amam o seu país e história. Nos anais dessa história e no centro de uma polemica com diferentes matizes de simpatizantes ou não com os métodos de uma guerra sangrenta que dizimou milhares de brasileiros e quis apagar do mapa um importante contraforte e vasto território no semi-árido nordestino, interior do estado da Bahia.

O objetivo do presente artigo (resumido) é pensar, através da obra de Câmara Cascudo, como um grande estudioso da cultura brasileira se insere nos estudos e na compreensão de um importante episódio de uma história que completou um século em tempo recente.

No último número da revista “Bando” (ano X, Vol 5, 1959), destinada às comemorações no RN do 50º aniversário da morte de Euclides da Cunha, Cascudo escreve de forma breve sobre a passagem de poucas horas do autor de “ Os Sertões” em solo potiguar. De sua visita

ao centro da cidade alta e sua intenção de comprar um papagaio no cais de embarque para o Alagoas, do Loid Brasileiro.

Em o Dicionário do Folclore Brasileiro - uma de suas obras mais importantes, consultadas e referencias, o autor de “ Civilização e Cultura”, escreve um verbete muito sucinto sobre Conselheiro, A.

“Antonio Vicente Mendes Maciel, nascido em Quixeramobim, Ceará, em 1828, e falecido de disenteria no arraial de Canudos em setembro de 1897 (Euclides informa 22 de Agosto).... “O Ano de nascimento do Antonio é 1830, e é prosaica a forma como Cascudo trata a forma como morreu uma personagem central da história brasileira que resistiu por três vezes às forças armadas brasileira e, por ultimo, sucumbiu diante de um exercito de mais de dez mil homens fortemente armados e transportando pesada artilharia de canhões.

Continua Cascudo... “por motivos ignorados, tidos como desgostos domésticos, abandonara o Ceará, entregando-se a uma vida nômade, pregando moral rígida e severa...”

Cascudo, um historiador sério, devia saber mais detalhes sobre a vida do conselheiro e poderia ter enriquecido muito mais o seu verbete que será tomado como referencia por muitos estudiosos. Na época de Cascudo já havia os trabalhos de referencia sobre o Conselheiro, escritos pelo jornalista, escritor e historiador do Ceará; João Brígido: Homens e Factos, RJ, Besnard 1919.

João Brígido dos Santos ( 1829- 1921) era oriundo de Quixeramobim e atuou como jornalista no Ceará, publicando vários artigos sobre a história do Ceará que depois seriam coligidos em livro. História sobre os clãs “Maciéis” e “Araújos”. Conselheiro fazia parte do temível clã dos Maciéis e seu pai foi um comerciante, casou duas vezes e teve três filhas afora Antonio Conselheiro (em Walnice Nogueira Galvão. Império do Belo Monte, vida e morte de Canudos). Após a morte do pai. Antonio toma conta dos negócios e contrai matrimônio. Na família muitas mortes e venditas entre as famílias rivais. Helena, sua parente próxima, mandante de vários crimes, era considerada por Brígido como a “Nemesis da Família”. Com a derrocada dos negócios, Antonio vai embora da cidade, é preso, separa da mulher ( traição dela), e depois toma o rumo de uma vida nômade e se torna líder de uma grande comunidade em Belo Monte ( Bahia). A história depois será narrada de forma brilhante por Euclides da Cunha.

Canudo é considerado por Cascudo, “um centro de vivo interesse sociológico e folclórico”. A história mostrou que lê tinha razão. È cada vez maior o interesse sociológico e artístico sobre o arraial de Canudos e sobre um dos acontecimentos mais significativos na instituição da república no Brasil. Em sua obra, Câmara Cascudo mostra um certo fascínio pela monarquia e podia ter tratado com mais vagar e interesse a saga do bravo e destemido conselheiro. Se ele morreu de disenteria não tem importância diante de seu corpo morto estendido no chão após um taque de milhares de soldados e coronéis armados numa luta desigual. Canudos não foi só um sonho de um visionário e líder de uma comunidade altamente avançada. Líder de um povo para quem ele deu alguma esperança.

Canudos foi uma questão religiosa, depois passou a ser econômico-capitalista, depois política, escreveu José Calazans, nascido em 1915, e um dos seus maiores estudiosos.

O que Cascudo escreveu sobre o Conselheiro e sua saga é pouco diante da tremenda importância cultural, social e política do tema. Cascudo é referência e porta-voz de uma história sobre a qual ele tem muita responsabilidade ao narrar para a posteridade. Sei que o foco é uma questão pessoal, mas não se pode esconder o que salta e grita aos nossos olhos marejados e orgulhosos de pessoas que lutam por um ideal. Antonio Conselheiro é o meu Quixote Brasileiro.

#### 4- *Euclides da Cunha e a Revista “Bando”*

No centenário da morte de um dos maiores escritores em língua portuguesa lembro com alegria - e por que não dizer um certa inveja, daqueles bravos companheiros escritores, jornalistas, poetas, etc, que se reuniram numa semana euclidiana para saudar o grande escritor no cinquentenário de sua morte.

A “revista Bando” circulou no decênio 1949-1959 e foi um órgão do Grêmio Literário Euclides da Cunha. Em 1959, toda a intelectualidade potiguar se reuniu para saudar e glorificar o escritor Euclides da Cunha. Todos os órgãos de cultura, governo do estado do RN, universidade com o mesmo objetivo de trazer para o presente o grande legado do homem e escritor que conhecia e amava nossas terras como ninguém.

O último número da revista saiu em dezembro de 1959 e foi dedicada ao escritor de Cantagalo. Escreveram nessa revista os maiores intelectuais do Rio Grande do Norte: Cascudo, Raimundo Nonato, Américo de Oliveira Costa, M. Rodrigues de Melo, Veríssimo de Mello. Edgar Barbosa, Umberto Peregrino, Luis Pinto, Walfran Queiroz, Eulício Farias, Rômulo Wanderley, João Alves de Melo, Antídio de Azevedo, Jorge Fernandes, Luís Patriota, Livia Medeiros, Jaime Wanderley e Zila Memede.

O escritor, o jornalista, o poeta, O folclorista, o nacionalista, o filósofo? Todas as facetas desse homem múltiplo foram discutidas com muito entusiasmo e conhecimento. Uma glória para as nossas letras e um reconhecimento oportuno desse grande defensor e fazedor das nossas letras que ele grafou com fogo e estilo em dias e noites de muito labor e pouco gozo de um corpo superexcitado. Um anacoreta sombrio e destemido que lutou até o fim de uma operosa e sofrida vida. Covardemente assassinado. Será sempre lembrado como aquele que escreveu em brasileiro e para o mundo. Salve meu querido escritor que deixou gravado em letras de formas o nosso ideário e rastros da raça.

*PS. Em artigo posterior escrevo sobre o conteúdo da Revista Bando,*

*Ano X- Vol. V*

#### 5- **Euclides e o Deus e o Diabo do Glauber**

Um casal de sertanejos divididos entre a violência dos coronéis e o misticismo. O vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) se revolta contra a exploração imposta e leis do coronel Moraes (Milton Roda) e acaba matando-o numa briga. Foragido com sua esposa Rosa (Yoná Magalhães), eles procuram abrigo na religião do beato Sebastião (Lídio Silva), que promete o fim do sofrimento através do retorno a um catolicismo arcaico e ritual. O beato Sebastião mata uma criança e revolta Rosa que

mata o Beato. Eles serão perseguidos por Antonio das Mortes (Maurício do Valle), um matador de aluguel a serviço da Igreja, do estado e dos latifundiários da região: Aquele que cumpre a lei do governo e da bala. Antonio das Mortes extermina os seguidores do beato Sebastião e mata o cangaceiro Corisco (Othon Bastos). O casal Manuel e sua bela mulher Rosa fogem desesperadamente para o litoral.

A Obra prima de Glauber Rocha “ Deus e o diabo na terra do sol” (1963) é um dos maiores filmes da história do cinema. Uma sinfonia pastoral- mítico-rebelde. São varias as homenagens os Western e ao cinema épico do cineasta russo Eisenstein. No crime, a libertação. Pra levar: só o destino. Um sertão branco que dói. Um infinito de preces e lágrimas rochosas. Filmado em Monte Santos e Canudo é uma bela homenagem aos Sertões Euclidianos e Guimaraneses. O sebastianismo e messianismo de Pedra Bonita e de Canudos é o do beato Antonio Conselheiro e surge na fala do beato Sebastião. Tiraram D. Pedro II e querem impor a república.

“Se entrega Corisco, eu não me entrego não!...”, canta a bela trilha sonora composta pelo grande Sérgio Ricardo. “O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão”. Em cada rosto um universo. Um sensualismo pungente. No close entre Dadá (mulher de Corisco) e Rosa ( mulher de Manoel) um poema que só o mestre Glauber pode tirar das pedras e de um branco que continua a nos ofuscar e desorientar nesse mundão sertão conselheiro, selvagem e mítico.

## **6 - Veredicto em Canudos, uma leitura de Os Sertões por Sándor Márai**

O Livro “Veredicto em Canudos” escrito pelo húngaro Sándor Márai é um daqueles livros que não desejamos acabar de ler de tão belo. Sándor leu três vezes “Os Sertões” de Euclides da Cunha para escrever um livro de uma Canudos que não acabou com a morte do Conselheiro, mas que se perpetuou nas lutas dos estudantes de 68 em Paris , Estados Unidos, Itália e outros lugares eternamente.

Em pleno regime comunista o escritor deixa o seu país em 1948 para se exilar mesmo com medo da liberdade. Sempre escreveu na “Solidão do Idioma”. Leu “Os Sertões” na famosa tradução inglesa de Samuel Putnam. O Livro do Sandor foi traduzido para o português direto do húngaro por Paulo Schiller. “Soyez raisonable, demandez l´ impossible” era o lema dos estudantes como podia ser o do Conselheiro.

O original do livro em Húngaro é salpicado de palavras e frases curtas em português, diz o tradutor. Cabra, jagunço, caititu, conselheiro, caatinga, etc. Outras trazem a grafia errada: conselheiro, fazendeiro, sertaneio, etc Algumas outras não encontram equivalência em Húngaro, mas a tradução do Paulo é muito boa.

É com muita ironia que o autor Sándor escreve seu livro. O narrador é um ex-cabo do exercito, bibliotecário que fala Inglês. Três prisioneiros são resgatados,

entre eles uma mulher estrangeira cujo marido médico trabalhava em Canudos, deixando-a sozinha. Quando ela chega a Canudos o marido já é morto. A mulher pede para tomar um banho e se transforma numa interlocutora que deixa o Marechal Bittencourt desorientado ao saber que o Conselheiro pode está vivo. A cabeça degolada do conselheiro é mostrada para os prisioneiros. Um longo diálogo se trava entre a mulher e o Marechal. De que lado está barbárie? O Conselheiro e seu séquito de homens barbudos eram loucos? Milhares de meninos e mulheres mortos. Os corpos são queimados aos montes. Homens famintos a seguir um líder que não tinha medo. Estatísticas são mostradas para a grande imprensa. Foi a luta da civilização contra a barbárie. Uma luta desigual de homens com mosquetões e facões enfrentando canhões e um forte exercito por três vezes derrotados. A cabeça do Conselheiro sorri. Seu fantasma ainda assusta. Em canudos não havia suicidas. Em canudos viviam pessoas que eram felizes numa comunidade com os preceitos da igualdade. Canudos é o Brasil.

O major pede ao final que os três prisioneiros saiam e digam em voz alta: longa vida á liberdade. Todos mudos. E repete, digam: – longa vida á liberdade, igualdade e fraternidade.!... Grite, disse novamente pra o negro, o mestiço e a mulher.

O negro falou, mas antes olhou as trevas em que tinha se transformado Canudos: – “Cago montes para a República”. Nisso Sándor Márai encontrou uma bela analogia para o Arraial do Belo Monte. Um belo livro de um grande escritor. Recomendo a leitura

## 7 – *Euclides da Cunha e Patativa do Assaré*

Ele completaria cem anos em 2009. Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva) nasceu no dia 05 de Março de 1909, ano da morte de Euclides da Cunha. Poeta, compositor e improvisador de versos que denunciam e cantam as nossas mazelas e injustiças sociais. Esteve presente em todos os movimentos populares da recente história brasileira. Sua poesia fala dos contrastes entre os brasis.

Como Euclides da Cunha ele mostrou o Brasil para os Brasileiros e para o mundo. Como Antonio Conselheiro ele foi cearense e sentiu bem as intempéries da natureza. Muitos de seus poemas foram musicados. O poema “Triste Partida” musicado e cantado por Luiz Gonzaga é um pungente hino ao nordeste brasileiro. Um lamento na escassez inclemente da quadra chuvosa. Cante lá que eu canto cá, diz um dos seus poemas mais famosos. “Ave Poesia” é um belo documentário do Rosemberg Cariry em homenagem ao grande menestrel-cantor do nordeste Patativa do Assaré. Rosemberg é também um estudioso da poesia patativiana e escreveu o prefácio para o livro “Ispinho e fulo”, do Patativa. Cante lá que eu canto cá e Aqui tem coisa são outros livros escritos pelo maior poeta popular do Brasil. Um sábio das coisas do sertão recebeu vários títulos de Doutor Honoris Causa. Há uns dez anos ele veio a Natal e fiz questão de beijar a sua mão ressequida e tremula ao autografar

um dos seus livros que guardo como relíquia. É do livro “Ispinho e Fulô” o poema Antonio Conselheiro ( pp 16-19) que escolhi para homenagear os centenários desses dois grandes baluartes da cultura brasileira: O Beato conselheiro recebeu muitos poemas-homenagem, mas o poema de Patativa é o mais belo que conheço. Um poema que faz justiça ao grande homem que foi Antônio Vicente Mendes Maciel (Antonio Conselheiro). Da chacina que foi a guerra de Canudos. Canudos caiu no dia 05 de outubro de 1897, mas as injustiças sociais persistem e o seu ideal está presente em cada movimento que clama por justiça. Ele é o “que briga lá fora” da crônica machadiana, e está longe do fanático e bandido que muitos o pintaram. A miséria social ainda é um mal que nos assola, mas o mal maior é o que vem da ignorância.

Antônio Conselheiro / Patativa do Assaré

Cada um na vida tem  
O direito de julgar  
Como tenho o meu também  
Com razão quero falar  
Nestes meus versos singelos  
Mas de sentimentos belos  
Sobre um grande brasileiro  
Cearense meu conterrâneo,  
Líder sensato espontâneo,  
Nosso Antônio Conselheiro.

Este cearense nasceu  
Lá em Quixeramobim,  
Se eu sei como ele viveu  
Sei como foi o seu fim,  
Quando em Canudos chegou

Com amor organizou  
Um ambiente comum  
Sem enredos nem engodos,  
Ali era um por todos  
E eram todos por um.

Não pode ser justiceiro  
E nem verdadeiro é  
O que diz que o Conselheiro  
Enganava a boa fé,  
O Conselheiro queria  
Acabar com a anarquia  
Do grande contra o pequeno,  
Pregava no seu sermão  
Aquela mesma missão  
Que pregava o Nazareno.

Seguindo um caminho novo  
Mostrando a lei da verdade  
Incutia entre o seu povo  
Amor e fraternidade,  
Em favor do bem comum  
Ajudava a cada um,  
Foi trabalhador e ordeiro  
Derramando o seu suor,  
Foi ele o líder maior  
Do nordeste brasileiro.

Sem haver contrariedades  
Explicava muito bem  
Aquelas mesmas verdades  
Que o santo Evangelho tem,  
Pregava em sua missão  
Contra a feia exploração  
E assim, evangelizando,  
Com um progresso estupendo  
Canudos ia crescendo  
E a notícia se espalhando.

O pobrezinho agregado  
E o explorado parceiro  
Cada qual ia apressado  
Recorrer ao Conselheiro  
E o líder recebia  
Muita gente todo dia,  
Assim fazendo seus planos  
Na luta não fracassava  
Porque sabia que estava  
Com os direitos humanos.

Mediante a sua instrução  
Naquela sociedade  
Reinava paz e união  
Dentro do grau de igualdade,  
Com a palavra de Deus  
Ele conduzia os seus,

Era um movimento humano  
De feição socialista,  
Pois não era monarquista  
Nem era republicano.

Desta forma na Bahia  
Crescia a comunidade  
E ao mesmo tempo crescia  
Uma bonita cidade,  
Já Antônio Conselheiro  
Sonhava com o luzeiro  
Da aurora de nova vida,  
Era qual outro Moisés  
Conduzindo seus fiéis  
Para a terra prometida.

E assim bem acompanhado  
Os planos a resolver  
Foi mais tarde censurado  
Pelos donos do poder,  
O tacharam de fanático  
E um caso triste e dramático  
Se deu naquele local,  
O poder se revoltou  
E Canudos terminou  
Numa guerra social.

Da catástrofe sem par  
O Brasil já esta ciente,  
Não é preciso eu contar  
Pormenorizadamente  
Tudo quanto aconteceu,  
O que Canudos sofreu  
Nós guardamos na memória  
Aquela grande chacina,  
A grande carnificina  
Que entristece a nossa história.

Quem andar pela Bahia  
Chegando ao dito local  
Onde aconteceu um dia  
O drama triste e fatal,  
Parece ouvir os gemidos  
Entre os roucos estampidos  
E em benefício dos seus  
No momento derradeiro  
O nosso herói brasileiro  
Pedindo justiça a Deus.

## 8 - Viagem ao Sertão do Conselheiro

Daqui partimos em direção ao sertão do conselheiro. No mês que comemora a queda de Canudos, mais que uma viagem uma missão. Cinco tripulantes (João da Mata, D. Inácio Sena, Múcio Procópio, Abimael e Homero) em uma viagem pela caatinga e semi - árido nordestino. Com a certeza de que não é possível conhecer o sertão sem percorrer as suas glebas, estradas poeirentas e córregos secos, esperando a chuva chegar para poder novamente viver.

Nos pequenos povoados, as pessoas tão pouco acostumadas com o outro muitas vezes adentram a casa na chegada de algum transeunte. De outras voltas aparece toda a família e cachorros para saber do ocorrido. A gente é boa, simples e prestativa. O sertão já não é o mesmo do conselheiro. Antenas parabólicas, cisternas e iluminação rural fazem mais prazerosa a vida do nordestino.

Muitas estradas já foram asfaltadas. Pontes atravessam o Velho Chico. Ainda assim a terra é desolada. Só o aparecimento da quadra chuvosa para dar esperança ao homem do campo. Em outras terras e outras gentes, esse problema já foi resolvido em solos não menos áridos. A Califórnia e Israel já resolveram esse problema, mas o nordeste brasileiro foi esquecido em séculos e séculos amém. O sertão de beatos e cangaceiros reza e resiste. Desde 1988 são organizadas Romarias em Canudos - Bahia, para lembrar dos mortos, clamar por justiça social e melhores condições de vida. Nos dias 15, 16, 17 e 18 de outubro de 2009 acontece a 22ª Romaria de Canudos. A Canudos primitiva não existe mais. A 2ª foi alagada pelo açude Cocorobó, terminado de construir em 1969. A população de belo-monte formada de mais de 20 mil pessoas foi dizimada numa guerra que durou menos de um ano (1896/1897). A história foi coberta por uma lâmina d`agua numa gravata branca da república brasileira.

Antes de continuar a viagem pelo vale da morte e pelo monte santo um atalho na VII Bienal Internacional do Livro de Pernambuco para abastecer. Alusivo a Canudos/Euclides adquire os livros: Canudos - Visões e Revisões, do Oliveiros Litrento (Biblioteca do Exército Ed.). Uma história da Guerra de Canudos, do José Rivair e Mário Maestri, ed. Expressão Popular. E o Catálogo Euclides da Cunha, uma poética do espaço brasileiro, da Fundação Biblioteca Nacional.

Sobre os Sertões, o Conselheiro e o Messianismo no Nordeste existem centenas de livros e é preciso ler as mais diferentes versões. Ouvir os relatos de sobreviventes coevos. Ler as prédicas de Antonio Conselheiro, publicadas no livro Antônio Conselheiro e Canudos do Ataliba Nogueira, o que mostra que o beato Conselheiro escrevia bem e não era o monstro insano que muitos propagaram em discursos, livros, charges, artigos e preconceitos. Para o médico Nina Rodrigues, Antonio Maciel – O Conselheiro -seria um doente mental magalomaníaco. O sertanejo mestiço uma raça inferior.

*“A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável“força motriz da História”, que Ludwig Gumplowicz, (1838-1909), maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”. (Euclides da Cunha - Os Sertões).*

Euclides da Cunha namorou o positivismo, como muitos intelectuais brasileiros. A ciência brasileira nasce positivista. A idéia de uma raça inferior de

Euclides, emprestada de Gumplowicz, é uma falha grave no arcabouço antropológico edificado por Euclides. Euclides da Cunha escreveu um dos maiores livros da literatura brasileira e não fora o seu livro e artigos publicados em jornais, Canudos não teria tido o destaque que merece, na maior guerra civil do Brasil e que não pode ser esquecida por nenhum brasileiro.

È sempre um gozo ler Euclides. O Conselheiro – esse “grande homem pelo avesso”, é assim descrito no monumental *Os Sertões*:

“satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além. Era um servo jungido á tarefa dura; e lá se foi, caminho dos sertões bravios, largo tempo, arrastando a carcaça claudicante, arrebatado por aquela idéia fixa, mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para um objetivo fixo com finalidade irresistível.”

## 9 - *Viagem pelo Sertão II*

Na madrugada de um domingo de primavera (05 de outubro de 2009) saímos do recife em direção à Bahia, via Caruaru. Depois Tacaimbó, Belo Jardim, Sanharó, Pesqueira. Arco Verde e o entroncamento do nordeste. Um longo trecho pela famosa reta de Ibimirim (PE 180). Nenhuma alma viva e só alguns bodes criados em “fundo de pasto”. Na volta por essa estrada longa e perigosa, vemos dois motoqueiros sendo investigados e ameaçados por pistolas e rifles numa cena cinematográfica. Estamos em pânico e com medo de um tiro. A estrada está tomada por policiais e enquanto um policial revista os rapazes, uma mulher e um policial apontam as armas. Depois, Floresta, Belém de São Francisco (BR 316), e alívio!: Por ter atravessado a estrada e a ponte sobre o velho Chico, dando acesso rápido a uma das cidades importantes da saga de Antonio Conselheiro, Chorrochó.

## 10 - *Antônio Conselheiro.*

O beato Conselheiro nasceu no dia 13 de março de 1830, na cidade de Quixeramobim (CE). Estudou latim e francês, foi rábula e professor. Teve uma desilusão amorosa. Sua mulher fugiu com o sargento João da Mata. O Beato ainda teve um outro breve relacionamento com a santeira e mística Joana Imaginária. Depois saiu em peregrinação construindo igrejas e cemitérios. Faleceu em 22 de setembro de 1897, de caminheira (disenteria) ou de estilhaços de uma granada,

segundo outros. Antes, no dia 06 de setembro de 1897, já haviam derrubado as torres da igreja onde toda tarde às 06h Timotinho tocava o sino para lembrar da Hora do Ângelo, da hora de rezar, mesmo quando sobre a cidade chovia uma chuva de balas. Destruindo uma cidade e uma população formada de penitentes, mulheres, crianças e combatentes que por três vezes saíram vencedores contra exércitos de militares fortemente armados. A 4ª expedição sofreu sérias baixas e só não foi derrotada porque recebeu reforços. Liderou uma população de milhares de pessoas para quem ele deu alguma esperança e fé. A maioria dos padres não aceitava a sua liderança religiosa. Os fazendeiros perdiam trabalhadores para o arraial do belo monte. A república recém instalada temia pela volta da monarquia. Antonio criticava a república e o estopim (ou pretexto) do massacre foi uma madeira comprada e paga pelo Conselheiro para construir a Igreja Nova e não recebida. Ainda choro com as últimas palavras escritas pelo bom Conselheiro antes de morrer e depois ser exumado e decapitado pois não foram poucas as “gravatas vermelhas” e esviceramento aplicadas pelos soldados aos seguidores do conselheiro.

“É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma...,

Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida, que demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança desse peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da igreja.”

Chorrochó 04 de Outubro de 2009 .

Sob um sol de quase meio-dia chegamos à pequena cidade de Chorrochó. Qual não foi a nossa emoção de ver uma das igrejas construídas pelo peregrino Conselheiro. A igreja do Nosso Senhor do Bonfim foi construída em 1893 pelo peregrino Antônio Conselheiro, e no altar-mor está colocado uma bela imagem do senhor do Bonfim protegida por uma redoma de vidro e madeira entalhada. À direita uma imagem do Sagrado Coração de Jesus e, à esquerda, uma gruta com uma imagem de nossa Senhora de Lourdes. Na frente da igreja um belo cruzeiro encimado por uma base na forma de cuscuz. “Corria rio de leite e as barrancas eram de cuscuz”

Há algumas quadras da igreja fica o cemitério também mandado construir pelo conselheiro. São túmulos centenários Em um deles está enterrado Luiz Antonio do Nascimento. Num pequeno quarto está colocado ao chão um “caixão das almas”. Caixão comunitário utilizado por muitos que não tinham direito a essa regalia na terra, Os corpos eram sepultados sem o caixão enquanto suas almas subiam ao céu,

Almoçamos levando picada de muriçoca em uma residência - restaurante próximo da igreja. A dona do restaurante disse que o movimento na cidade

diminuiu muito com a construção da ponte sobre o Rio São Francisco. Progresso para alguns prejuízos para outros e assim caminha a vida nesse sertão de juazeiros e juremas. Partimos em direção a Bendegó, passando por Macureré. Bendegó foi um pequeno povoado iniciado pelo pesquisador José Aras, autor do importante livro “No sertão do Conselheiro”. No museu organizado por J. Aras existem muitas peças e armas coletadas em Canudos. Fazem parte de sua coleção os famosos livros “Horas Marianas” e a “Missão Abreviada”, pertencentes ao Antonio Conselheiro. Infelizmente só conhecemos esse museu em fotografias de livros.

## Bendegó

O mais importante meteorito encontrado no Brasil pesa mais de cinco toneladas e caiu no povoado de Bendegó, próximo ao santuário do Sertão, o Monte-Santo. O meteorito formado essencialmente de ferro e níquel foi encontrado acidentalmente pelo menino Bernadino da Motta Botelho, em 1784. Mais de um século após do achamento o meteorito foi transportado com muita dificuldade para o Rio de Janeiro, a pedido do imperador D. Pedro II. No local da queda foi colocado um marco que infelizmente não se encontra mais no local.

Tentamos achar o local onde caiu o famoso aerólito e depois de muito trafegar por estradas esburacadas e sem nenhuma sinalização fomos guiados por um motoqueiro que nos levou a um local onde existe uma grande cratera abaulada, diferente do meteorito que é achatado. No local onde supostamente caiu o meteorito coletamos algumas amostras para análise de sua mineralogia. As amostras parecem muito com aquelas que se encontram no Instituto Popular Memorial de Canudos, que diz pertencerem ao meteorito. Não sei, tenho dúvidas e preciso investigar melhor. A amostra que trouxe é altamente magnética e tudo indica ser uma magnetita. Pelo sim e pelo não andar naquela região erma já foi uma grande alegria.

Nas estradas, muitos cactos, umbuzeiros e umburanas. Aqui acolá um Ipê-Amarelo que colore o cinza de uma vegetação rala. São poucos os viventes. Os burros foram trocados pelas motos. Cai a tarde e é hora de irmos para a pousada Pôr-do-Sol e apreciarmos o crepúsculo através encostas abruptas das famosas serras Canabrava, Cocorobó e Passo de Cima. Serras que fazem parte do anfiteatro da guerra de Canudos. Estamos em pleno palco e as águas do Cocorobó são águas que jorram dos olhos que choram essa grande tragédia brasileira.

## Canudos

A estrada para Canudos é de barro. Não existe sinalização de rios-riachos, baixios e sítios-palco de uma história de bravura e heroísmo messiânico. Na pousada pôr-do-sol em Canudos-03 fico sabendo ficou hospedado o grupo do Zé Celso quando preparava a montagem da peça Os Sertões, baseado no livro de Euclides da Cunha. O local também serviu de alojamento para os engenheiros que trabalharam na construção do açude Cocorobó. Uma escultura em madeira estilizada do Conselheiro adorna os jardins da pousada. Pode se apreciar também no local uma peça de ferro que ao ser percutido servia para chamar os companheiros, em Canudos.

A noite um belo luar do sertão. De repente, quando estamos visitando a Nova Igreja Paroquial de Canudos apagam-se as luzes e a cidade ficou um breu. No céu está bem visível o cinturão de Órion. Ficamos sem saber se o Santo Antonio da Igreja é o mesmo que pertenceu ao conselheiro. Na frente da igreja uma bela pintura-mural retratando o Conselheiro seguido por uma mulher e um menino no colo, trabalhadores portando facões, enxadas, foices. As armas que eles usavam para combater os exércitos portando metralhadoras e canhões. Sob o céu de Canudos e sem luz elétrica jantamos. Hora de dormir. No dia seguinte visita aos museus e o parque estadual de Canudos.

Segunda feira - 05 de outubro de 2009

Em 05 de outubro de 1897 Canudos foi finalmente destruída. Milhares de mortos e escombros. Um cenário de destruição na mais sangrenta guerra do Brasil.

No Instituto Popular Memorial de Canudos organizado pela diocese de Canudos - em uma sala contígua, parte das madeiras que seriam utilizadas na construção da Igreja Nova e que deram origem às discórdias e foram pretextos para atacar os “jagunços” de Canudos. Essas madeiras junto com uma porta foram doadas depois de mais de um século do conflito.

No Instituto, algumas esculturas do conselheiro em madeira e quadros alusivos ao sertão. À venda os Almanques de Canudos e outras publicações e CDs. Numa estante fechada diversas publicações sobre Canudos, Euclides da Cunha e material coletado na região. Cascas de balas, projéteis, amostras do meteorito de Bendegó e objetos alusivos à guerra de Canudos.

## Memorial de Canudos

O memorial de Canudos está em reforma e não foi possível ver muita coisa. O funcionário gentilmente nos deixou visitar o belo jardim com a fauna e flora de região. No jardim bem projetado é possível apreciar o Alecrim do Campo, o Manjerição, a Catingueira, a Cunanã, Palmatória do Diabo, Macambira, Xique-Xique, Favela, Caroá. E a planta que deu origem ao nome da cidade, Canudos. Seus longos galhos com um estreito canal eram utilizados para fumar e chamado Canudos de Pito. No memorial também existem muitos vídeos sobre Canudos, mas não foi possível copiar ou comprar.

## Parque Estadual de Canudos

O parque estadual de Canudos (PEC) é visita obrigatória para quem deseja conhecer Canudos. Na entrada precisa se identificar e ao final da visita deixar as impressões sobre o que viu. As minhas foram as mais fortes possíveis. Devido à grande extensão do local precisa andar de carro sobre um sol escaldante. É grande a sensação de torpor ao passarmos pelo vale da morte, onde os militares lançavam os mortos da guerra. Também é possível ver algumas trincheiras rasas utilizadas pelos conselheiristas. Numa área de 18 Km<sup>2</sup> existem alguns dos principais pontos utilizados durante a guerra. O Vale da Degola, onde os militares praticavam a degola, ou a terrível gravata vermelha. O Hospital de sangue. No alto do Mário morreu o temido coronel da 3ª expedição derrotada, Antônio Moreira César (1850-1897), o “corta cabeças”. No local também existe um buraco tampado com a ossatura de alguns mortos.

## Uauá

Estivemos na bela cidade de Uauá. A casa onde se hospedaram os oficiais da expedição Pires Ferreira - a primeira expedição contra Canudos, foi destruída e em seu lugar só existe o terreno onde será construído um prédio comercial.

Vizinho à casa está localizado o Colégio Estadual Nossa Senhora Auxiliadora. Quando das fundações da construção do colégio foram encontrados ossos dos conselheiristas e soldados que combateram no local. Os ossos foram deixados, segundo fomos informados pelas professoras do colégio, onde fomos muito bem recebidos. A simpática professora de história conhece bem da Guerra de Canudos e nos forneceu informações preciosas e alentadoras de que nem tudo está esquecido.

A professora e o seu marido (músico) cumprem bem o seu papel na divulgação de uma história em que sua cidade participou de forma decisiva.

Os conselheiristas foram buscar a madeira não entregue. Em procissão portando a bandeira do divino, uma cruz e cantando hinos. O juiz Arlindo Leone havia mandado vários telegramas ao governador Luís Viana, dizendo do perigo da invasão da cidade pelo “perverso Antonio Conselheiro reunindo bandidos”. Na cidade de Uauá teve o primeiro confronto entre conselheiristas liderado pelo bravo João Abade e militares. Depois do confronto, a expedição militar retorna para Juazeiro (BA) com um saldo de 10 mortos (entre militares e guias) e muitos conselheiristas assassinados.

## Monte Santo – O Santuário do Sertão

No último dia de nossa viagem (06/10/2009) acordamos às 04h da madrugada e saímos em direção ao Monte Santo, um dos pontos mais conhecidos e famosos da saga conselheirista. Monte Santo fica situado a 39 Km da cidade de Euclides da Cunha (Cumbe), antiga mata das preguiças.

O beato Conselheiro esteve nas terras de monte santo e subiu a antiga serra de Piquaraçá. O nome de Monte Santo foi dado pelo frei capuchinho Apolônio de Todi. As muralhas de pedras na subida do monte-santo até a primeira capela são obras do conselheiro. Subo no célebre monte-santo, palco de tantas romarias, filmes e peregrinações, na companhia do amigo Abimael calçando sandálias tipo havaianas.

Nas mais de vinte capelinhas da via sacra ao longo da íngreme e escarpada subida de pedras irregulares, muitas velas acesas, um preto velho, santos e outras oferendas. Na subida também são encontrados muitos ex-votos em fotografias. Paramos poucas vezes na subida de mais de 800m de altura e numa extensão de aproximadamente 2 Km. Em 50 minutos subimos o Monte Santo tantas vezes visto e sonhado. Pagamos a promessa. No topo do monte a igreja de Santa Cruz, começada a construir no século XVIII. A primeira capela da subida é dedicada às almas. Em seguida as capelas de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos, como partes da via sacra, lembrando o Calvário de Jerusalém.

Famílias inteiras subindo. Rapazes portando caixas de pistolas para soltar lá em cima. Um rapaz estranho e taciturno. Todos cumprem o trajeto sagrado.

Na praça Mons. Berenguer em Monte Santo tem uma escultura do Conselheiro, um busto do Marechal Bittencourt e sua barbicha e a carcaça da famosa metralhadora, réplica da Withworth 32 – a Matadeira.

## Queimadas - A Última Cidade da Viagem

A cidade de Queimadas é uma outra cidade importante na história de Canudos. Na estação de trem de Queimadas chegavam os soldados que iam lutar em Canudos. Atualmente a estação está desativada e o mato cobre os trilhos ainda em bom estado. Não tivemos informação dos moradores sobre Canudos.

De Queimadas saiu a 1ª expedição chefiada por Manoel da Silva Pires Ferreira, em direção a Juazeiro e depois Canudos.

Em Queimadas também desembarcou a 1ª coluna chefiada pelo Gal João da Silva Barbosa e parte da chamada 4ª expedição chefiada por Artur Oscar de Andrade Guimarães, seguindo por Monte Santo e Caldeirão em direção a Canudos. A outra coluna que formaria a 4ª expedição saiu da cidade de Aracaju, via S, Cristóvão, Itaporanga d' Ajuda, Riacho Izabel, Lagarto e Simão Dias, em Sergipe. Chegando à Bahia em Vila do Coité (hoje Paripiranga), daí Cícero Dantas, Jeremoabo e Cocorobó, onde acontece o combate em socorro do Artur Oscar e João Silva Barbosa, no morro da Favela. Foi essa expedição que salvou Artur Costa de mais uma derrota pelos conselheiristas e venceu a guerra numa luta desigual em uma das maiores tragédias civis do Brasil, com um saldo de mais de 20 mil mortos e aproximadamente cinco mil casas destruídas.

## O Vaza - Barris

No caminho de volta atravessamos o legendário rio Vaza- Barris. Rio de um traçado irregular e fonte de vida. Rio que também transportou a morte de muitos sertanejos mortos por uma guerra insana. Ali uma corredeira, um Canyon formado pelas intempéries, uma garganta ou só um filete. São muitos os afluentes secos que só ganham vida na quadra envernosa. Ai novamente a vida, o alimento e a sede aplacada por uma terra árida e seca num sol inclemente que espera e reza pela chuva. Tem razão Euclides da Cunha, o sertanejo é um forte.

Visitar Canudos é uma obrigação para todo brasileiro. É um ato de conhecimento histórico, psíquico e humanitário. Ninguém conhece esse sertão sem adentrar em suas matas selvagens de velames e calumbis. De juazeiros e juremas. De mim e de você. Bela viagem. Até a próxima!

A literatura de cordel esteve, inicialmente, ligada a romances de cavalarias, histórias de amor e narrativas heróicas de guerras para depois contemplar fatos da história do Brasil e do mundo em suas narrativas e enredos. Um dos acontecimentos históricos mais importantes do Brasil foi a Guerra de Canudos e a saga mística, messiânica e heróica do Antonio Conselheiro. Uma história com todos os ingredientes para um bom romance de cordel. Nessas histórias quase sempre o bem luta contra o mal e na história do beato conselheiro não foi diferente. A luta da civilização contra a barbárie. Um dos primeiros assuntos da história oficial tratado pelo cordel foi a história do Conselheiro de Belo Monte. O soldado-poeta João Melchiades Ferreira da Silva foi pioneiro na transposição para o cordel de um assunto histórico. O conselheiro representa o mal que vai ser combatido pelo bem: o governo e os militares. As três primeiras expedições, derrotadas pelos insurgentes amotinados em Belo Monte, são assim cordelizadas pelo vate João Melchiades, após deixar as armas;

Ergueu-se contra a República

O bandido mais cruel

Iludindo um grande povo

Com a doutrina infiel

Seu nome era Antonio

Vicente Mendes Maciel

[...]

Para iludir o povo

Ignorante do sertão

Inventou fazer milagre

Dizia em seu sermão

Que virava água em leite

Convertia as pedras em pão

Como se vê, o poeta-soldado carrega nas cores para fantasiar o conselheiro com as marcas da crueldade, qual um criminoso e cangaceiro que iludia o povo humilde, Versão muito corrente que dizia serem os acompanhantes do devoto conselheiro formado de carniceiros, desertores e jagunços que precisavam ser dizimados da face da terra para que o bem prosperasse,

Os homens mais perversos  
De instinto desordeiro  
Desertor, ladrão da cavalo  
Criminoso e feiticeiro  
Vieram engrossar as tropas.  
Do fanático Conselheiro

O soldado-poeta sonha tomando acento nas tropas que combatem o conselheiro, para acordar entusiasmado com os seus feitos,

Terminei duas revoltas  
Mais fiquei aposentado  
Me lembro do tempo velho  
Do serviço de soldado  
Quando sonho com a guerra  
Acordo entusiasmado.

Muitos foram os poetas e artistas populares ou não que se deixaram impregnar pela saga de Canudos para tecer seus versos, filmes, canções e pinturas. Um belo poema em 12 cantos em verso alexandrino foi composto pelo poeta Pachoal Villaboim Filho. Dessa vez enaltecendo os feitos do beato Conselheiro e de inspiração não com ás Tágides, de Camões, nem bebendo na fonte de Hipocrene, de Homero, mas na “cacimba imensa de Os Sertões” (Pórtico). Com suas secas atrozes em meio ao cardo e xique-xique:

### Canto Primeiro

Foi no adusto sertão, nas terras torturadas  
Pelo hárprio, apocalítico, espectral flagelo  
das secas do nordeste e de hórridas queimadas.  
de um sol que o solo escalda e exsica e esturra e empedra,  
onde só vinga o cardo e o xique-xique medra  
e toldam-se os vergéis de um serroso amarelo,  
que, errante, a tropegar, qual proscrito judeu,

Antonio Conselheiro, um dia, apareceu...

.....

Epílogo

Canudos ficou só. Um silêncio profundo.

[...]

A História de guerrilha do conselheiro, sua vida e traição por uma mulher foi narrada magistralmente pelo poeta cordelista contemporâneo Apolônio Alves dos Santos, influenciado pela televisão e seu juízo de valor que finaliza por achar que com a morte do Conselheiro foi debelado um flagelo do nordeste;

Vamos ouvir a história  
de Antonio Conselheiro  
que apesar de beato  
temente a Deus verdadeiro  
em defesa de Canudos  
se tornou um guerrilheiro

A traição que o tornou peregrino e beato;

Porque ele se casou  
Com uma linda deidade  
bonita como uma santa  
do altar da divindade  
a qual foi vítima inocente  
duma cruel falsidade

A Morte do Conselheiro, após a quarta ofensiva militar:

Dessa vez também morreu  
o Antonio Conselheiro  
que viveu com seus jagunços  
implantando o desespero  
findou-se aquele flagelo  
do nordeste Brasileiro

A TV Globo mostrou  
esta cena do passado  
e eu em casa assisti  
o fato dramatizado  
e apresento também  
no meu verso improvisado

### Conclusão

Poetas de hoje e de ontem continuam a tecer versos inspirados na trágica história do Conselheiro que um dia instituiu um modo diferente de convivência entre os homens. Louco ou não discutem alguns. Na maioria das vezes a sua figura é traçada caricaturalmente como um insano que representa um mal que precisa ser debelado. Um louco famélico com sua bata azul a combater as forças do bem e do progresso representada pela recém instituída republica brasileira. Entre verdades e mentiras muito ainda precisa ser estudado e dito sobre Antonio Conselheiro. Nos versos do poeta uma ideologia que pode ser a do vencedor, A da televisão Globo. Ou a da história oficial que muitas vezes, mente. Euclides da Cunha reinventou o Brasil com Os Sertões. Mostrou o Brasil para os brasileiros utilizando todos os recursos da língua. E o retrato de Antonio Conselheiro está a ser re- inventado a cada verso e traço do poeta. Muitas fotos do conselheiro são borradas. Fatos são distorcidos. Canudos, o arraial acabou e virou mar, mas o mito do Conselheiro será eterno a inspirar os poetas e artistas.

### Bibliografia

Curran, Mark História do Brasil em Cordel Edusp 1998  
Villaboim Filho, Pachcoal Canudos RJ 1999  
João da Mata Costa

## Euclides 100 + Veredicto em Canudos

João da Mata

Para Chico Guedes

O Livro “Veredicto em Canudos” escrito pelo húngaro Sándor Márai é um daqueles livros que não desejamos acabar de ler de tão belo. Sándor leu três vezes “Os Sertões” de Euclides da Cunha para escrever um livro de uma Canudos que não acabou com a morte do Conselheiro, mas que se perpetuou nas lutas dos estudantes de 68 em Paris , Estados Unidos, Itália e outros lugares eternamente.

Em pleno regime comunista o escritor deixa o seu país em 1948 para se exilar mesmo com medo da liberdade. Sempre escreveu na “Solidão do Idioma”. Leu “Os Sertões” na famosa tradução inglesa de Samuel Putnam. O Livro do Sandor foi traduzido para o português direto do húngaro por Paulo Schiller. “Soyez raisonable, demandez l’impossible” era o lema dos estudantes como podia ser o do Conselheiro.

O original do livro em Húngaro é salpicado de palavras e frases curtas em português, diz o tradutor. Cabra, jagunço, caititu, conselheiro, caatinga, etc. Outras trazem a grafia errada: conselheiro, fazendeiro, sertaneio, etc Algumas outras não encontram equivalência em Húngaro, mas a tradução do Paulo é muito boa.

È com muita ironia que o autor Sándor escreve seu livro. O narrador é um ex-cabo do exercito, bibliotecário que fala Inglês. Três prisioneiros são resgatados, entre eles uma mulher estrangeira cujo marido médico trabalhava em Canudos, deixando-a sozinha. Quando ela chega a Canudos o marido já é morto. A mulher pede para tomar um banho e se transforma numa interlocutora que deixa o Marechal Bittencourt desorientado ao saber que o Conselheiro pode está vivo. A cabeça degolada do conselheiro é mostrada para os prisioneiros. Um longo diálogo se trava entre a mulher e o Marechal. De que lado está barbárie? O Conselheiro e seu séquito de homens barbudos eram loucos? Milhares de meninos e mulheres mortos. Os corpos são queimados aos montes. Homens famintos a seguir um líder que não tinha medo. Estatísticas são mostradas para a grande imprensa. Foi a luta da civilização contra a barbárie. Uma luta desigual de homens com mosquetões e facões enfrentando canhões e um forte exercito por três vezes derrotados. A cabeça do Conselheiro sorri. Seu fantasma ainda assusta. Em canudos não havia suicidas. Em canudos viviam pessoas que eram felizes numa comunidade com os preceitos da igualdade. Canudos é o Brasil.

O major pede ao final que os três prisioneiros saiam e digam em voz alta: longa vida á liberdade. Todos mudos. E repete, digam: – longa vida á liberdade, igualdade e fraternidade.!... Grite, disse novamente pra o negro, o mestiço e a mulher.

O negro falou, mas antes olhou as trevas em que tinha se transformado Canudos: – “Cago montes para a República”. Nisso Sándor Márai encontrou uma bela analogia para o Arraial do Belo Monte. Um belo livro de um grande escritor. Recomendo a leitura

# MACHADIANAS

Prof. Dr João da Mata Costa - UFRN

damata@ufrnet.br

O centenário do escritor Machado de Assis foi celebrado em todo o Brasil com a reedição de sua obra, biografias, debates e novos estudos. A fortuna crítica do nosso maior escritor não pára de crescer. Machado é quase uma unanimidade nacional. Digo quase, pois nem sempre a crítica lhe foi favorável. Nesse ensaio lembramos de algumas dessas críticas. Comentamos também da influencia de Cervantes na obra machadiana e a gralha tipográfica nas edições das poesias completas de Machado pela editora francesa Garnier, em 1902.

Apesar de algumas críticas, ninguém ousa questionar o escritor de gênio que o tempo só faz consagrar. As efemérides literárias, felizmente, nos proporcionam essa revisão e releitura. Bom que conheçamos as críticas favoráveis e desfavoráveis, para saber que a literatura é feita por gente e para gente. E que a crítica é necessária, mesmo que muitas vezes falha. Os apologistas muitas vezes fazem uso de uma pena banhada no fel das vicissitudes de uma época, de um capricho, de uma estética ou da incompreensão própria do humano.

Sílvio Romero (1851-1914) – Um crítico hidrófobo

O escritor e crítico literário sergipano Sílvio Romero foi um dos maiores escritores brasileiros da belle époque brasileira. A vida literária era, para Romero, uma eterna arena. Em sua época era muito comum as polemicas acirradas. Em 1909, encerrou uma polemica de três anos com o também crítico José Veríssimo. Atacou Castro Alves e Valentim Magalhães, quando da posse de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras.

Silvio foi um grande pesquisador do folclore e da literatura popular. Diga aí, Cascudo! Pioneiro em reconhecer a mestiçagem como elemento importante na formação da identidade nacional. Foi mais um crítico cultural, que literário. Como crítico literário se equivocou muitas vezes. Penso, e o Antonio Candido concorda, que a maior importância de Romero está na Historiografia Literária. Grandes contribuições ele deu nesse campo. Grande foi o resgate e sistematização que ele deu para a História da Literatura. Como crítico e polemista contumaz, se equivocou. Seus pressupostos raciais para a formação da literatura não se sustentam.

Em sua monografia “ Machado de Assis (1897)”, o crítico ataca o escritor Machado de Assis e comete, na nossa opinião, um erro grosso e uma grande injustiça. No centenário de Machado de Assis - o nosso maior escritor, lembramos esse fato, para mostrar como o grande crítico literário Romero pode se equivocar de forma tão hidrofóbica com relação a um escritor que as gerações futuras só têm consagrado:

Para Sílvio Romero, Machado, com seu “pessimismo de pacotilha” e seu “humorismo de almanaque”, não traria nada de novo para a literatura brasileira e nem contribuiria para a sua linha evolutiva. Seu conterrâneo Tobias Barreto é superior a Machado. Continua vociferando o crítico sergipano: “A terra da poesia é a nossa Alemanha”, escreveu Machado, embora sem

chegar nunca aos extremos tudescos de um Tobias, para não lembrar os menos exaltados Capistrano e João Ribeiro ( Grieco A. 1959 Machado de ASSIS). Parece que foi para Romero que Machado escreveu: “ Ninguém sabe o que sou quando rumino”

“ Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão de um eterno tartamudear. Esse vezo é o resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra.”

“ Em prosa falada ou escrita, no estilo fluente, imaginoso, poético, e no gracioso e humorístico, Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto; é-lhe sempre inferior.”

Agrippino Grieco

Agrippino Grieco foi um dos maiores crítico literário brasileiro da primeira metade do século passado. Escreveu dois livros de duras críticas a Machado. Machado de Assis (1959) e Viagem em torno de Machado de Assis (1969). Nesses livros, Grieco crítica violentamente a poesia de Machado. Diz que seus contos não chegam à preeminência do romancista. Analisa minuciosamente as possíveis influências machadianas e - até mesmo, plágios. Não bastasse todo esse ataque o mordaz crítico de “ Carcaças Gloriosas” ainda faz uma compilação de todas as críticas desabonadoras ao grande escritor. O que mostra como até mesmo um grande crítico pode se equivocar. Muitos desses erros foram apontados pelo Augusto Meyer (Textos críticos, Editora Perspectiva, 1982).

Algumas críticas citadas por Grieco:

Mário de Andrade

“ Uma natureza sem generosidade”

Augusto Meyer

“Obra monótona e desfigurada pelo vício da acrobacia humorística superficial”

José Veríssimo

O pudor do poeta às vezes era quase “ pusilanimidade espiritual”

Medeiros e Albuquerque

“ Romances para romancistas, literatura para literatos”

Corrêa Pinto,

Em uma plaquete de 1958 – “Machado de Assis”, diz que nenhum de seus biógrafos e críticos o entendeu.

Analisando as críticas a Machado acima referidas, só podemos dizer – nós machadóltras - que eles se enganaram. Machado é eterno. O tempo só confirma a sua genialidade de criador de tipos inesquecíveis. De uma prosa e verve primorosa. Um estilista da língua portuguesa.

### **Machado de Assis – Um Leitor de Cervantes**

A recepção da obra de Cervantes no Brasil não pára de crescer. Muitos poetas, músicos e escritores foram seduzidos pelo humor e aventuras do cavaleiro da triste figura. A influencia de Cervantes se dá tanto na cultura popular quanto na cultura dita erudita. A primeira referencia explicita ao Dom Quixote de Cervantes no Brasil encontra-se na obra do poeta satírico Gregório de Matos, do século XVII.

Os livros de cavalaria povoaram a imaginação e os sonhos de muitos escritores brasileiros: José Lins do Rego, José de Alencar, Machado de Assis e outros. Já na juventude do nosso maior escritor - que esse ano está completando 100 anos com muitas festas literárias, reedições de sua obra, novos estudos e exercícios de re-escrituras de alguns de seus magníficos contos por vários escritores; Machado exaltava o D. Quixote como um passatempo agradável. Em um poema de 1856, ele escreve;

Cognac inspirador de ledos sonhos,

Excitante licor do amor ardente,

Uma tua garrafa e o Dom Quixote

É passatempo amável.

São muitos os paralelos e alusões a Cervantes na obra Machadiana. Dom Quixote tem no Sancho Pança o seu fiel escudeiro. Sancho adere pouco a pouco ao mundo de aventuras da cavalaria andante. Em Quincas Borba, do Machados de Assis, o protagonista cria uma filosofia “ O Humanitismo” e tem na personagem de Rubião um discípulo e continuador de sua obra filosófica. Os ideais da cavalaria são nobres e o D. Quixote luta contra as injustiças do mundo, lutando contras os gigantes personificados nos moinhos de ventos, salvando as frágeis donzelas raptadas, etc.

Nobre, também, é o Humanismo de Brás Cubas que igualam fracos e fortes. Em todos os seres humanos prevalecerá uma forma superior de vida que é o “Humanitas”.

- E que Humanitas é esse?

- Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra cousa (cap. VI).

Aos poucos Rubião vai entendendo a filosofia do Humanitas, assim como Sancho vai entrando no mundo de fantasia e verdade de seu amo Quixote. É através do dialogo que o Quixote transmite a Sancho os valores da cavalaria andante. Assim como Brás Cubas transmite a Rubião os preceitos da Humanitas.

Vês este livro? É D. Quixote. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.

No século XIX só uma pequena parte da população brasileira cultivava a literatura. Impressiona a cultura de Machado de Assis. Impressiona a grande literatura que ele conseguiu produzir num ambiente inculto e pobre. Na biblioteca do Bruxo de Cosme Velho existia um exemplar em francês do Dom Quixote de la Mancha, e um outro exemplar das Novelas Exemplares de Cervantes. Machado é, com certeza, um grande leitor dos escritores Ingleses e Franceses. Sterne, Fielding, Montaigne e Voltaire estão entre seus escritores preferidos. O grande escritor mexicano Carlos Fuentes é um assíduo e recorrente leitor de Cervantes. Fuentes observa que Machado de Assis foi o único escritor da América Latina - no séc. XIX, a seguir os passos do escritor Miguel de Cervantes. Isso se explica pela hispanofobia dos movimentos de independência dessa região.

O escritor é um sujeito crítico do seu tempo. Dom Quixote e Brás Cubas são personagens que espelham verdades históricas. A literatura e arte refletem a sociedade e costumes de uma determinada época. Cervantes é um escritor típico do renascimento e do grande século de ouro espanhol. Sua literatura continua exercendo uma grande influencia na literatura e arte brasileira. A compreensão e estudo dessa literatura ajudam nos estudos da gênese e intertextualidade da nossa literatura, que tem em Machado de Assis um dos seus principais artífices.

## **UMA GRALHA NA VIDA DO MACHADO**

O livro é uma das maiores invenções da humanidade. Com uma história de mais de meio milênio. No Brasil, ele completa 200 anos. O livro é fonte de sabedoria e prazer. Muitos o colecionam e fazem do livro um verdadeiro objeto do desejo e da cobiça. São várias as razões que fazem um livro se tornar raro. Uma edição limitada, ilustrada, esgotada, antiga ou com alguma particularidade na sua edição, encadernação e conteúdo. Alguns erros de português, de digitação ou gralha tipográfica podem arruinar um livro e fazer a ruína emocional e profissional de algum escritor. Muitos livros foram renegados e destruídos depois de descoberta algumas dessas falhas.

Na vida literária do nosso maior escritor aconteceu uma dessas fatalidades que muito o magoou. A edição das poesias completas do Machado de Assis, pela editora Garnier em 1902,

saiu com uma gralha tipográfica que obrigou Machado a recolher todos os livros e corrigir o pequeno erro com a mão. Alguns livros não conseguiram ser recolhidos e ficaram com o erro fatal para o grande artífice da língua portuguesa.

No belo prefácio à edição de suas poesias completas, Machado escreve:

### *Advertência*

Podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andavam esparsos; mas, a verdade anterior é que era minha intenção dal-os um dia. Ao cuidar disto agora achei que seria melhor ligar o novo livro aos três publicados Crisálidas, Phalenas, Americanas. Chamo ao último Occidentaes.

Não direi de uns e de outros versos senão que os fiz com amor, e dos primeiros que os reli. Supprimo da primeira série algumas páginas; as restantes bastam para notar a differença de idade e de composição. Suprimo também o prefácio de Caetano Filgueiras, que referiu as nossas reuniões diárias, quando já elle era advogado e casado, e nós outros apenas moços e adolescentes, menino chama-me elle. Todos se foram para a morte, ainda na flor da idade, e, excepto o nome de Casimiro de Abreu, nenhum se salvou.

Não deixo esse prefácio, porque a affeição de meu defunto amigo a tal extremo lhe cegara o juízo que não viria a ponto reproduzir aqui aquella saudação inicial. A recordação só teria valor para mim. Baste aos curiosos o encontro causal das datas, a daquelle, 22 de julho de 1864, e a deste.

Rio, 22 de Julho de 1900.

Em 1864, Machado estava com 25 anos, e recebeu 150 réis por exemplar de Crisálidas. No exemplar de 1902 de suas poesias completas foram deixadas de fora várias poesias de sua edição de 1864 das Crisálidas. Reproduzimos o famoso prefácio com a grafia da época para que o leitor aprecie o sabor e grafia do português escoreito machadiano.

Tudo estaria bem nesse prefácio não tivesse sido trocado o “e” por um “ã”. Em vez de cegara o juízo, foi impresso “cagara o juízo”. Na nossa biblioteca tem um desses exemplares corrigidos à mão pelo próprio Machado de Assis. Não precisa dizer que esse é um livro precioso e raro. Um livro que orgulha a nossa biblioteca. Tudo isso faz do livro um objeto único e insubstituível. Um objeto do desejo de qualquer bibliófilo e amante de uma edição príncipes, uma tipografia, um tipo particular ou uma gralha.

Saudações machadianas.

# A fragilidade dos laços na criança do mundo contemporâneo

Rosângela Trajano

Não quero mais ser o seu amigo. E o menino vai embora. E o menino, de repente, esquece do amiguinho que ia à sua casa brincar de trenzinho todos os dias. Parte-se para novas amizades, esquecido está o amiguinho de outrora. Investe-se em outras diversões como tablets e celulares. Não há mais espaço para o amiguinho.

A fragilidade dos laços na criança do mundo contemporâneo tem crescido nos últimos anos, igual a fragilidade dos laços no mundo dos adultos. As crianças não ficam mais presas a um amigo, animal ou brinquedo. Tudo é trocado por objetos tecnológicos de última geração. Não sente a criança mais tanta falta da brincadeira na praça, na rua, no campinho de futebol. Tudo passou rápido. Quem viveu essa época sabe do que falo. Era muito bom brincar de esconde-esconde no meio da rua com a iluminação da lua.

A criança não tem mais apego às suas coisas, aos seus animais e aos seus amiguinhos. Tudo é descartável, tudo é líquido, como dizia o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. O grande tempo que as crianças ficam longe dos pais não causam mais tanto sofrimento, elas se distraem com os aparelhos celulares cheios de aplicativos de jogos e redes sociais. Outro dia eu estava numa clínica e vi por duas horas uma criança brincando com o celular enquanto ao seu lado eu lia um livro pouco sem graça, talvez. As nossas crianças já não amam mais seus brinquedos como antigamente, e permitem que esses sejam abandonados ou doados sem o menor sentimento de emoção. As crianças vivem o amor líquido.

Na minha rua tem muitas crianças que brincam nas ruas, que correm ladeiras, que pulam amarelinha e que se jogam no meio de um dia de chuva, mas também percebi nesses meninos e meninas que a fragilidade dos seus laços de amizade tem crescido, pois esquecem uns dos outros rapidamente quando chega um amiguinho novo na rua ou quando chega alguma novidade no bairro o outro é deixado de lado, esquecido, abandonado. Tudo é descartável. Tudo passa rápido pela infância. As crianças não têm mais tantos amigos, como antigamente. No máximo se tem um amiguinho. E esse só é visto nos fins de semana, nos passeios nos shopping centers, nos parques de diversões ou na escola. Não quero dizer que as crianças estão deixando de amar, não é isso. Estou querendo alertar pais e professores para o problema da fragilidade dos sentimentos das nossas crianças presas ao mundo da tecnologia e da inovação. O que é novo sempre nos chama a atenção, ficamos curiosos e admirados com a presença do novo nas nossas vidas, diante disso esquecemos o passado, com quem estávamos antes, com quem brincávamos ontem, esquecemos dos nossos amiguinhos.

Precisamos alimentar os sentimentos das crianças com afeto, com laços duradouros e fortes, com amizades que perdurem pela vida inteira, que se apeguem aos seus brinquedos e por eles tenham amor, que se apeguem aos seus objetos escolares e cuidem deles com dedicação e carinho. As crianças costumam imitar os adultos, por isso faz-se necessário uma família onde os laços de emoção e afeto sejam bem aceitos e que a criança possa se espelhar na sua família para construir os seus sentimentos de afeição pelo outro. Tenho medo de que as nossas crianças deixem de amar e aprendam a sentir pequenos e passageiros afetos.

É necessário cultivar na criança os laços duradouros de afeto por tudo o que a cerca. Aprender a cuidar e conservar as suas coisas, a respeitar os seus amigos, a cuidar de si mesmo, e a cuidar do ambiente em que vive. A todo instante nossas crianças são convidadas a trocarem de super heróis, a trocarem de roupas, a trocarem de brinquedos e de animais. A velocidade com que a mídia chega aos nossos lares proporciona o abandono do antigo pela novidade, e qual criança não gosta de experimentar o novo? Se a criança não estiver preparada para amar delicadamente uma flor, essa correrá o risco de morrer tão logo apareça um gato. Sabemos que os laços afetivos nas crianças ainda estão em fase de construção, mas é para isso e por isso que chamo a atenção dos pais e professores para que ensinem às suas crianças a aprenderem a cuidar dos seus sentimentos. Conheço um menino que ficou meses doente devido a mudança de endereço de um amiguinho seu e quando o viu depois de passados alguns anos o abraçou com saudades, isso sim, podemos chamar de laço duradouro.

Que tenhamos tempo de ensinar às nossas crianças a cuidarem dos seus laços afetivos e que sejam fortes e intensos igual ao brincar na infância.



*Céu, casa calma  
Mar, quieta a alma  
Terra, planeta da vida*

*Luciara Leite de Meandonça*

# Contos

# Não há céu para os oblíquos

*Salma Ferraz\**

*“Quando eu estava no exército, eles me deram uma medalha por matar dois homens e uma expulsão por amar um.”*

Leonard Matlovich (1943-1988)

Diálogo acalorado entre dois passageiros do Madrugadão: um crente e heterossexual que estava se preparando para fazer teologia, e o outro estudante de Mestrado em Letras da UFSC. Do ponto de vista do homem de fé, aquele estudante era candidato a cristão, uma alma a ser resgatada, já que era gay assumido. Os dois tinham vindo do estado de São Paulo há mais de dez anos. Os paulistas da capital e do interior adoravam a Ilha. O busão vazio.

A amizade começou porque o futuro pastor das ovelhas perdidas da casa de Israel, ou melhor, das ovelhas perdidas da Ilha da Magia percebeu que estudante de Mestrado, entre seus livros, trazia uma Bíblia.

- Rapaz você lê a Bíblia?

- Sim, estudo no Mestrado da UFSC?

- Tem algum professor crente lá?

- Não ! Estudamos na Teopoética, a Bíblia como literatura.

- Não é só isto. É um livro sagrado, inspirado por Deus.

- Antes disso é literatura e das boas... Ah se você conhecesse o processo de redação... Ia abalar tua fé. Deixa pra lá!

- Não adianta, cara, não tem base bíblica pra esse descaramento dos gays.

- Cite uma passagem.

- A destruição de Sodoma. Sabe o que quer dizer sodomita, aquele que dá ...

- Não precisa avacalhar! Não sou burro!

- Em Levítico 18:22 tá claro, pode conferir depois: *“Com homem não de deitarás, como se fosse mulher; é*

*abominação.” E em Romanos 1:27: “Os homens, também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensibilidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.”*

– Mas nenhum homem dorme com homem como se fosse mulher, dorme com homem como se fosse homem. E Levítico e o Apóstolo Paulo não valem.

– Como não valem?

– Levítico tem que ser lido dentro do sistema de puro x impuro das antigas tribos e Paulo era doente, histérico, neurótico, odiava mulher, o corpo, o sexo, a vida. Assisti um debate na Discovery.

– Esses programas só falam bobagem. Ele só pregava o que Jesus falou...

– Não, não e não! Ele modificou a mensagem de Jesus. Jesus gostava de vinho, festas e era amigo de Madalena.

– Não desconversa. Mas é isto mesmo! Os afeminados não entrarão no Reino de Deus.

– Quer dizer que os metrossexuais também não vão para céu, além dos gays?

– Metrossexual é o mesmo que aquele jogador de futebol inglês, né? Exato, nem afeminados, nem gays, nem metrossexuais.

– Pôxa, se somar os adúlteros, os que blasfemam, os que não creem, os que cobiçam, roubam, invejam, os fornicadores e os gays, o céu do teu Deus vai estar vazio.

– ?

– Eu assisti uma entrevista de dois pastores homossexuais que fundaram uma Igreja. Eles eram caras sérios, sinceros, fiéis, queriam servir a Deus.

– Você anda vendo muita televisão e esta matéria herege tá te fazendo mal. A TV é coisa do Diabo. Ser gay é uma aberração! Uma profanação! Isto é uma doença!

– Não sou doente. Eu nasci assim. Não escolhi ser assim!

– Você tem que se converter, entrar na igreja e virar heterossexual.

– Você já viu algum ex-gay?

– Não!

- Então?

-?

- Teu Deus não gosta nem de mulher, nem de homossexuais, nem garanhão... Não tem pai, nem mãe e é celibatário. Pelo jeito odeia o sexo, criado por ele pra quê? Sem falar em Jesus que foi gerado sem ser amado!

- Não blasfeme, homem! É preciso deixar que Deus seja Deus no coração do homem.

- É preciso deixar que o homem seja homem no coração de Deus.

- Não distorça as coisas. Assim não vale. Deus é o que é!

- E eu sou o que sou! A salvação não é pela fé?

- Sim!

- Teu Deus salva adúlteros, promíscuos, ladrões?

- Sim.

- Assassinos?

- Sim! Salvou Moisés, que matou um escravo egípcio. Salvou Raabe, a meretriz que entrou na genealogia de Jesus. Salvou Jacó, que roubou a primogenitura de Esaú e era covarde.

- É verdade!

- Salvou Davi, adúltero, polígamo e assassino...

- Isto mesmo

- Salvou o Leão da tribo de Judá e amiguinho íntimo de Jônatas... Que tocava harpa para acalmar Saul.

- Não blasfeme cara!

- O leão ruivo... Mas ele podia... Era o escolhido

- Cuidado com as palavras.

- Conheci um teólogo que perdeu o título porque deu nome a amizade do Leão ruivo com seu amiguinho...

- Não queira achar gay na Bíblia pra se justificar!

- O Novo Testamento não fala nada sobre isto.
- Mas você pode ser salvo pela graça.
- Eu não quero ser salvo. Só quero viver em paz com meu sexo.
- É a graça, a salvação pela fé, irmão. Nunca o homem vai tão longe que a graça de Deus não o alcance e ainda o ultrapasse.
- Quer dizer que teu Deus perdoa quem mata outro homem, como Moisés e até os próprios irmãos, como no episódio do Bezerro de Ouro no deserto, em que pais mataram filhos, irmãos mataram irmãos, no total de 3 mil homens.
- Onde você aprendeu isso? Tá na Bíblia?
- Claro, na Disciplina *Humor na Bíblia* na UFSC. Eu penso e questiono. Não sou burro! Ou a fé é ignorante? É verdade, não é?
- Sim, esses homens assassinos foram perdoados por Deus.
- Até Herodes, que mandou matar João Batista e não fez nada para salvar Jesus?
- Sim!
- E Judas, que traiu Jesus? Está perdoado?
- Sim!
- Mas teu Deus não pode perdoar um homem que ama outro homem, como a si mesmo?
- ?
- Responda! Vou pro inferno por amar outro homem?
- Sim e sim e sim! Três vezes sim.
- Há alguma coisa difícil para Deus na face da terra?
- Claro que não, seu herege!. Deus tudo pode na face do universo!
- Mas Ele, o Senhor do Universo que não tem que dar conta a ninguém dos seus atos, não pode aceitar um homossexual em suas hostes?

- Não e ponto final!
- Crente ignorante. Não há céu para os oblíquos!
- Sodomita ateu!
- Sodomita não por escolha. Ateu por tua causa e por causa de crentes como você.

\* *Salma Ferraz é contadora de estórias, narradora, observadora atenta do mundo e do ser humano.*

## Sonata ao luar

O marido empreendia longas viagens. E ela, absorta em seus afazeres domésticos. Cuidava da casa, do jardim. Neste, plantava lindos girassóis, podava as flores.

À hora do crepúsculo, depois de tudo ordenado, colocava a cadeira na varanda, pegava o bordado. Bordava nos lençóis e toalhas as iniciais do seu nome e o do marido: D. & L.

Nesse doce ritual de espera, olhava as graciosas borboletas e colibris que, atraídos pelo jardim, sugavam o néctar das flores. Tudo ali tão calmo, tão calado, tão plácido, tão ordenado.

Quando o marido retornava, ela corria a seu encontro. Pegava-lhe a pasta, tirava-lhe o terno. E dele recebia um beijo suave. Escutava, então, o relato das viagens, dos negócios fechados. Por fim, para agradá-la, ele dizia que nada se comparava àquele refúgio, à comida caseira, ao jardim.

Depois de longas noites dormindo sozinha, enfim, a companhia do esposo. No quarto, a cama impecável, lençóis alvos, bem esticados... D. & L. bordados.

Num final de noite assim, deitaram-se. Ela se aninhava ao corpo dele, ávida por beijos, carícias e toques. Uma flor cheia de néctar, pronta para ser sugada. Mas ele, nas suas próprias urgências, homem prático, não tinha tempo para fazer-se beija-flor. E, como um cavalo, numa fúria, montava nela. Pouco depois, ditando o ritmo, gozava. Tudo muito rápido. Não a esperara. Ela, inerte, fechava os olhos de pura dor. Frígida? Perguntava ele a si mesmo. Mas, percebendo-se observado pela esposa, murmurou: *Fui à Lua e voltei*. Exausto, virou para o lado.

Numa última tentativa, ela pegou a mão do marido e a conduziu até a *gruta*. Era assim que ele chamava o órgão sexual feminino. Ela queria sentir prazer, gozar. Mas o sono entorpecia o esposo.

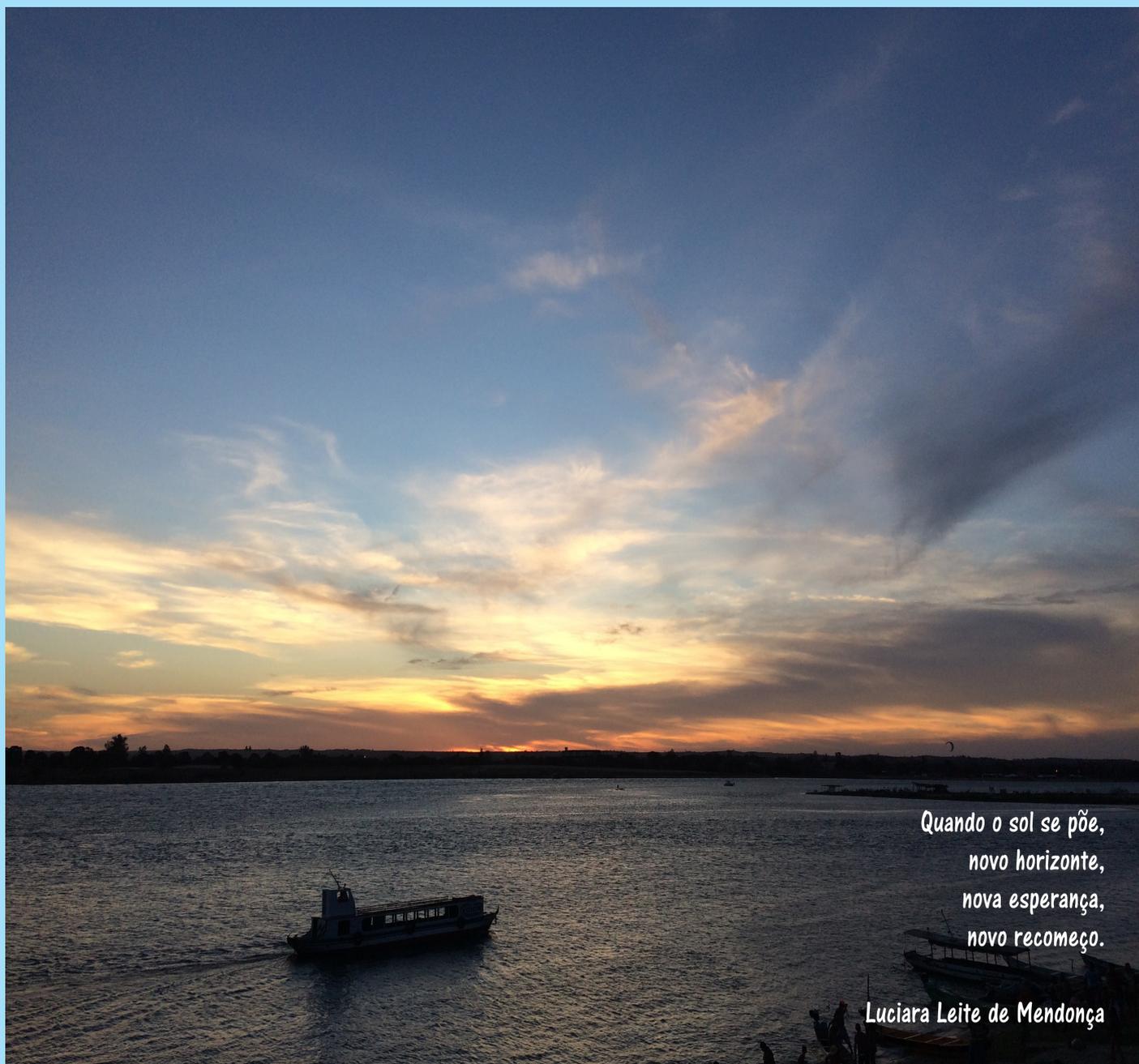
Levantou-se e foi para a varanda. Uma brisa suave soprava. Aroma de rosas, de jasmíns... E a Lua, no alto, imponente e bela. Tudo tão quieto. Porém, pela primeira vez, aquela calma a angustiava. Começava a cansar-se de tal felicidade conjugal.

Sentou-se na cadeira e, banhada pelo luar, abriu lentamente as pernas. Como se tocasse um instrumento, dedilhou as primeiras notas musicais. Desse modo, foi tocando cada parte do corpo até chegar lá. E aquele corpo, há instantes, inerte agora vibrava em ritmos, cadências.

Tocou uma sonata ao luar, em seus vários movimentos: livres, lentos, dançantes, enérgicos, rápidos. Com a alma vertida em música, em puro êxtase, avistou Jorge, na Lua, de lança e espada.

No íntimo, sabia: a união de D. & L. só seria possível se formassem um dueto com direito a prelúdio. Senão... Um duelo seria travado.

GILVÂNIA MACHADO possui graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas (1994). Especialista em Leitura e Produção Textual e Literatura Brasileira (UFRN). Mestranda em Literatura (UFRN). Educadora, ministra aulas na rede pública de ensino de Parnamirim. Membro e Coordenadora do Movimento Internacional Poetrix no Rio Grande do Norte. Participou de várias coletâneas de poesia, dentre elas destacam-se “501 Poetrix para ler antes do amanhecer”, organização de Goulart Gomes; e “Coletânea de Poemas – UBE/2015”, organização de José de Castro. É organizadora de três antologias: *Aprendizes de Poeta*, *Fagulhas Poéticas I e II*. Em 2014, lançou o seu livro de poetrix *Rendas & Fendas*, na Bienal Internacional do Livro em São Paulo. Recentemente, participou de mais uma coletânea de poemas “Antologia Literatura Feminina Potiguar”. Contato: [gilvaniemachado@bol.com.br](mailto:gilvaniemachado@bol.com.br)



*Quando o sol se põe,  
novo horizonte,  
nova esperança,  
novo recomeço.*

*Luciara Leite de Mendonça*

# Cordel

## A Pequena Vendedora de Fósforos

Estava fazendo frio,  
um frio que congelava.

A neve caía forte  
e a noite se aproximava.

Última noite de dezembro.  
A véspera de Ano Novo!  
Sob a neve uma menina  
esquecida pelo povo.

Perdida no meio do frio  
intenso e da escuridão  
ia ela rua afora  
a pulsar-lhe o coração.

Pés descaço sobre a neve  
e a cabeça descoberta.  
Perdera as rotas sandálias.  
Congelaria na certa!

Tentando escapar de um trem,  
os seus chinelos, folgados,  
escaparam dos seus pés  
deixando-os descalçados.

Um ficou no meio da neve  
e o outro foi apanhado  
por um garoto travesso  
que pensava, por seu lado:

- Vou fazer dele um bercinho  
para minha irmã mais nova  
brincar com a sua boneca!  
Seu pensar não se reprova.

No entanto, enquanto isso,  
a menininha seguia  
com os pés descalços já roxos  
do frio que a possuía.

Levava em seu avental  
uma certa quantidade  
de fósforos, e oferecia  
a todos pela cidade.

Oferecia dizendo:

- Quem compra fósforos a mim?  
São baratos! Mas o dia  
para as vendas, fora ruim.

Ninguém comprara seus fósforos,  
não conseguira vender  
nenhum palito. E com fome  
e frio estava a tremer.

Muito fraca, cara pálida...  
coitada da menininha!  
A neve branca cobria  
toda a sua cabecinha.

Seus belos cabelos loiros  
grandes e encaracolados,  
ela nem pensava neles  
mesmo sentindo-os gelados.

Pelas janelas de vidro  
via as luzes coloridas  
e o cheiro da carne assada  
que alimentava outras vidas.

Era véspera de Ano Novo!  
Nisso sim ela pensava.  
Sentou-se ao chão e encolheu-se.  
O frio lhe traspassava!

Se voltasse para casa  
sem nenhum fósforo vender  
o seu pai enraivecido  
podia até lhe bater.

Além do mais sua casa  
não tinha qualquer conforto.  
Era fria, sem calor,  
como sendo um espaço morto.

Toda cheia de buracos  
por onde o vento passava  
apesar de alguns farrapos  
com os quais sua mãe tapava.

Com o frio paralisando  
suas mãozinhas, pensou  
que se ela riscasse um fósforo  
melhoraria. E riscou.

Com aquela chama acesa  
a menina imaginou-se  
em frente a um grande fogão  
que um calor gostoso trouxe.

Mas logo o fogão sumiu.  
Outra vez ela acendeu  
novo fósforo e outra visão  
à menina apareceu.

A luz dando na parede  
fez que a mesma se tornasse  
transparente e que a menina  
através dela enxergasse.

Coberta com uma toalha  
como a neve, bem branquinha!  
Repleta de gostosuras:  
bolo e torta de galinha.

Acendendo mais um fósforo,  
agora, viu-se sentada  
debaixo de bela árvore  
de Natal, toda enfeitada.

Mais enfeitada que a outra  
que vira anteriormente.  
Velas acesas nos ramos,  
belos cartões de presente.

Ergueu a sua mãozinha  
e os cartões tentou pegar,  
mas nisso o fósforo apagou  
ela não os pode alcançar.

As luzes se confundiam...  
E a menininha pensava  
ser estrelas. E uma delas  
caiu e o fogo alastrava.

“É alguém que está morrendo”-  
pensou. Pois sua vovó,  
que a amava e que morrera,  
disse-lhe um dia, com dó:

- Quando uma estrela cai,  
naquele instante é levada  
uma alma para Deus  
sã e salva. Abençoada.

Ela riscou mais um fósforo  
e o espaço se iluminou,  
logo a vovó da menina  
apareceu e a abraçou.

- Vovozinha, vovozinha,...  
Você pode me levar?  
Sei que a Senhora se vai  
quando este fósforo apagar.

Como aconteceu com as chamas  
de fogo e com a comida,  
com a árvore de Natal.  
- Me leva vovó querida!

Acendeu todos os fósforos  
que ainda consigo tinha  
para reter a imagem  
da querida vovozinha.

Sua vovó lhe parece  
bem maior e bem mais bela.  
Esta lhe toma nos braços  
e voa junto com ela.

Alegres e iluminadas,  
sempre mais alto subindo  
sem fome, sem frio ou medo,  
felizes, sempre sorrindo.

No canto das duas casas,  
na parede recostada,  
ficou a pobre menina  
que morrera congelada.

Faces rosadas, sorriso  
na boca que congelou  
na última noite do ano,  
quando su'alma voou.

E a primeira manhã  
do Ano Novo iluminou  
O corpinho da menina  
que o desamor congelou.

- Ela queria aquecer-se!  
Alguém passando, dizia.  
Mas ninguém imaginava  
o que agora ela sentia.

O Ano Novo trouxera  
para aquela menininha  
Felicidade e Esplendor.  
Vencera, enfim o **AMOR**  
que todo o seu **SER** continha.

**FIM**

Não sei se sei  
ou sei que não sei  
Penso, penso, penso  
fico tenso, e só rabisco  
no vazio!

Bismarck Rezende

não sei se sei,  
ou sei que não sei  
penso, penso, penso  
fico tenso, e só rabiscos  
no vazio!

Bismarck Rezende

# Resenhas

# Das surpresas no cabelo para as surpresas da leitura

Éverton Santos<sup>1</sup>

Segundo José Saramago “Todos somos escritores. Só que uns escrevem, outros não”. E há uns que, além de escreverem, contam habilmente histórias para as crianças, perpetuando as narrativas, ao mesmo tempo em que encenam e encantam, despertam o gosto pela literatura, abrem novos mundos outros para aqueles que estão regando o jardim de sua infância.

Matheus Luamm Santos Formiga Bispo, aqui Luamm Santos, autor de *Surpresas no cabelo* (2017), seu livro de estreia – habilmente ilustrado por Cayo Ogam –, lança-se bem no universo infanto-juvenil, elaborando um personagem que, como o escritor, também conta histórias. Yuri Rangel guarda no turbante uma longa cabeleira, inundante em extensão e volume, inundada em segredos e recordações, sempre enriquecidos de detalhes.

O leitor, não importa a faixa etária, encontra-se diante de um caudaloso emaranhado de histórias de viagens que, ao longo de ímpares idades, acumularam conhecimentos e experiências para Yuri, cuja vida, ao ser contada, desdobra-se em elefantes, hashis, Estátua da Liberdade, canoa, baú, maracás e músicas!

Tudo isso porque o turbante colorido, como uma varinha mágica, orchestra as maravilhas que saem dessa espécie de caixa de Pandora do bem. Turbante que é símbolo e significado, culturalmente carregado de referências globalizadas, ricas relíquias de andanças.

Mas não apenas o turbante traz vivazes cores, todo o livro em si é recheado de amarelos, verdes, vermelhos... de fantásticos desenhos e ilustrações tais quais as de Ziraldo, o que amplia o mergulho nas viagens, dando ao leitor a possibilidade não somente de imaginar, mas de dar cara e movimento às situações narradas, lidas, visualizadas. Fruto de um trabalho fantástico, a integração entre texto e imagem, palavras e cores, chama a atenção para o livro-produto em si, mas também para a vontade de se debruçar por todas as páginas, admiravelmente.

Além disso, não fosse bastante o contar histórias (nunca o é, obviamente), seu contador – Yuri – é também professor, assim como seu criador – Luamm. A eloquência é uma dádiva, da qual muito tiram proveito os contadores; aliado a isso há a performance, a alegria na expressão, o ensinar que se aprende ensinando, o aprender que se ensina aprendendo. E o professor, mesmo na ficção, desvela-se em sua aura pedagógica, vocacional, que somente aquele que planta e cultiva sabe das flores: tijolos + cimento = paredes, construção.

E quando Yuri “Distribuiu os livros entre todos, estimulou a lerem, porque ler é viajar e transportar-se para outros mundos sem sair do seu lugar”, sente-se a ressonância daquilo que Guiomar de Grammont diz em “Ler devia ser proibido”: “os livros estimulam o sonho, a imaginação, a fantasia. Nos transportam a paraísos misteriosos, nos fazem enxergar unicórnios azuis e palácios de cristal”. O homem, em qualquer fase da vida, ao sentir do livro o cheiro, o toque, a beleza, quando se permite (ou quando lhe é permitido) mergulhar nas malhas das letras, palavras, frases, parágrafos, capítulos, viaja, transforma-se, jamais volta ao estado de coisas original.

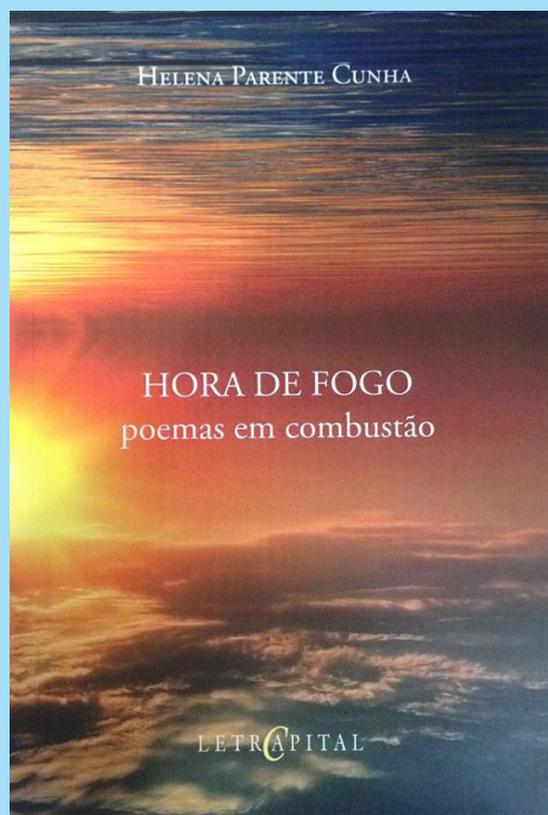
E é por isso que escrever para crianças, ler para crianças, contar histórias para crianças são faces de um todo que, como se percebe, parte da e chega às histórias como epicentro. São

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

atitudes como essas, louváveis, que nos fazem acreditar no poder humanizador da literatura, conforme Antonio Candido, uma vez que ela atua na consciência, na formação, no caráter dos indivíduos, devendo, por isso, ser um direito inalienável.

Portanto, assim como os cabelos de Yuri, ao ganharem vida quando saem do turbante – a liberdade criadora –, que as palavras, ao saírem do livro e integrarem o humano de quem as lê, possam nos deslumbrar no universo fabulado para o qual a leitura nos convida. Parafraseando Nietzsche, a vida, sem histórias – sem literatura – seria um erro.



### ***Hora de fogo: “Palavras em combustão”***

#### **Uma carta à guisa de prefácio**

Caríssima Helena, poeta-girassol,

Deveria ser um prefácio, mas será uma carta, que, colocada no lugar do gênero textual que deveria ser, acabará sendo também o que, em princípio, não seria. Construção provocativamente paradoxal? Sim! E eu não vejo forma de começar mais afinada com sua estética lírica que, agora, irrompe sob a égide do número nove. E se lhe escrevo em forma de carta é porque preciso ser sincera com os leitores e as leitoras que poderão se interessar pelas páginas que abrem ou que antecedem a leitura de *Hora de fogo*. De que sinceridade falo? A de quem precisa se revelar mais que uma crítica literária a cujas mãos chegaram os originais de seu nono livro. E mesmo correndo o risco de subir ao cadafalso destinado à pretensão, é por essa via que seguirei.

Quando, em 2005, eu me pus a estudar toda a sua produção lírica, abracei mais que uma causa de crítica literária apaixonada por poesia. Abracei mais que uma tarefa que, no meu ponto de vista, faria o par perfeito com o estudo recém-publicado (na ocasião) sobre a obra lírica de Ivan Junqueira. Abracei, isso sim, a sua criação, o “deus” da sua poesia, os vieses criativos, permeados de caminhos e descaminhos, da difícil junção do verso com a vida, visto que pôr a beleza a serviço do que tantas vezes pouco belo é beira o impossível. Conhecer, detalhadamente, seu processo criativo, me permitiu o privilégio de uma intimidade que só esse tipo de abordagem concede ao exercício crítico. Lembrando o *Sein und Zeit (Ser e tempo)* de Heidegger, cujo pensamento, inclusive, me ajudou a estudar sua poesia, penso que, atravessando a diacronia de sua criação, pude ver seu ser lírico brotando, espalhando-se, expandindo-se, em contínuo fluxo de sintonia com o(s) tempo(s) da vida, sua e as alheias. E tornei-me íntima dessa criação.

Primeira razão, pois, da “carta”. A intimidade. Não a chamo, Helena, de poeta-girassol à toa. Assim o faço, porque em “Desejo de tulipas” (*Dois ensaios sobre poesia*, 2007), resultado da tal apreciação de seu percurso lírico até 2005, eu reconheci em você a força de um girassol lírico, permanentemente em rotação, iluminado pelo sol e consciente da presença, além do seu estar, das tulipas. Um “eu” ansioso pela multiplicação do espelho e simultaneamente habitado por uma infinitude de “outros”, já que o mundo lhe pertence, no sentido mais legítimo e sincero de “pertença”. Conheço, portanto, intimamente cada um de seus livros de poemas. Trafeguei minha sensibilidade por *Corpo no cerco* (1978), *Maramar* (1980), *O outro lado do dia* (1995), *Além de estar* (2000) e *Cantos e cantares* (2005); percebi o épico trazido por *Caminhos de quando e além* (2007), que posfaciei; pus um brinco singelo na orelha de *Impregnações na floresta* (2013) e o vi, na condição de orientadora de mestrado, sendo corpus do trabalho *Poesia em sala de aula mediada pela intertextualidade e pelas TDICs* (2016), de Soraya Souza Carvalho, que levou a amazônia de sua palavra para estudantes do Ensino Fundamental; e, se não escrevi sobre *Poema para a amiga e outros dizeres* (2014), vivi de perto as motivações para a lírica homenagem a Angélica Soares, ela própria grande crítica de poesia.

A segunda razão para a carta deriva da primeira. Amizade. Além de todos os envolvimento acadêmicos e profissionais, estabeleceu-se, entre nós, uma amizade rara. Dessas que seguirão pelo tempo isento de pêndulos e calendários. Sei que, contudo, o pedido do prefácio não foi feito à amiga. Durante todos esses anos, incontáveis têm sido suas manifestações de confiança em minha sensibilidade crítica. E, evidentemente, esse reconhecimento me estimula sempre e mais. O gênero textual prefácio, entretanto, não me permitiria ou, ao menos, não me deixaria cômoda para expressar minha gratidão por essa confiança. A confiança da mestra que jamais foi minha professora e, no entanto, como o foi! A confiança da amiga, que conheceu e conhece os passos do meu ser aqui e “além” (para fazer uso de um semema tão presente em sua criação lírica). E a confiança da poeta-girassol, que sabe que eu contemplaria e contemplarei sempre sua produção com olhos sedentos por encontrar o “ser da poesia”. O “ser crítico” desta sua amiga agradece o “ser lírico” que lhe concede, mais uma vez, o privilégio da reflexão.

A terceira razão é a mais simples de todas. Cartas costumam ter teor narrativo. Contam algo. E eu quero, aqui, contar. Mais que um “algo”: alguns segredinhos nada secretos, porque estão visíveis em sua obra. Como narradora desta carta, vou alinhar reminiscências e dizer, a você e a quem me leia, como *Hora de fogo* me chegou. A síntese se encontra no título, que roubou um verso seu “Palavras em combustão” (pranto 25, de *Hora de fogo*). E aqui, começo a contar...

O primeiro poema que aparece no trecho da antologia *Além de estar* (2000) que traz os poemas que você publicou em *Moderna poesia baiana*, em 1967, tem como título “Sem palavras”. Esse fato é emblemático e a caracteriza, desde os primeiros passos, como poeta dos questionamentos, poeta que põe a palavra a serviço do (des)silêncio: “por que me fiz/ só e triste/ sem palavras?”. Transcorridos cinquenta anos, que a publicação de *Hora de fogo* comemora neste 2017, o questionamento ainda se mantém como o ponto de cruz com que você borda a busca pela palavra. Dos 64 prantos que compõem *Hora de fogo*, 27 contêm questionamentos. Em alguns prantos, mais de um. No total, exatamente 48 perguntas, com pronomes interrogativos dos mais diversos (“Afinal/ quem somos/ reduzidos/ à nossa/ esta hora de fogo?”, pranto 2; “Quem tem olhos para olhar/ os seus olhos no espelho?”, pranto 7; “O que restou do menino?”, pranto 10; “Quem são/ os cavaleiros de aço?”, pranto 23; “Quem terá compaixão de nós?”, pranto 30) e retomadas de muitos questionamentos anteriormente feitos no decorrer de sua produção lírica. *Hora de fogo*, Helena, é o livro nove, mas não é o “noves fora, nada”, como o teor apocalíptico de muitas imagens nele contidas poderia fazer pressupor. Ao

contrário, é o nove de uma gestação que chega a seu momento máximo. Suas perguntas calam o silêncio de um caos que resultaria em nada, não fosse a palavra poética que, simultaneamente, nos enclausura na visão árida da violência do mundo e nos liberta pela palavra que questiona tudo. E são vários os “prantos” em que a palavra libertadora é retomada de livros anteriores. Cito um trecho: “haveremos/ de aportar/ às portas/ de mamar” (canto 63).

Conto mais. No próprio livro *Além de estar* (2000), encontramos “Inéditos (Em tempo de fim do mundo)”, um conjunto de 11 poemas que traduzem uma voz plural, assumida pelo “nós” e que, sem dúvida alguma, constituem o embrião descongelado de *Hora de fogo*. E o provo, confrontando, a título de exemplo, alguns versos de “Em tempo de fim do mundo” (1) que foram retrabalhados em *Hora de fogo*: “As peles calcinadas/ estão em silêncio mas falam/ pelos lábios das feridas” (1) e “As peles queimadas/ estão caladas/ mas falam/ pela boca das feridas” (pranto 6); “Imagens multiplicadas/ em milhões de faces/ dos rostos ausentes” (1) e “As imagens do mundo/ divididas/ em milhões de faces/ milhões de facas” (pranto 9); “Agora estamos cumprindo/ o novo decreto do rei// Queimareis vossos relógios/ no meio da praça pública/ e nunca mais sabereis/ quando a noite começou/ ou o dia terminou” (1) e “Agora/ estamos cumprindo/ o novo decreto do rei// Quebramos nosso relógios/ no meio da praça pública/ e esquecemos/ se é de noite/ ou se é de dia” (pranto 43). Somam-se, pois, aos questionamentos, a reescrita de palavras que, anteriormente, gritaram e se rebelaram contra o silêncio do humano em tempos do fogo que não é chama geradora de vida, que não é o fogo de Apolo, Prometeu, de Vulcano, da Fênix, de Agni, Indra e Surya, de Xangô. **Que não é o fogo do Espírito Santo, nem o da luz, da verdade ou da purificação.** Mas o fogo da bomba atômica, o fogo apocalíptico da “destruição/ cataclismos terremotos/ enchentes furacões/ poluições corrupções; e as guerras todas” (pranto 2). E vejo a poeta contemplar a segunda guerra mundial, a revolução de 64 (que os 64 prantos sugestivamente rememoram), os danos à natureza, a fome, a miséria, as crianças abandonadas ou mortas, as crianças portando armas, a situação política grave pela qual nosso país passa, o “olho por olho”, a sede de petróleo, os diversos tipos de terrorismo, a corrupção, a violência, o precipício enfim.

*Hora de fogo*, todavia, também é um canto de conclamação. Um chamamento a um nós que nos irmana, que nos permite dar as mãos, ainda que, talvez, não mais as tenhamos (“Nós não temos/ nossas mãos?”, pranto 1, pranto 21, pranto 38 e pranto 48). Sua poesia, Helena, é a mão ausente que se presentifica na forma-palavra. É a poesia que pergunta “Nós já temos/ nossas mãos?” (pranto 61). É a poesia que pede: “Irmãos/ vamos dar as mãos// Nossas mãos/ em brasa” (pranto 37). Ainda que rememorando a emoção turbulenta de toda uma vida como espectadora de uma sociedade que digladiava com a esperança e a felicidade, fazendo-se refém do que, no fogo, não é a verdade que ele contém, sua poesia não consegue se desprender da tônica maior de sua obra: a de expandir o ser. **Não à toa, o pranto 33 recompõe os milagres de Cristo. E ainda que esses milagres pareçam inalcançáveis à humanidade, o “como” questionador promove a reflexão redentora: “Como fazer/ para multiplicar os pães/ se nossa fome/ é longa e antigamente?”** (pranto 33). Sob a crueza de imagens que parecem lacerar a esperança, permanece a vigília da palavra que transforma pranto em canto pós-apocalíptico, capaz de reinventar o ser:

## PRANTO 60

*Quem sois*

*sós*  
*vagantes*  
*dos campos endurecidos*  
*ainda*  
*de cinza carvão e sangue?*

*Reaprenderemos*  
*nossos nomes*  
*e exerceremos*  
*onde somos*  
*e quando estamos*

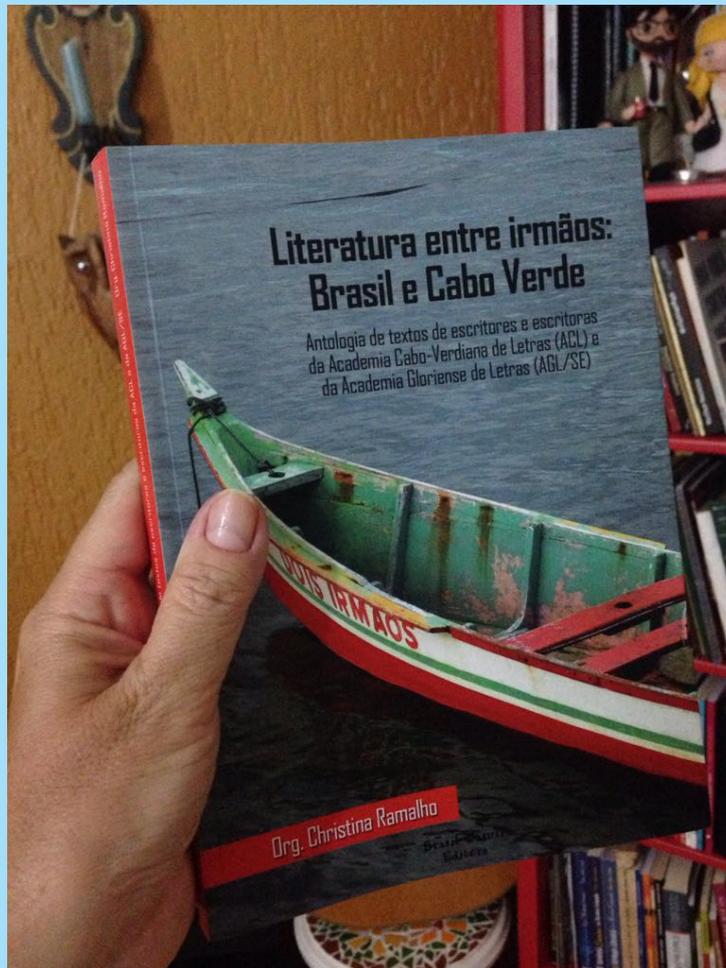
*E plantaremos*  
*o grão*  
*e teceremos os fios claros*  
*do novo dia*  
*no silêncio das uvas maduras*

O que *Hora de fogo* me diz, Helena, é que, apesar de vivermos, por teimosia e insensatez, sob a injunção do “Fim do mundo”, ainda resguardamos no silêncio do próprio tempo, a pessoa “hora” da libertação, hora em que a verdadeira simbologia do fogo se reinaugura, porque “além do mar que espreitamos/ e de outros que nunca soubemos”, há “sonos por acordar” (pranto 64).

*Hora do fogo*, Helena, poeta-girassol que há cinquenta anos enfrenta, liricamente, a angústia e o maravilhamento do existir para e pelo mundo, é palavra em combustão sim. A luz que seu girassol contempla condensa meio século de visões muitas vezes dantescas (como muitos dos prantos fazem lembrar) e explode em nossas retinas, de forma contundente. Dura. Mas se o ser de sua poesia atravessou cinquenta anos se expandindo, seria um erro de trajetória ver em *Hora de fogo* o nada, o silêncio que poderia resultar do apocalipse. Porque há questionamentos, há reescrita, há retomadas, há conclamações e há, no final da viagem, a fênix pousada em nossa consciência. Sempre nos reinventaremos. Por isso somos seres humanos. E você, minha amiga, sabe disso. Tulipas sempre brotarão do chão das palavras que seu girassol borda.

Despeço-me, agarrada aos sememas que nos reinventam após a combustão. Afinal, “quantos voos à espera de asas” (pranto 64)?

Christina Ramalho



### **O que nos une tem a matéria do sonho**

*Sobre o livro Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde*

(Aracaju: Editora Brasil Casual, 2017)

Sem a matéria do sonho, o que somos em carne e tempo se perde, deixando-se tragar pela teia gelada que faz da vida sinônimo exclusivo de sofrimento e pelo som viciante das caixas registradoras que vendem o ser humano no balcão das mercadorias com prazo de validade. O sonho é, pois, combustível para o que no ser humano é divino.

O sonho de que aqui falo não tem rota definida. Não é o sonho individual, não é o sonho de um povo, não é aquele que a arte sonha. É a soma de tudo isso e mais um pouco. É o que, na cultura de um povo, se reveste de ousadia, perseverança e impulso em direção à sensibilidade do olhar para nós mesmos que é capaz de perceber o outro como parte de um todo, que, afinal, chama-se vida. Vida em espírito de fraternidade.

Seguindo esse raciocínio, o termo “entre irmãos”, presente no título deste livro, não é um recurso piegas, e sequer beira a visão subalterna que atribuiria “paternidade” portuguesa como traço identitário comum capaz de sustentar uma “irmandade” pretendida. Ao contrário, esse tipo de “irmandade”, cuja história tem mais perversidade que júbilos possíveis, deixa-a aos historiadores, sociólogos e antropólogos, que sobre ela se debruçam há séculos.

Falo aqui de irmãos no sonho, no entusiasmo de se descobrirem fontes vivas de capacidade de constante auto-reinvenção. Falo de escritores e escritoras que, em algum lugar da história, entenderam terem questões comuns e alguns pontos de apoio mútuo que, eventualmente, lhes poderia sustentar o aprofundamento em suas questões de descobrir o espaço em que seria possível existir sem a pecha do colonialismo como determinante para “heranças” que, muitas vezes, são formas de castração de pulsões maiores em direção à busca necessária de um “si mesmo”.

Falo de um encontro que teve início com a vinda de Vera Duarte e David Hopffer Almada a nosso pequeno estado de Sergipe, em 2015. Na ocasião, os contatos com a Academia Sergipana de Letras (ASL) e a Academia Gloriense de Letras (AGL) sinalizaram uma fraternidade a ser construída pela descoberta de semelhanças entre os universos cabo-verdiano e sergipano e pelo desejo de conhecer melhor as diferenças. Convênios foram assinados e assumi eu a honrosa tarefa de, com este livro, selar a concretude das trocas culturais almejadas.

O pequeno e bravo Cabo Verde. O pequeno e tenaz Sergipe. Um emerge das águas em pleno Atlântico, espraia-se mundo afora, enfrentando signos fortes que clamam pelo espírito aguerrido de lutar pela sobrevivência. O outro, ponta pequenina de um gigante, o menor entre todos, não tem sina diferente. A seca como signo comum; a cabra, saltando nos dois espaços para permanecer como símbolo de enfrentamentos semelhantes; a academia literária como opção para firmar em terreno próprio o direito à circulação e à preservação de suas literaturas. E Nossa Senhora da Glória, como metonímia do pequeno Sergipe e como joia cultural do sertão, torna-se, naturalmente, um espaço para que “ser irmão” metaforize sonhos compartilhados de terras com mais literatura circulando pelas ruas.

Há muitos traços comuns que poderão ser vistos nos textos aqui apresentados. Mas também há as discrepâncias, as diferenças no próprio modo de ver a escrita literária, por exemplo. Mas essas diferenças, inclusive, acontecem dentro dos próprios grupos, separadamente. Não importa. Importa o encontro. A elegância de ouvir o que o outro tem a dizer. A determinação de fazer do Oceano Atlântico um rio navegável, cujas margens conseguem ver uma à outra, ainda que simbolicamente. Ser irmão, assim, deriva de irmanar-se em prol da oportunidade de ir além daquilo que os limites geográficos chamam de “pequenas extensões”. Quilômetros quadrados jamais serão páreo para o ser infinito da palavra literária. E o sonho em comum de viver a literatura é, sim, belíssimo signo de fraternidade.

Quanto ao fato de eu assumir esta organização, ele tem origem nos meus estudos de pós-doutorado sobre a trilogia épica de Corsino Fortes, realizada com bolsa FAPESP, junto à USP, entre 2010 e 2012, com a supervisão da sem dúvida maior especialista brasileira em cultura e literatura cabo-verdiana, a querida Simone Caputo Gomes, professora-doutora que há décadas se debruça sobre as infinitas matérias literárias e culturais que Cabo Verde oferece a quem deseje mergulhar em suas águas profundas. Se hoje a Universidade Federal de Sergipe e a Universidade de Cabo Verde põem em funcionamento um convênio de cooperação mútua, será este mais um fruto plantado por Simone, através de mim, em sua incansável determinação de enriquecer os Estudos Cabo-Verdianos no Brasil. Desde já, minha gratidão a ela e, é claro, a Corsino Fortes, dono da palavra metafórica precisa que dignifica e eterniza Cabo Verde.

Feitas essas explicações iniciais, ilustro o modo como esta antologia se organizou, desculpando-me, desde este início, pelo exíguo espaço para recortes críticos aprofundados sobre os textos aqui apresentados.

A primeira parte, “Irmãos ilustres”, homenageia dois cabo-verdianos do século XX e dois sergipanos do século XIX (ainda que Romero tenha cruzado a fronteira entre os séculos), que, sem sombra para qualquer contestação, são partes indissolúveis da cultura de Cabo Verde, de Sergipe, do Brasil e, por que não, de todo o mundo que cabe nos interesses que pessoas de qualquer parte podem ter em conhecer seus legados literários e culturais.

Pequeníssimo trechos da prosa de Baltasar Lopes (Cabo Verde) e da de Sílvio Romero (Sergipe, Brasil) vêm ilustrar, além dos estilos próprios, a capacidade reflexiva de ambos. Do primeiro, temos o trecho inicial do livro *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre* (1965), que é bastante revelador, no sentido de mostrar a decisão firme de Baltasar Lopes em firmar o necessário terreno para a configuração de uma “cabo-verdianidade” isenta de ser refém dos tais paradigmas de ser fruto de um sistema colonial. O corajoso enfrentamento à superficialidade com que Freyre contemplou Cabo Verde é preciso e extremamente necessário. Serve-nos de parâmetro para não repetirmos jamais o deslize do brasileiro. De outro lado, a alusão que faz à chegada da Literatura Brasileira ao meio cultural cabo-verdiano (por meio de mãos “fraternalmente juntas”) e a descrição do impacto de obras como “Evocação de Recife” no seio da vivência das ilhas são instigantes no sentido de nos mover a buscarmos mais e mais nossas afinidades. Destaca-se, nesse âmbito, a referência de Lopes a *Os Corumbas*, de Armando Fontes, paulista de nascimento, mas sergipano por justiça histórico-cultural.

Já no trecho do Capítulo V de *História da Literatura Brasileira* (1888), Sílvio Romero nos deixa perceber sua argúcia crítica e seu desejo imenso de por todos os pingos nos “is” de sua fala sobre a história da literatura e da cultura brasileiras. Dimensionado o lugar do índio e do negro no espaço da reflexão sobre a cultura brasileira, Romero mostra, igualmente, coragem.

Cabe dizer que ambos também foram poetas e deixar a leitores e leitoras o convite à busca por seus textos em prosa e em verso.

Os poemas de Jorge Barbosa (Cabo Verde) e Tobias Barreto (Sergipe, Brasil) têm sabores peculiares. Barbosa, tal como Baltasar Lopes, é um dos sustentáculos da base que formou a independência cultural e literária de Cabo Verde. Sua relação com o Brasil, país que visitou com a imaginação que o profundo mergulho em manifestações literárias brasileiras lhe proporcionou, emociona. Por isso, não há como não se envolver com “Carta para Manuel Bandeira”, “Carta para o Brasil” e “Você, Brasil” e chegar a imaginar Bandeira e Barbosa sentados, juntos, confabulando sobre as afinidades entre os dois países. Já os poemas “A escravidão”, “O beija-flor” e “O gênio da humanidade”, de Tobias Barreto (Sergipe, Brasil), apresentam um pouco do estilo cheio de personalidade de um poeta que a História da Literatura Brasileira não soube conservar bem e a quem ainda cabem resgates críticos mais aprofundados, tal como bem aponta Jorge Henrique Vieira Santos em seu artigo.

Na segunda parte, temos textos líricos de poetas (muitos deles também prosadores, cabe dizer) dos dois países, todos membros das academias literárias que aqui se irmanam para trocar palavras e vivências. A poesia nunca soube bem caber nas amarras das estéticas coletivas. Ainda que momentos como o parnasiano ou o simbolista da trajetória da lírica ocidental tenham, até certo ponto, “domado” o espírito rebelde da poesia como arte que nunca elide a subjetividade do sujeito (ainda que o disfarce), não há como deixar de dizer que a poesia, por ser de todos e de todas, não merece o claustro de uma clivagem estética.

Entre Daniel Medina (ACL), com “Epicus”; David Hopffer Almada (ACL), com “Cabo Verde de Esperança!” e “Casa di Pobri”; Euvaldo Lima dos Reis (AGL), com “Um sonho num sonho” e “Resposta”; Filinto Elísio (ACL), com “Retro-fomes & seus cinemas”, “Versos Mínimos” e “Ruínas de Polygon”; José Sergival Silva (AGL), com “Num canto da sala”, “Sedentos” e “Tresloucado”; Kaká Barboza (ACL), com “Viajar pela pedra”; Kelber Rodrigues de Souza (AGL), com “O sol nasce e a esperança continua”, “Sertão em cólera” e “Lembranças que vêm e vão”; Leunira Batista Santos Sousa (AGL), com “A Glória de Sergipe”, “Raiz da Confiança” e “Alteridade da vida”; Lucas Lamonier (AGL), com “Terra Maria”, “Renascer na fé”, “Morada” e “Nação”; Luiz Alves da Silva (AGL), com “A volta de Camões e novas perguntas do rei”; e Ramon Diego (AGL), com “Solidude”, “Via Láctea”, “Navalha”, “Hiroshima, mon amour” e “Parabólica”, há rios de águas plurais, que ora margeiam o lirismo como barco para navegar o ser, ora se fazem palavra-constructo, de onde brotam barcos inaugurais. Sem qualquer pretensão de fazer do título de “irmãos” um jargão apelativo ou buscar aproximações forçadas que pareçam sustentar esse mesmo título, o que aqui se apresenta é o retrato da diversidade que deve caracterizar a experiência lírica.

Em alguns poemas, percebe-se claramente os laços com a tradição popular do cordel nordestino; em outros, a afinidade cabo-verdiana com o texto longo, de feição épica; em outros, ainda, a herança da palavra contida, bem à moda de um Cabral de Melo Neto ou de um Corsino Fortes, para falar em importantes referências das duas literaturas. Há temas para todos os gostos; há estéticas mais afeitas ao verso ritmado e rimado; há quem explore os brancos da folha; há quem faça da intertextualidade presença basilar. Há poemas cheios de graça; outros que usam a palavra como trapaça; outros que guardam a ingenuidade boa que faz da poesia caminho para viver os sentimentos com delicadeza. Como em alguns contextos eu já afirmei, “a poesia é o mundo sendo”. E o mundo só é poesia em sua diversidade.

A terceira parte, “Prosa entre irmãos: artigos”, reúne: “A vida e a obra de pe. León Gregório: um belga que se tornou sertanejo”, de Cacia Valeria de Rezende (AGL); “Loja Maçônica Cotinguiba: um referencial na cultura literária e social de Sergipe”, de Domingos Pascoal (AGL); “Entre a Terra-Mãe e a Terra-Longe”, de João Lopes Filho (ACL); “Um condor solitário”, de Jorge Henrique Vieira Santos (AGL); “Na apresentação de ‘Pré-Claridosos’”, de Jorge Tolentino (ACL); “A palavra e o verbo em *Odju d’agu*, de Manuel Veiga e *Chuva Braba*, de Manuel Lopes”, de Manuel Veiga (ACL); e “O Atlântico: estrada cultural entre Cabo Verde e o Brasil”, de Vera Duarte (ACL).

Em seus artigos e ensaios, esses autores e essas autoras revelam aspectos históricos, culturais e literários genuínos, por meio dos quais pode-se debruçar sobre suas culturas. A História, sendo relida por meio da palavra ensaística de estudiosos e estudiosas, muitos e muitas também poetas, contistas e romancistas, insere neste livro uma interessante perspectiva: a de ser a palavra ensaística componente igualmente valioso para se compreender a arte que uma cultura produz.

Ainda que eu não possa tomar um a um os artigos e ensaios apresentados, posso antecipar a riqueza de informações que sua leitura proporcionará. Certamente, de cada texto podem ser recolhidas valiosíssima reflexões sobre nomes, produções, momentos de valor cultural relevante, entre outros.

A última parte da antologia, “Prosa entre irmãos: “crônicas e contos”, agrega as contribuições de Carlos Alexandre Nascimento Aragão (AGL), com “Um ser especial”; de Carlos Araújo (ACL), com “Voando no infinito da nossa concha”; de Danny Spínola, com “O canto do cisne de Dante”; de Dina Salústio (ACL), com “Uma rua chamada Planeta”; de Fátima Bettencourt (ACL), com “Letra após letra”; de Kaká Barboza (ACL),

com “Nossa casa em Assomada”; e de Samuel Gonçalves (ACL), com “Tchitchiti”. Seus textos trazem para nós uma mescla de referentes que transitam entre as pequenas graças do cotidiano, ao sabor da crônica, e as tramas ficcionais sucintas, mas reveladoras, que só contos podem propiciar.

Em Fátima Bettencourt, encontraremos uma crônica-ensaio, por meio da qual Cabo Verde se revela intenso, múltiplo, instigante. Das mulheres do sertão, de Carlos Alexandre Nascimento Aragão, à figura personalíssima de Tchitchiti, apresentado por Samuel Gonçalves, as leituras transitarão entre o espaço quase surreal aos traços de realidade que firmam o chão do conhecimento. Em todos eles e em todas elas, o estilo próprio, convidando à aprendizagem de coisas novas a cada leitura.

Agradeço a confiança de todos esses autores e essas autoras, cujos textos são facetas de sonhos materializados. Sonhos de uma vida também dedicada à literatura. Alimento, portanto, para sermos, cada vez mais, iguais e diferentes.

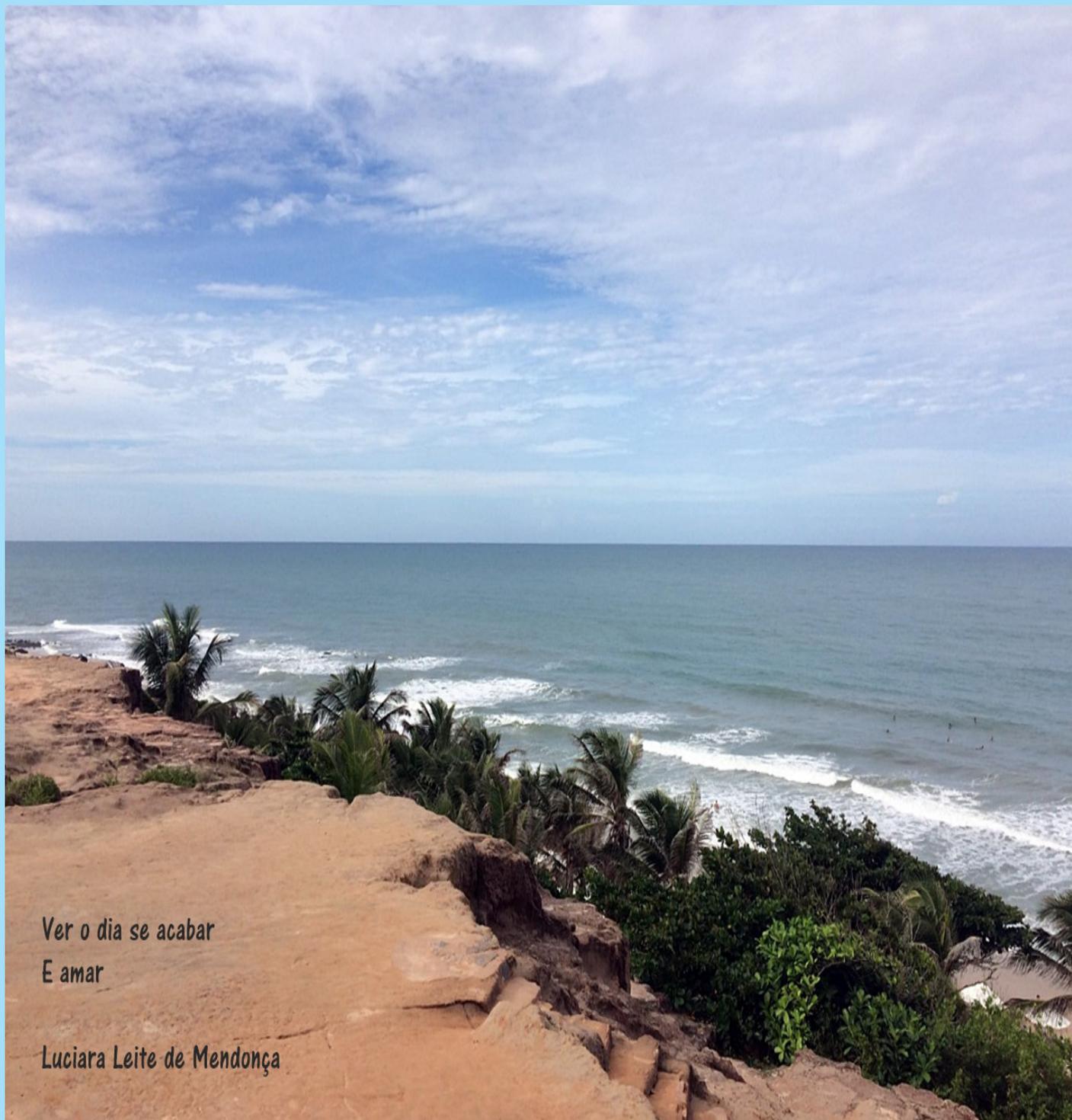
Finalizo, tomando de empréstimo as palavras de Baltasar Lopes, logo adiante disponíveis para leitura no texto completo, sobre a “desejada fraternidade”: “por fraternidade não entendo, nenhum de nós jamais entendeu a adesão laudatória; o que queríamos então, como queremos hoje, é a atitude crítica, mas documentadamente, construtivamente crítica (LOPES, 1956, p. 17)”.

Que este livro não seja um pretexto para superficialidades sem força de sementes. Ao contrário, por acreditar firmemente na força das formigas e dos pequenos, como nosso Sergipe e esse Cabo Verde, tão múltiplos em sua identidade, estou certa de que outras publicações como esta nascerão.

Christina Bielinski Ramalho

Universidade Federal de Sergipe

Membro Honorário das duas academias, com muito orgulho!



*Ver o dia se acabar  
E amar*

*Luciara Leite de Mendonça*

## **Crônicas**

# Esquina do tempo

---



**Manuel Brito-Semedo \***

---

## **Dó-Di-Dó, o Mindelense Brasileiro**

Ao Amigo Humbertona, uma fonte de memórias

*Já-m conchia São Vicente*

*Na sê ligria, ne sê sabura*

*Ma'm ke pud fazê ideia*

*S'na carnaval era más sab*

*São Vicente e um brasilin*

*Chei di ligria, chei di cor*

.....

*Eu já conhecia São Vicente*

*Na sua alegria, na sua vida agradável*

*Mas não fazia ideia*

*Que no Carnaval ainda era melhor*

*São Vicente é um pequeno Brasil*

*Cheio de alegria, cheio de cor*

.....

Que “São Vicente é um brasilin”, o trovador Pedro Monteiro Cardoso Rodrigues (n. Fogo, 11.Novembro.1945) já o tinha dito e Cesária Évora, a nossa Cize, levou essa ideia a dar a volta ao mundo, isso já toda a gente sabia.

Que o Carnaval do Mindelo é em tudo parecido com o Carnaval do Rio de Janeiro, muita gente também já o sabia.

Que foi um “alumbramento” para os nossos escritores regionalistas claridosos descobrir a moderna literatura brasileira, muita gente já o sabia.

Que as revistas brasileiras como *Cruzeiro*, *Manchete*, *Cigarra*, e outras, chegavam a São Vicente através do Porto Grande, e aqui eram lidas antes de chegarem às bancas na Europa, essa... menos gente sabia.

Que a estória do Nhô José Brasileiro, melhor, do “Dô di dô, dô di quá”, foi motivo de marcha e nome de grupo de Carnaval em São Vicente no final dos anos 40, início de 50, essa, muito, mas mesmo muito pouca gente sabia.

Mas, deixem-me encostar aqui na Esquina do Tempo, e eu conto tudo... tintim por tintim...

Nhô José Brasileiro, emigrante cabo-verdiano no Brasil, regressou à sua terra em finais de 40, com a justificação de que “reumatî quî mî fez vî dî Brasî [reumatismo foi o que me fez vir do Brasil]”. E foi por causa do “reumatî” que Nhô José Brasileiro mandou construir uma casinha no Seixal para viver, lá para as bandas do Mato Inglês.

A fala peculiar de Nhô José Brasileiro, misturando o português do Brasil, com sotaque carregado da região onde viveu, e o crioulo, resultava em expressões e frases hilariantes que deliciavam os mindelenses.

Contam que quando lhe morreu o filho, Nhô José Brasileiro foi à Morada providenciar material para o caixão. Na Ribeira Bote, numa oficina de ferragens, terá ocorrido o seguinte diálogo:

– N crê dô pá di doblinga [Quero dois pares de dobradiça].

– Tamanho?!

– Dô di dô, dô di quá e parafû di polegá [Dois de dois, dois de quatro e parafusos de polegada].

– Para quando?

– Agô! [Agora]!

O ferreiro, trocista como todo o bom sanvicentino, ter-lhe-á dito:

– E o perrê ê vinti mî rê! [E o preço é vinte mil réis / vinte escudos]!

Conhecida a estória, alastrou por São Vicente, e no Carnaval desse ano, o “Dô di dô, dô di quá, parafû di polegá” foi tema de marcha de um grupo carnavalesco.

*Dô di dô, dô di quá.*

*Parafû di polegá.*

*Dô di dô, dô di quá.*

*Parafû di plegá.*

*Ai, se eu soubesse*

*Que meu minino morria,*

*Eu trazia*

*Um coraçãozinho di prata.*

.....

Foi ainda por muito tempo que o grupo da Ribeira Bote animou o Carnaval de São Vicente ao som de “Dô di dô, dô di quâ, parafû di plegá”, até aparecer o Grupo dos Mandingas. Mas essa já é outra estória e contas de outro rosário.

\* **Manuel Brito-Semedo**, escritor cabo-verdiano, professor universitário, inteligência em alto grau de criticidade, irreverência e simpatia, é autor de livros de ensaios e de crônicas e activista cultural com participação nos órgãos de comunicação social e bloguista.

## **Tripulação**

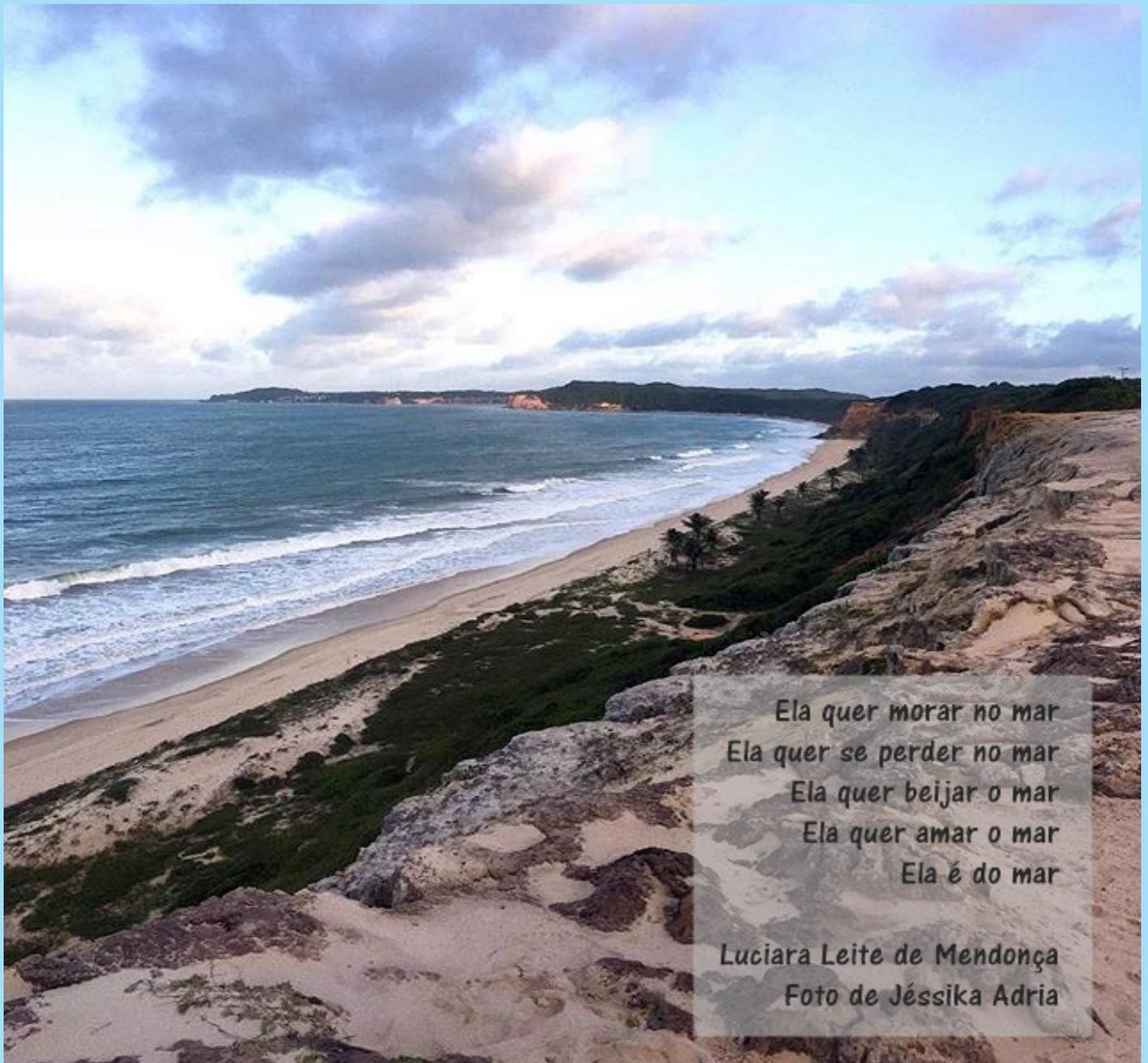
Em toda tripulação sempre haverá alguém que entra e alguém que sai. A tripulação pediu novos passageiros e assim foi feito. Uns ficam à margem e logo pulam abruptamente, talvez sejam felizes se comparados aos que ainda se mantêm na dúvida.

Há quem resolva teimar, ficar, como há também os mais ousados, que resolvem sair. Aconselho que nenhum tripulante deva ficar por comodidade. A comodidade para uns ou apego para outros não quer dizer amor, apenas o amor quer dizer amor.

E se vamos nos sujeitar que seja unicamente ao amor.

Johne Teles

Graduando em Licenciatura em Letras Espanhol, UFS



Ela quer morar no mar  
Ela quer se perder no mar  
Ela quer beijar o mar  
Ela quer amar o mar  
Ela é do mar

Luciara Leite de Mendonça  
Foto de Jéssika Adria

# Poesias

Poemas de Lívio Oliveira  
(do livro *O teorema da feira*)

ALTA CIDADE

alma:

lama.

um beco  
incrustado  
entre os nervos  
estalados  
e as veias hirtas  
da cidade  
é sempre  
o início  
da trama.

POEMAHARISHI

No país inteiro  
o morto é só um  
[e só]:  
estrangeiro,  
virou pó.

## O QUE FUI ONTEM

a linha se enovela  
na base do tempo,  
o gosto de pano  
revira na boca,  
anima missa alta  
e o vento flui,  
aos turbilhões.

nada sei sobre  
o rito imposto,  
sobre os avisos  
grudados na janela.

sei que é devido  
e se prepara, lento,  
o gole no copo  
e o sono no chão.

e o corte profundo  
é o desenho da guerra.  
na lista das bestas,  
a dança das siamesas,  
o tétano na ferida,  
o concreto do túmulo  
e algo que não se disse.

Lívio Oliveira, escritor e poeta premiado, é membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Publicou os livros de poemas *O colecionador de horas*, *Telha crua*, *Pena mínima*, *Dança em seda nua*, *Resma* e *O teorema da feira*. Também é autor de livro de ensaios e do CD *Cineclube* (com o músico Babal Galvão).

## DISPEPSIA (II)

Digiro dirigindo

O vasto giro do universo humano

Compro um pano, um tecido de seda para enxugar a boca

Molhada, encharcada pela gosma do egoísmo mal engolido

E tremam os corações, a Lei é o atalaia incansável.

Dirijo digerindo

O marasmo de incompreensões é um caos

Que cessou de ficar na Fila à espera de vitórias.

E tremam as “ilusões”... A Lei é o inimigo das emoções,

Um Hitler talvez...

## REENTRÂNCIAS

Disperso no espaço

Voo em cogitações

Vagas, sem novidades,

Do homem, em embaraço,

Que ruma improbidades,

Frias de emoções.

Olho pela janela

O mundo afoito correr

À busca de sacrifícios

No caos da sentinela

Que emprega fortes vícios

No desamor de viver...

Os olhos turvos ficam

Engulo saliva com dor

Um vento sai de mim

Raiva e choro petrificam

O poema cheio de amor;

Tremo, tombo, é o fim.

### **PALCO-MU(N)DO**

...onde as almas, desnudas,

Repudiam a música da alma

E as cortinas se fecham,

Em função do progresso,

Desabrigadas:

frouxas para a encenação

em máscaras de nudez...

A ordem é o silêncio

E as cortinas se fecham.

**Samuel de Mattos** é graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe. É pesquisador na área de Linguística Textual e possui experiência em criação literária, tendo publicado poemas e novelas em revistas eletrônicas e redes sociais.

## JORNADA

A folha caída  
riscou a calçada,  
rodou distraída,  
sumiu na estrada.

Um dia também  
iremos assim  
voando ao além,  
viagem sem fim.

Quem sabe semente  
de novo serei?

Preciso ir em frente,  
se volto, não sei.  
Na folha, abandono,  
desenha-se a espera,  
despede-se o outono,  
virá primavera?

À frente a estrada,  
apenas silêncio.  
Sol, vento,  
Mais nada.

(José de Castro)

## UMA VEZ MAIS

Há que se enxugar a lágrima  
e cingir os olhos de esperança.  
Resta muito a se caminhar,  
trilhar o insólito  
pelos áridos descaminhos da vida...

A viagem é longa em busca de se  
recuperar o inesperado brilho  
que nos escapa.

Há que se refazer o caminho,  
retomar o rumo perdido.  
Uma vez mais, recomeçar.

Reconstruir é tarefa sem termo.  
Pode durar uma vida, até mais.  
Não importa.  
O que nos move é a esperança  
de jamais provar o amargo sabor  
de uma indigna derrota.

(José de Castro)

## ARGONAUTAS

Vamos navegar  
mesmo tristes  
sem barco, sem mar,  
sem remo, sem leme  
trincando lágrimas,  
rangendo os dentes.  
A democracia fica  
um pouco mais  
à frente.

(José de Castro)

## **FALAS**

Minha fala é iluminada

Pela luz da lua

Trocamos palavras

Energizamos-nos em duetos

Garganta da noite

Madrugada a dentro.

Amamos desajuizadas

Um mesmo amante...

Aquele que deixa-nos em silêncios,

Grilos na cabeça

Barulhos de uma noite

Que só secretamente sabemos.

Nossas falas se intercalam

Se energizam, se calam.

Clécia Santos

É NATAL!

O galo anuncia:

- Cocorocó! Cocorocó!

O papagaio traduz

O galo falou que...

Maria deu a luz!

A vaca perguntou:

- Muuu!?! Muuu!?!

O papagaio faz a tradução

Onde? Onde?

- Perguntou a vaca com emoção!

A ovelha respondeu:

- Beeé! Beeé! Beeé!

O papagaio traduziu

Belém! Belém! Belém!

E logo o peru sumiu...

O guiné logo gritou:

- Tafaca! Tafaca!

O papagaio traduziu

Traga a faca! Traga a faca!

E o peru de longe gritou:

-Gluglu! Gluglu!

O papagaio traduziu

degola! degola!

a galinha da angola!

Fátima Gonçalves

## Cemitório

Gostaria de recitar um poema  
Mas não sei que poema grafar  
O mundo inteiro é um poema  
Só falta recitar

Quando o vento bate nos galhos e nas folhas  
Eu fico a observar  
De quem será o poema  
Desse lindo rimar?

O pássaro canta em pequenas trovas  
Aquilo que eu não sei recitar  
Eu tento sentir, mas só consigo sonhar

Meu mundo ainda está branco  
Na minha frente há duas canetas  
Nenhum risco, nenhum traço, nenhum símbolo  
E nenhuma das minhas letras

Eu quero recitar um poema  
E eu quero escrever o mundo  
Na minha frente as canetas jazem sem tinta  
E em mim o poeta jaz sem vida  
Quem sofre é o mundo, que jaz sem poesia

(Maria Gabriella)

## ANJO FLAUTISTA

Sempre que o dia nasce  
um anjo vem junto à minha janela  
e toca na sua flauta uma canção  
e borda o nascer do sol em aquarela.

É um anjo artista  
toca flauta e compõe as manhãs  
e no fim do dia pinta as tardes  
no horizonte em cores amendoadas  
com sua canção.

Toda tarde um anjo flautista  
entoa sua cantiga de céu  
e os pássaros todos em revoada  
batem asas e desaparecem no horizonte  
para se juntar às estrelas que louvam a Deus.

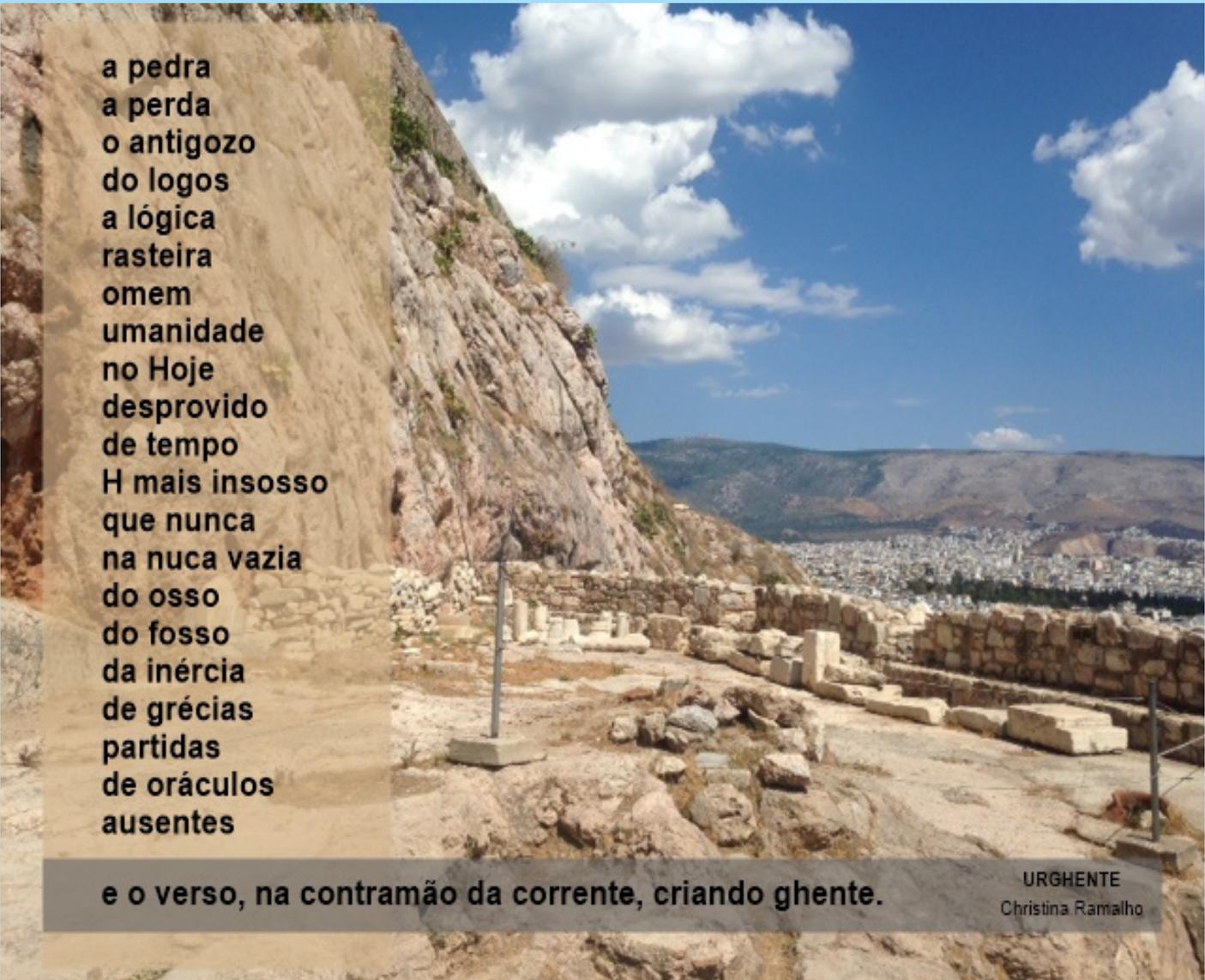
Um anjo flautista  
com jeito de artista  
pinta e borda com sua flauta  
as tardes e as manhãs.

Paula Belmino

## **Asa de borboleta**

Na asa da borboleta  
voa a primavera  
um elo entre rosa e amarelo  
recortes geométricos  
liberdade celestial  
Na asa de leve bordado  
flores ancestrais  
um tempo eterno  
de segredos e impressões  
Na asa da liberdade  
uma borboleta vai ao encontro  
de sonhos do amor  
Voa em busca da paz!

Paula Belmino



a pedra  
a perda  
o antigozo  
do logos  
a lógica  
rasteira  
omem  
umanidade  
no Hoje  
desprovido  
de tempo  
H mais insosso  
que nunca  
na nuca vazia  
do osso  
do fosso  
da inércia  
de grécias  
partidas  
de oráculos  
ausentes

e o verso, na contramão da corrente, criando ghente.

URGENTE  
Christina Ramalho

# Expediente

# Expediente

Revista Barbante  
Ano VI - Nº 21 - 06 de fevereiro de 2018  
ISSN 2238-1414

Editoras  
Rosângela Trajano  
Christina Ramalho

Revisão  
Dos autores

Conselho editorial  
Maria Reilta Dantas Cirino  
Shirlene Mafra  
Éverton Santos  
Filipe Couto  
Sylvia Cyntrão

Ilustrações desta edição  
Fotopoemas da oficina de Criação Literária dos alunos da professora  
Christina Ramalho.

Os textos assinados são de inteira responsabilidade  
dos autores.

